

BLUMENAU

em Cadernos

tomo 50 número 2 março/abril 2009



LEIA TAMBÉM:

- As colônias italianas no Brasil Meridional
- “Raízes comuns” e “imigrantes indesejáveis”
- Espaços públicos
- Os “clochards” de Blumenau
- Crônicas memorialistas

APOIO CULTURAL:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A



Talentos gerando soluções



Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcbu.com.br - www.fcbu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing
Vice-prefeito | Rufinus Seibet
Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schindwein
Diretor Administrativo-Financeiro |
Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff
Diretor do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010
Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcbu.com.br

Diretora | Sueli M. V. Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke
Carla Fernanda da Silva
Cristina Ferreira
Gervásio Tessaleno Luz
Ivo Marcos Theis
Marcos Schroeder
Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Liquidificador Comunicação e Arte

Normatização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir A. Petry **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,
concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;
Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.
Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.
Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.
Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-
Fundada por José Ferreira da Silva.
Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.
Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome
para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-
Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.
Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos
45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.
Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimensal
com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimensal de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração
alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.
Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide
Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9
ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos
1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Viajante

As colônias italianas no Brasil Meridional - Estados do Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná

Ranieri Venerosi Pesciolini

Tradução: Lino João Dell Antonio

7

Le Colonie Italiane Negli Stati Meridionali Del Brasile
(Rio Grande Do Sul – Santa Catarina – Paraná)

8

Artigos

Raízes comuns e imigrantes indesejáveis

Roberto Marcelo Caresia

34

Espaços públicos: palco das potencialidades juvenis

Queli Flach Anschau

61

Memórias

Os “clochards” de Blumenau

Dr. Walmor Erwin Belz

83

Entrevista

Ramiro Ruediger

Luiz Antônio Soares / Danilo Gomes

85

Fragmentos da nossa história local

Os loucos na cadeia local

110

Autores catarinenses
Crônicas memorialistas
Enéas Athanázio

115

APRESENTAÇÃO

A revista Blumenau em Cadernos oferece, como sempre, temas que merecem reflexão de pesquisadores e leitores.

Com a coluna **Documentos Originais – artigos**, continua-se com a publicação de textos extraídos da obra *“As colônias italianas no Brasil Meridional”*, de autoria do italiano Ranieri Venerosi Pesciolini. Para dar acesso ao leitor, a tradução vem sendo realizada pelo professor e pesquisador Lino João Dell Antonio. Neste texto são abordados vários subtítulos relacionados ao tema: *“Os animais – Sistemas Agrícolas - Indústrias subsidiárias da agricultura e indústria florestal – A cooperação na agricultura de produtos agrícolas – A indústria florestal – Indústria manufatureira – O comércio – O regime alfandegário – Os negociantes nas colônias – Cooperativas para a venda de produtos coloniais e cooperativas de consumo”*.

Na coluna **Artigos**, o Mestre em História Cultural, professor Roberto Marcelo Caresia, sob o título *“Raízes comuns e imigrantes indesejáveis: discurso e poder nas analogias entre teuto-brasileiros e estadunidenses no sul do Brasil”*, faz uma análise dos discursos referentes à identidade social do período de 1937-1945 em Blumenau e os compara com os discursos considerados “oficiais” que eram ventilados no grande Vale do Itajaí.

Num terceiro momento, publica-se o artigo intitulado *“Espaços públicos: palco das potencialidades juvenis”*, de autoria da Mestre em Sociologia, professora Queli Flasch Anschau, da UFSC. Neste trabalho são apresentados os resultados dos estudos sobre grupos de jovens que revelam mudanças, introduzem novos hábitos, questionam costumes no processo da formação urbana e da ocupação dos espaços públicos ao longo dos últimos anos na cidade de Blumenau.

Em **Memórias**, publica-se *Os “clochards de Blumenau”*, tema

que trata de lembranças de infância narradas pelo médico Walmor Erwin Belz, inspirado em algumas personagens que circulavam na cidade.

Na coluna **Entrevistas**, trazemos para o leitor um depoimento do senhor Ramiro Ruediger realizado no início dos anos oitenta para o programa radiofônico “Censura Livre”, o qual era apresentado pelos jornalistas Luiz Antônio Soares e Danilo Gomes. O entrevistado, na época, ocupava o cargo de vice-prefeito municipal, e, naturalmente, faz interessantes relatos ligados à vida política da cidade. Como desportista que sempre foi, revela também suas opiniões sobre o tema.

Publica-se, na coluna **Fragments de nossa história local** o texto intitulado “*Os loucos na cadeia local*”, o qual comenta o precário estado que se encontra a cadeia pública da cidade.

Ao final da edição, na coluna **Autores Catarinenses**, Enéas Athanázio reúne várias temáticas com comentários de obras publicadas, bem como notícias relacionadas à área da literatura.

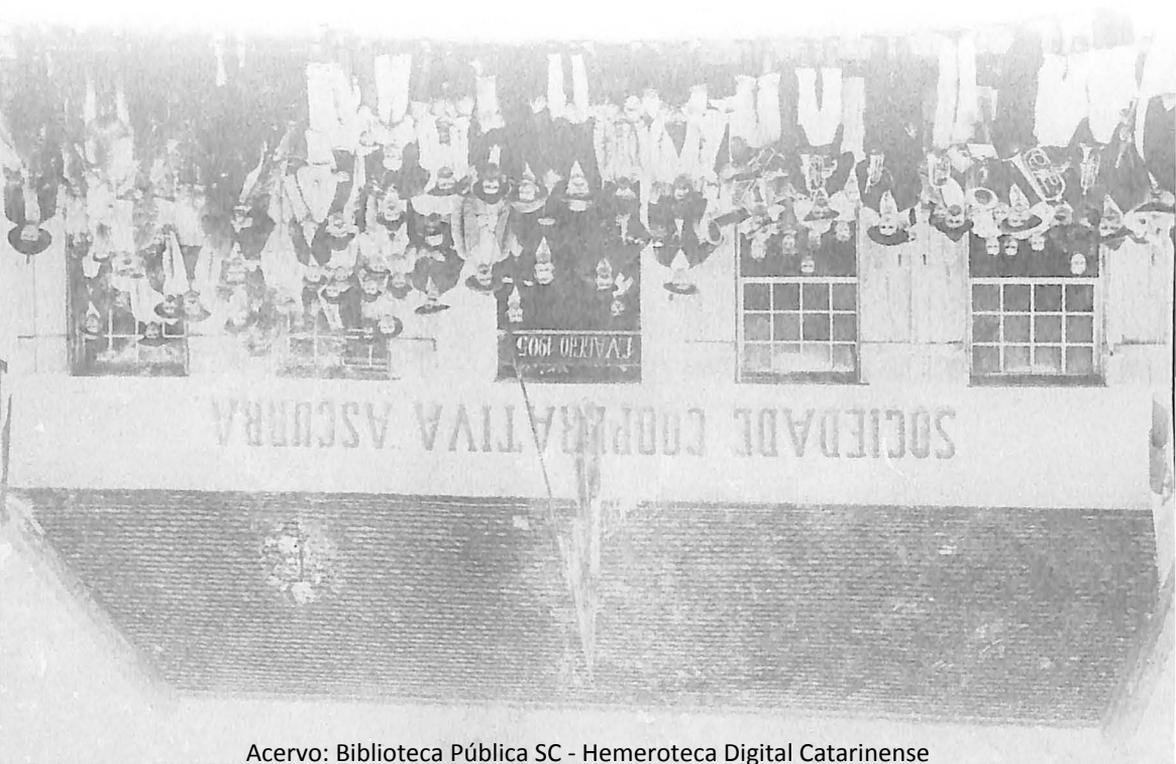
Para dar continuidade ao seu papel de divulgadora de literatura, história, memória e realidade locais, a revista espera contar com a colaboração dos seus leitores e pesquisadores através do envio de textos para as colunas **Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano**.

Sueli Petry

Diretora

Blumenau em Cadernos

BRASIL MERIDIONAL
As colônias italianas no



**LE COLONIE ITALIANE NEGLI STATI
MERIDIONALI DEL BRASILE
(RIO GRANDE DO SUL – SANTA CATARINA – PARANÁ)**

Ranieri Venerosi Pesciolini
Tradução: Lino João Dell Antonio¹

Il bestiame.

La maggiore importanza nell'allevamento del bestiame nelle colonie italiane è data ai suini: ogni colono ne há sempre almeno una quindicina.

Sono i maiali che permettono di utilizzare la produzione del granturco: una volta ucciso, del maiale si vende la carne ed il grasso.

Lo strutto di maiale raffinato (*banha*), che si vende sul posto a 500 o 600 *reis* al kg. é una delle risorse principali di tutti i coloni.

Poca importanza danno invece i coloni italiani all'allevamento del bestiame bovino. Questo costituisce una delle differenze maggiori fra i sistemi dei coloni nostri e dei tedeschi, i quali mantengono di solito un numero triplo di capi di bestiame e ne traggono indubbio vantaggio nella lavorazione del latte e nella vendita della carne.

In media un colono tedesco possiede una dozzina di vacche, venticinque o trenta maiali, tre o quattro cavalli: un colono italiano, sulla stessa superficie di terreno mantiene in media tre o quattro vacche, uno o due cavalli, una quindicina di maiali.

Il prezzo di un buon capo di bestiame bovino va dai 60 agli 80 *milreis* (100-130 lire).

¹ Tradutor do texto italiano. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos. Continuação das pp.. 240 a 255

AS COLÔNIAS ITALIANAS NO BRASIL MERIDIONAL ESTADOS DO RIO GRANDE DO SUL – SANTA CATARINA – PARANÁ

Ranieri Venerosi Pesciolini¹
Lino João Dell Antonio²

OS ANIMAIS

Os suínos são os animais mais importantes nas colônias italianas. Cada colono possui ao menos uns quinze. São tratados à base de milho. Após o abate se vende a carne e a banha.

A banha de porco, que se encontra nos postos a quinhentos ou seiscentos réis ao quilo, é um dos principais recursos de todos os colonos.

Ao contrário, dão pouca importância à criação de bovinos. Aqui está a grande diferença entre os nossos colonos e os alemães. Estes, de costume, mantêm o triplo de cabeças de gado e, sem dúvida, levam grande vantagem com os derivados do leite e com a venda da carne.

Em média, um colono alemão possui uma dúzia de vacas, vinte e cinco ou trinta porcos, três ou quatro cavalos. Na mesma extensão territorial, o colono italiano cria três ou quatro vacas, um ou dois cavalos e uns quinze porcos.

O preço de uma boa cabeça de gado bovino gira entre sessenta e oitenta mil réis (100 – 130 libras).

Os nossos colonos, nesses trinta anos que estão no Brasil,

1 Tradutor do texto italiano. Pesquisador e colaborador de Blumenau em Cadernos. Continuação das pp. 240 a 255.

2

Ma i nostri coloni in 30 anni che sono in Brasile non si sono distaccati per nulla dai sistemi agricoli che adottavano in pátria. Essi mancarono di qualche tecnico che guidasse l'attività del loro impareggiabile lavoro nell'adattamento ai nuovi ambienti.

Il sistema dei prati artificiali non esiste nelle colonie; tentativi per la introduzione dei nostri foraggi e specialmente dell'erba medica sono falliti. Il bestiame è lasciato pascolare liberamente nei pascoli naturali (*potreiros*), prati vicini a casa, che se d'estate offrono erba in abbondanza, in inverno talvolta sono interamente bruciati; ed allora il bestiame dimagra e deperisce sensibilmente. Non esistono stalle o ricoveri per gli animali, che vivono all'aperto giorno e notte, a tutte le intempérie: da ciò l'aspetto del pelo ruvido e brutto.

A Monte Veneto nel Rio Grande trovai che si era tentato il sistema di tenere il bestiame in stalla, ed alimentarlo con foraggi provenienti da prati artificiali, ma il proprietário mi disse che non era affatto conveniente.

Il cavallo da sella è divenuto in queste regioni il compagno inseparabile del colono. Lo adoperano per andare a scuola i ragazzi, che stanno in due o tre sulla groppa dello stesso e senza sella; lo adoperano le donne per andare al mulino ed alla chiesa, e con la maggiore indifferenza vi stanno sopra tenendo anche i bimbi in collo.

Non sono belli i cavalli dei coloni; di media statura, piuttosto magri per il vitto poco nutriente, ed il pelo ruvido che conosce le intempérie e non la strigliá; ma sono invece robusti e resistenti.

Non ricordo di aver visto in questi Stati dei cavalli colle ginocchia sciupate. Si viaggia per settimane intere sullo stesso cavallo, cavalcando da mattina a será, senza che dia segno di stanchezza. Alla será, giunti a destinazione, si lascia libero nel *potreiro*, allá mattina pochi litri di granturco, e di nessun'altra cura abbisogna il cavallo.

não se destacaram em nada nos sistemas agrícolas que adotavam na pátria. Sentiram a falta de técnicos que orientassem a atividade do seu inigualável trabalho, na adaptação aos novos ambientes.

Não existe na colônia o sistema dos pastos artificiais. Tentativas para a introdução de nossas forragens, especialmente as leguminosas, todas fracassaram. O gado circula livremente em pastagens naturais, pastos perto de casa, que, se no verão oferece capim em abundância, no inverno, às vezes, estão inteiramente secos. Então o gado emagrece e decai sensivelmente. Não existem estrebrias ou abrigos para os animais, que vivem soltos dia e noite, debaixo das intempéries. Daí vem o pelo áspero e feio.

Em Monte Vêneto, no Rio Grande, me parece que tinham tentado o sistema de manter o gado em estrebrias e alimentá-lo com forragens provenientes de pastos artificiais, mas o proprietário me disse que não era de fato conveniente.

O cavalo selado tornou-se nestas regiões o companheiro inseparável do colono. Os homens o usam para ir a qualquer lugar. Não se faz duzentos metros a pé. Os meninos vão à escola, com dois ou três na garupa, sem sela. As mulheres o usam para ir à atafona e à igreja e, com a maior indiferença cavalgam com crianças no colo.

Não são bonitos os cavalos dos colonos. De estatura média, magros por causa do trato pouco nutritivo e de pelo áspero, que conhece as intempéries e não a escova. Todavia são fortes e resistentes.

Não lembro de ter visto nestes Estados cavalos com juntas deterioradas. Viaja-se semanas inteiras de manhã à noite, com o mesmo cavalo, sem dar sinais de cansaço. À noitinha, chegados ao destino, deixam-no livre no potreiro. De manhã lhe dão poucos litros de milho e de nenhum outro cuidado o cavalo precisa.

A mula, muito usada entre os colonos, é particularmente resistente, segura nas viagens à noite e nos lugares alagadiços. Com instinto

Il mulo, molto in uso presso i coloni, è particolarmente resistente, sicuro nei viaggi di notte e per luoghi paludosi, ove con istinto speciale sa schivare i pericoli dei pantani.

Il prezzo dei cavalli varia dagli 80 ai 200 milreis (dalle 130 alle 300 lire) a seconda dei tipi e del modo di trottare; sono molto apprezzati i cavalli che hanno la cosiddetta *marcha* o *marchadeiros*, una especie di *ambio* che evita ogni scossa al cavaliere.

Sistemi agricoli.

I sistemi agricoli delle colonie denotano uno stato veramente primitivo dell'industria agricola, ancora estensiva.

Non si parla di rotazioni razionali di colture che mantengano una certa fertilità nel terreno, non di concimi: generalmente dappertutto si susseguono sullo stesso suolo per anni ed anni colture di granturco.

Per mettere a coltivazione un terreno, si comincia a incendiar la foresta, poi si tagliano i rami e si atterrano i tronchi abbruciacchiati che il fuoco non distrusse. Di questi solitamente si asporta dal campo solo quel tanto che è necessario a lasciare spazio sufficiente per la coltura; in molti luoghi il legname non si vende, perchè non vi è convenienza, e si semina fra i tronchi e le ceppaie che ingombrano il campo. Per 5 o 6 anni di seguito il terreno così preparato dà raccolti di granturco; alla fine di tal periodo, esauritane la fertilità si lascia riposare per altri 5 o 6 anni, durante i quali cresce sul terreno abbandonato una vegetazione di arbusti ed alte erbe detta *capoeira*. Si abbrucia allora la *capoeira* e sul terreno alquanto riposato e reso fertile dalla cenere si torna a seminare il granturco; ma questa volta non si há più la fertilità primitiva, e dopo 2 o 3 anni il terreno è di nuovo spossato dalla coltura e sovente, se situato in località scoscese, anche dalle acque.

especial se livra dos perigos dos atoleiros.

O preço dos cavalos varia de oitenta a duzentos mil réis (150 a 300 libras), conforme o tipo e o modo de trotar. São muito valorizados os cavalos que possuem a conhecida marcha ou marchadores, espécie de trote que evita movimentos bruscos ao cavaleiro.

SISTEMAS AGRÍCOLAS

Os sistemas agrícolas das colônias revelam um estado essencialmente primitivo da indústria agrícola, ainda extensiva.

Não se fala da rotatividade de culturas, que mantenham determinada fertilidade ao solo, nem de adubos. Geralmente, em todos os lugares, por anos e anos, sobre o mesmo solo se cultiva o milho.

Para começar a cultivar um terreno, se começa a queimar a floresta. Depois de desgalhar, se derrubam os troncos parcialmente queimados, que o fogo não destruiu. Habitualmente se destoca só o tanto necessário para o plantio. Em muitos lugares, não se vende a lenha, pois não compensa e se semeia entre os troncos e as cepas, que entulham a roça. Durante cinco ou seis anos seguidos, o terreno, assim preparado, dá colheitas de milho. No fim do período, exaurida a fertilidade, deixa-se em repouso por outros tantos anos, durante os quais cresce no terreno abandonado uma vegetação arbustiva e outros capins, chamados capoeiras. Queima-se então a capoeira e, sobre o terreno um pouco descansado e fertilizado pela cinza, torna-se a plantar milho. Mas agora, sem a fertilidade primitiva, depois de dois ou três anos, o terreno está de novo enfraquecido pela cultura e frequentemente, quando situado em localidades altas, também pelas águas.

Os meios de produção agrícola também são permitidos.

Anche i mezzi di produzione agricola sono primitivi: non macchine, non aratri, non si adopra altro strumento che la zappa, e poco anche quella. È notevole il disquilibrio che qui si trova fra i fattori della produzione: si richiede tutto alla natura ed al lavoro, è scarsissimo quase sempre il concorso del capitale sotto qualsiasi forma, fisso o circolante; il colono fornisce da se solo i tre fattori della produzione, è un vero *produttore autonomo*.

D'altra parte, per quanto possa ai tecnici sembrare necessario in queste colonie l'impiego di concini ed altri mezzi che i sistemi agricoli intensivi esigono, non sembra che questi si potranno adottare, fino a che vi saranno vicino alle colonie delle regioni ancora vergini, facilmente occupabili. I terreni esauriti si abbandonano anzichè ricostituirli, e la zona coltivata si sposta e si estende.

Caratteristica di queste colonie è la policoltura, favorita sia dal clima adatto alle colture più diverse, sia dal frazionamento della proprietà terriera. Ogni colono produce un po'di tutto quello che gli occorre per il consumo della famiglia; la grande industria agricola specializzata non trova qui campo favorevole; queste colonie non potranno mai avere una fisionomia somigliante nè alla campagna Argentina, nè alle *fazendas* di San Paolo.

La stessa configurazione montuosa e frastagliata dei terreni impedisce l'impiego delle macchine da quella richieste. La divisione e la specializzazione della produzione, che si sviluppa in ragione diretta dell'estensione del mercato, trova inoltre e troverà ancora per molto tempo in queste colonie ambiente refrattario, per la difficoltà delle comunicazioni che restringono e localizzano in modo eccezionale il mercato.

INDUSTRIE SUSSIDIARIE DELL'AGRICOLTURA E INDUSTRIA FORESTALE

Não há máquinas, nem arados. Não se usa outro instrumento a não ser a enxada e pouco também esta. É notável o desequilíbrio entre os fatores de produção. Exige-se tudo da natureza e do trabalho, porém, é muito limitado o capital empregado sobre qualquer forma fixa ou circulante. O colono que por si só executa os três fatores de produção, é um verdadeiro produtor autônomo.

Por outro lado, por quanto possa parecer necessário aos técnicos, nestas colônias, o emprego de adubos e outros meios que os sistemas intensivos exigem, nunca serão adotados até que existam perto das colônias regiões ainda virgens, facilmente ocupáveis. Os terrenos exauridos se abandonam ao invés de recuperá-los. A área cultivada é deslocada e se amplia.

A policultura é a característica destas colônias, favorecida pelo clima próprio para as mais diversas culturas e também pelo fracionamento da propriedade rural. Cada colono produz um pouco de tudo que necessita para o consumo da família. A grande agroindústria especializada não encontra aqui ambiente favorável. Estas colônias jamais poderão ter uma fisionomia semelhante nem com a campanha argentina e nem com as fazendas de São Paulo.

A própria formação montanhosa e recortada dos terrenos impede o uso de máquinas exigidas pela agroindústria. A divisão e a especialização da produção, que se desenvolvem em razão direta da extensão do mercado, encontram, além disso, e ainda encontrará por muito tempo, nestas colônias, ambiente refratário, pela dificuldade das comunicações que restringem e isolam de modo excepcional o mercado.

INDÚSTRIAS SUBSIDIÁRIAS DA AGRICULTURA E INDÚSTRIA FLORESTAL

Le industrie sussidiarie e derivate dell'agricoltura risentirono dell'ambiente medesimo: la deficienza di capitale impedì che si formasse una vera grande industria.

Nella casa di ogni colono si esercitano tutte le industrie della lavorazione dei prodotti agricoli, ed altresì, di produzione di altri articoli necessari; basti ricordare la fabbricazione del vino, quella del formaggio, dello strutto raffinato, la fabbrica dei cappelli di paglia, quella di seta in certe colonie di Santa Catharina, la preparazione del tabacco per fumare; e perfino quella del sapone mediante il grasso del maiale unito alla potassa, che ho visto fare da diverse massaie in Nuova Venezia ed altrove.

Questa molteplicità di piccole industrie familiari, propria di una società primitiva, con tutte le imperfezioni dovute alla mancanza di specializzazione tecnica, se fu sufficiente a supplire ai bisogni vari delle singole famiglie, non può certamente portare un grande progresso economico in quelle colonie.

La cooperazione nella lavorazione dei prodotti agricoli.

Peraltro sembra che a risolvere la situazione si appresti il cooperativismo che già incomincia a farsi strada nella lavorazione di alcuni dei prodotti più importanti delle colonie. L'inizio deciso della produzione cooperativa si è avuto da due anni a questa parte nel Rio Grande do Sul, come già ho detto nella prima parte di questa relazione.

I tre prodotti coloniali maggiori, il vino, i latticini, lo strutto di maiale (*banha*), che erano fino ad ora in massima parte lavorati imperfettamente e con sistemi primordiali dai singoli coloni, e solo in quantità relativamente piccola da alcuni industriali, cominciano ora a concentrarsi negli stabilimenti cooperativi diretti da tecnici, ove se ne cura la lavorazione con sistemi razionali.

As indústrias subsidiárias e derivadas da agricultura sofreram do mesmo problema: a falta de capital impediu que se formasse uma grande indústria.

Na casa de cada colono se praticam todas as indústrias da produção agrícola e ainda se produz outros artigos necessários. Basta lembrar a fabricação do vinho, da banha, dos chapéus de palha, dos tecidos de seda, (em certas colônias de Santa Catarina), da obtenção do fumo em corda e por fim, a do sabão, feito com a gordura do porco e potássio, que vi fazer pelas donas de casa em Nova Veneza e em outros lugares.

Esta quantidade de pequenas indústrias caseiras, próprias de uma sociedade primitiva, com todas as imperfeições advindas da falta de tecnologia, se foi suficiente para suprir as várias necessidades de cada família, não pode certamente trazer um grande progresso econômico nestas colônias.

A COOPERAÇÃO NA CULTURA DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

Todavia, para resolver a situação se apresenta o cooperativismo, que já começa a se destacar na cultura de alguns produtos mais importantes das colônias. O início decisivo da produção cooperativa ocorreu há dois anos aqui nesta parte do Rio Grande, como já falei na primeira parte desta exposição.

Os principais produtos coloniais, o vinho, os laticínios e a banha, até agora tratados na sua maioria de forma precária e com sistemas antigos pelos colonos e em quantidade relativamente pequena por alguns industriais, começam agora a concentrar-se nas cooperativas, dirigidas por técnicos, onde se aplicam procedimentos de sistemas racionais.

Nos outros dois estados, Santa Catarina e Paraná, não há ainda

Negli altri due Stati, di Santa Catharina e Paraná, non ancora si hanno cooperative di produzione, se se ne eccettui una di latticini nella colonia di Luiz Alves in Santa Catharina; ma è da augurarsi che il Governo brasiliano si adoprerà per promuovere la cooperazione anche in quegli Stati, e specialmente in Santa Catharina, essendo questo l'único sistema che in mancanza di capitali possa aiutare lo svolgimento della ricchezza delle colonie.

L'industria forestale.

Un'industria di cospicua risorsa per i proprietari di colonie situate in vicinanza dei fiumi od in località accessibili al commercio, è l'industria forestale. Le foreste vergini che ricuoprono tanta parte del territorio di questi Stati contano una varietà grandissima di piante che danno legname ottimo da lavoro (*madeira de lei*).

Alcune qualità più conosciute sono: il pino ombrellifero, detto del Paraná (*araucária brasiliensis*), che è abbondantissimo e serve principalmente per la costruzione delle case di legname;

l'Ipè (*tecoma ipê*), (densità 1,048; resistenza 885 kg. Per cm²) molto usato per fare le ruote e le traversine per ferrovie;

il Cedro incarnado (*cedrela brasiliensis*), il legname più ricercato per fare mobili;

il Pao ferro (*swartzia tomentosa*), (densità 1,270, resistenza 951 kg. per cm²) durissimo, e molto usato per lavori fluviali;

il Louro (*cordia hypoleuca*) (densità 0,923, resistenza 681 kg. per cm²), serve per fare assicelle per coprire i tetti ed i pavimenti;

inoltre sono comuni l'Angico (*piptadenia rígida*), la Cannella preta (*nectandra mollis*), la Peroba (*aspidosperma*), ed altri moltissimi legnami di valore.

cooperativas de produção, exceto uma de laticínios na colônia Luiz Alves, em Santa Catarina. Espera-se que o governo brasileiro se esforce para promover o cooperativismo também nestes estados e especialmente em Santa Catarina, sendo este o único sistema que, na falta de capital, pode promover o desenvolvimento da riqueza das colônias.

A INDÚSTRIA FLORESTAL

A indústria de grandes recursos para os proprietários de colônias situadas perto dos rios ou em localidades acessíveis ao comércio, é a florestal. As matas virgens que cobrem grande parte do território destes Estados possuem uma variedade enorme de madeiras de lei. Algumas qualidades de madeiras mais conhecidas são: o pinheiro ombrófilo, chamado do Paraná (*araucária brasiliensis*) que é abundantíssimo e serve principalmente para a construção das casas de madeira; o ipê (*tecoma ipê*), (densidade 1,048; resistência 885 kg por cm²) muito usado para fazer rodas e dormentes para as ferrovias; o cedro rosa (*cedrela brasiliensis*), a madeira mais procurada para fazer móveis; o pau ferro (*swartzia tomentosa*), (densidade 1,270, resistência 951 kg por cm²), duríssimo e muito usado em trabalhos fluviais; o louro (*cordia hypoleuca*), (densidade 0,923, resistência 681 kg por cm²), serve para fazer tabuletas para cobrir os tetos e os pavimentos; além disso são comuns o angico (*piptadenia rígida*), a canela preta (*nectandra mollis*), a peroba (*aspidosperma*), e outras variadíssimas madeiras de valor.

Embora exista uma legislação florestal no Brasil, contudo, até agora, se fez a derrubada de modo mais desorganizado. Foi uma destruição a ferro e fogo que os colonos fizeram dos bosques nas regiões coloniais.

Não seria de se surpreender se esse desmatamento total sobre as encostas das colinas, sem nenhuma reserva, sem preservar os declives

Sebbene non manchi una legislazione forestale nel Brasile, pure fino adesso si è preceduto al diboscamento nel modo più disordinato. È stata una vera distruzione col ferro e col fuoco che i coloni hanno fatto dei boschi nelle zone coloniali.

Non vi sarebbe da meravigliarsi se questo disboscamento sul dorso delle colline, completo, senza alcun ritegno, senza risparmiare nè i declivi più scoscesi, nè i crinali più alti, imponesse fra alcuni anni nel Brasile meridionale un problema forestale, come l'abbiamo noi in alcune parti d'Italia.

Già ho sentito da molti coloni vecchi lamentare le conseguenze del diboscamento: le grandinate, le brinate nelle valli dei fiumi, ove mai si erano viste, che uccidono i raccolti di canna da zucchero, le piene irruenti che arrecarono in questi ultimi anni molti danni specialmente nel Rio Grande. Sembra però che adesso i Governi pensino a far rispettare le leggi forestali almeno nelle colonie di nuova formazione.

INDUSTRIA MANIFATTURIERA

L'industria manifatturiera è per ora assai modesta nei tre Stati sud-brasiliani; le fabbriche di vario genere che si trovano nei centri urbani appartengono per la maggior parte a tedeschi od a brasiliani.

Nelle colonie italiane non si può parlare di vera e propria industria manifatturiera; ciò nondimeno tutto lascia sperare che, in tempo più o meno lontano, queste regioni dovranno avere uno sviluppo industriale. Ho accennato altrove agli inizi di industrie che si svolgono più qua e più là, ed in alcune parti, come ad esempio in Caxias, con indici assai promettenti.

Si deve tener conto che questi paesi dispongono di molti elementi favorevoli al sorgere delle industrie.

mais acentuados, nem os divisores de água mais altos, vier a criar, dentro de alguns anos no Sul do Brasil, um sério problema florestal, como temos nós em algumas partes da Itália.

Já escutei de muitos colonos velhos, lamentar as consequências do desmatamento: as chuvas de granizo, as geadas nos vales dos rios, onde jamais eram vistas e que destroem as colheitas de cana de açúcar e as enchentes violentas que causaram nestes últimos anos muitos prejuízos, especialmente no Rio Grande. Parece, porém, que agora os governos pensam em fazer respeitar as leis florestais, pelo menos, nas novas colônias a serem formadas.

INDÚSTRIA MANUFATUREIRA

A indústria manufatureira por ora é bastante modesta nos três Estados do Sul brasileiro. As fábricas de produção diversificada, que se localizam em centros urbanos, pertencem em sua grande maioria a alemães ou a brasileiros.

Nas colônias italianas não se pode falar de uma verdadeira e própria indústria manufatureira. Apesar disto, deixa prever que, em tempo mais ou menos distante, estas regiões deverão ter um desenvolvimento industrial. Em outro local falei das indústrias que se desenvolvem em determinadas localidades, como, por exemplo, em Caxias [atual Caxias do Sul], com indícios muito promissores. Deve-se levar em conta que essas regiões dispõem de muitos fatores favoráveis para o surgimento de indústrias.

O cultivo do algodão, do linho, as amoras e a criação de casulos dão bons resultados em quase todos os lugares destas colônias. Se até agora não houve produção em larga escala, deve-se somente à falta de iniciativas e sobretudo de capital e de comércio.

Le colture del cotone, del lino, i gelsi e l'allevamento del baco da seta, danno buoni risultati quase ovunque nelle colonie, e se non se ne ebbe fin'ora una produzione su larga scala, ciò si deve solamente alla mancanza di iniziative e soprattutto di capitali e di commercio.

Le correnti d'acqua e le cascate sono numerose; già ne sono utilizzate parecchie per mulini e segherie, e da qualche anno si vanno cercando per trasformarle in energia elettrica. So di um colono della 5^a *lega* del municipio di Caxias che quando andò a vedere il lotto coloniale assegnatogli si stimò disgraziato trovandovi compresi dei dirupi ed uma cascata d'acqua alta 80 metri; ma ebbe a ricredersi al principio di quest'anno, quando potè vendere il dirupo (*paredão*) per quase 170.000 lire, ad una Società industriale di Porto Alegre.

Inoltre, come già accennai, il sottosuolo di questi regioni, sebbene per ora sia stato poco studiato, sa as certamente che è provvisto di risorse minerarie, fra cui principali il carbone fossile, sebbene di qualità secondaria, ed i minerali di ferro.

Sembra quindi molto probabile che in um avvenire, forse non lontano, questi Stati trarranno in misura considerevole dalle industrie le proprie risorse. E tal situazione dovrà pure porre problemi ed avere influenza determinante nel movimento commerciale, fino ad ora, purtroppo minimo, fra l'Italia ed i medesimi.

IL COMMERCIO

Viabilità interna, ferrovie, trasporti marittimi.

La deficienza di commercio è il problema dominante di queste colonie. Questa ne impedisce lo sviluppo economico rovinando nelle radici, atrofizzando la produzione.

As correntezas d'água e as cascatas são numerosas. Muitas delas já estão sendo usadas para atafonas e serrarias. Daqui a algum tempo transformar-se-ão em energia elétrica. Conheço um colono da 5ª liga de Caxias, que, quando foi ver o lote colonial a ele destinado, sentiu-se prejudicado porque o lote continha paredões e uma cascata d'água de 80 metros de altura. Teve que mudar de opinião no começo deste ano, quando conseguiu vender o paredão por quase 170.000 libras a uma sociedade industrial de Porto Alegre.

Além disso, como já acenei, o subsolo destas regiões, embora pouco estudado até agora, se sabe com certeza que contém reservas minerais. Apesar de qualidade inferior, entre os principais está o carvão fóssil e os minérios de ferro.

Portanto, parece provável que no futuro, talvez não distante, estes Estados retirarão em medidas consideráveis das indústrias os próprios recursos. E tal situação deverá certamente resolver problemas e ter influência determinante no movimento comercial, até agora infelizmente mínimo, entre a Itália e os mesmos.

O COMÉRCIO

A deficiência do comércio é o principal problema das colônias. Ela impede o desenvolvimento econômico pelas raízes, atrofiando a produção.

São vários os motivos que impedem a comercialização. Os principais são: a péssima viabilidade interna, a deficiência de ferrovias, o custo dos transportes ferroviários, onde existe, e marítimos, além dos impostos que incidem sobre os produtos.

Falando das colônias em particular me referi à falta generalizada

Sono vari i motivi che inceppano il commercio: ma i principali sono la pessima viabilità interna, la deficienza di ferrovie, la carezza dei trasporti ferroviari ove esistono le strade ferrate, la carezza dei trasporti marittimi: inoltre i dazi che gravano i prodotti.

Parlando delle singole colonie ho accennato allá mancanza quase generale di comunicazione ferroviare, ed allo stato deplorabile delle strade. Una strada lunga e disastrosa per giungere al mercato significa, come abbiamo visto, per molte colonie, dover vender i prodotti a prezzi irrisori, e per alcune nelle quali il prezzo di trasporto eguaglia o supera il prezzo del prodotto, perfino la impossibilita di smerciarlo.

Qualche colonia non può vendere il granturco per la troppa distanza, qualche altra non può mandare sul mercato il vino, perchè le troppe scosse impedirebbero che arrivasse in condizioni commerciabili a destinazione.

I trasporti per ferrovia, dove esistono, sono cari, ed altrettanto lo sono i noli per mare.

Ad esempio, le ultime tariffe del Lloyd Brasileiro approvate per le merci nell'aprile del corrente anno dal Ministro dei lavori pubblici, sebbene notevolmente ribassate, portano i seguenti noli pel tragitto fra i porti tra i quali transitano generalmente i prodotti delle nostre principali colonie.

I prezzi sono per ogni 30 kg. o 60 decimetri cubi di merce:

Da Porto Alegre a Rio Grande 3000 *reis*²

Da Porto Alegre a Rio de Janeiro 4000 *reis*

Da Laguna a Rio de Janeiro 4000 *reis*

Da Florianópolis a Rio de Janeiro 3500 *reis*

2 Miile *reis*, cioè um *milreis*, valgono al cambio attuale L. 1,68 circa.

de ferrovias e ao estado deplorável das estradas. Uma estrada longa e desastrosa para atingir o mercado significa, para muitas colônias, como vimos, ter que vender os produtos a preços irrisórios e para algumas onde o custo do transporte se equipara ou supera o valor do produto, até a impossibilidade de comercializá-lo.

Determinada colônia não pode vender o milho por causa da grande distância. Outra não pode comercializar o vinho porque os movimentos bruscos dos transportes impediriam que chegasse ao destino em condições comerciáveis.

Os transportes ferroviários, onde existem, são caros, como também, as tarifas por mar.

Como exemplo, as últimas tarifas do Loyd Brasileiro aprovadas para os produtos comerciais do corrente ano pelo Ministro dos Serviços Públicos, embora sensivelmente rebaixadas, trazem as seguintes tarifas por trajeto entre os portos, nos quais transitam os principais produtos das nossas colônias.

Os preços para cada 30 kg. ou 60 decímetros cúbicos de produtos são:

De Porto Alegre a Rio Grande	3.000 réis
De Porto Alegre a Rio de Janeiro	4.000 réis
De Laguna a Rio de Janeiro	4.000 réis
De Florianópolis a Rio de Janeiro	3.500 réis
De Itajaí a Rio de Janeiro	3.500 réis
De São Francisco a Rio de Janeiro	3.000 réis
De Paranaguá a Rio de Janeiro	3.000 réis

Os preços altos se devem, principalmente, pelas dificuldades de navegação - despesas de pilotagem e cobertura de riscos - mas também à deficiente administração das Sociedades de Navegação locais. Estas, não tendo a concorrência de grandes navios mercantis entre os portos

Da Itajahy a Rio de Janeiro 3500 *reis*
Da S. Francisco a Rio de Janeiro 3000 *reis*
Da Paranaguá a Rio de Janeiro 3000 *reis*

L'altezza dei prezzi è dovuta specialmente alle difficoltà di navigazione, che richiedono spese di pilotaggio e espongono a rischi, ma anche alla poco buona gestione amministrativa delle Società di Navigazione locali. Queste non avendo nel servizio di cabotaggio fra i porti secondari la concorrenza di grandi piroscafi europei, rialzano le tariffe a volontà. Mi si disse che per trasportare una macchina ferroviaria dal Rio Grande al porto di Bahia, sempre in Brasile, si era avuta la convenienza di mandarla in Inghilterra con un vapore inglese, e di là farla andare a Bahia su altro vapore inglese!

Il regime doganale.

Contribuisce poi in forte misura, ad inceppare il commercio, anche il sistema doganale brasiliano, che distribuisce dazi i quali riescono nel modo più efficace a scoraggiare tanto l'esportazione e quindi la produzione, come l'importazione.

Per spiegare come ciò avvenga, si noti che la finanza brasiliana trae le sue risorse quasi esclusivamente dalle dogane: i dazi di importazione vanno a beneficio del Governo Federale, quelli di esportazione sono lasciati ai Governi dei singoli Stati. Alcune tasse di esportazione raggiungono il 10% del valore de prodotto. Come ciò non bastasse, anche molti municipi hanno le loro tasse di esportazione, e non esce dal territorio municipale una dozzina di uova senza aver pagata la tassa.

(I prodotti che non vengono esportati sono soggetti ad imposta sul consumo e niente sfugge ad essa: *sellos* – marche da bollo – si vedono

secundários, elevam os preços a seu bel prazer. Foi me dito que para transportar uma locomotiva do Rio Grande ao porto da Bahia, sempre no Brasil, era conveniente levá-la à Inglaterra com um vapor inglês e daí à Bahia também com um vapor inglês!

O REGIME ALFANDEGÁRIO

Também o sistema alfandegário brasileiro contribui com fortes proporções para delimitar o desenvolvimento do comércio. A distribuição de taxas consegue de uma maneira eficaz desencorajar tanto a exportação, portanto a produção, como a importação.

Para explicar como isso acontece note-se que a fazenda pública brasileira tira seus recursos quase que exclusivamente nas alfândegas: as taxas de importação são do Governo Federal e as de exportação são destinadas aos Governos de cada Estado. Algumas taxas de exportação chegam a 10% do valor do produto. Como se ainda não bastasse, muitos municípios possuem as suas taxas de exportação e não sai do território municipal uma dúzia de ovos sem taxa paga.

(Os produtos que não são exportados estão sujeitos aos impostos de consumo e nada foge a estes: selos – estampilhas do tesouro – se vêem em toda parte: coladas às garrafas de vinho, de cerveja, aos salames, a tudo aquilo que se vende. Entre os impostos diretos está o imposto territorial).

Se aos produtos de exportação se acrescentam as despesas de armazenamento, de depósito, de comissão, de transferência, etc..., que são altíssimas, facilmente se compreende como muitos produtos para chegar a Rio de Janeiro ou a outro grande mercado, devem suportar uma despesa de transporte quase igual ao seu valor e, portanto, não tem condições de suportar a concorrência.

dappertutto: attaccati alle bottiglie di vino, di birra, ai salumi, a tutto ciò che si vende. Di imposte dirette vi è l'imposta territoriale).

Se si aggiungono ai prodotti che si esportano le spese di magazzinaggio, di deposito, di commissione, di trapasso, ecc., che sono altissime, facilmente si comprende come molti prodotti, per arrivare a Rio de Janeiro od in altro grande mercato, debbono sopportare una spesa di trasporto quase eguale al loro valore, e sono quindi messi in condizione di non resistere alla concorrenza.

Per conto proprio il Governo Federale, facendo una politica eccessivamente protezionista, applica dazi assolutamente proibitivi alle importazioni dall'estero; dazi che si aggirano intorno al 40 ed al 50 per cento del valore e vanno anche, per certi articoli, al 100 per cento. Ciò spiega perchè costa tanto caro nelle colonie tutto ciò che è prodotto dall'industria manifatturiera.

I negozianti nelle colonie.

Il commercio nelle colonie è esercitato generalmente da coloni italiani più svegli, od ex-coloni che nei paesi od ai crocicchi delle strade hanno messo su una *venda* od un *armazem*. Sovente, scarseggiando il denaro nelle colonie, il commercio funziona in modo primitivo mediante lo scambio dei prodotti, detto *troco*.

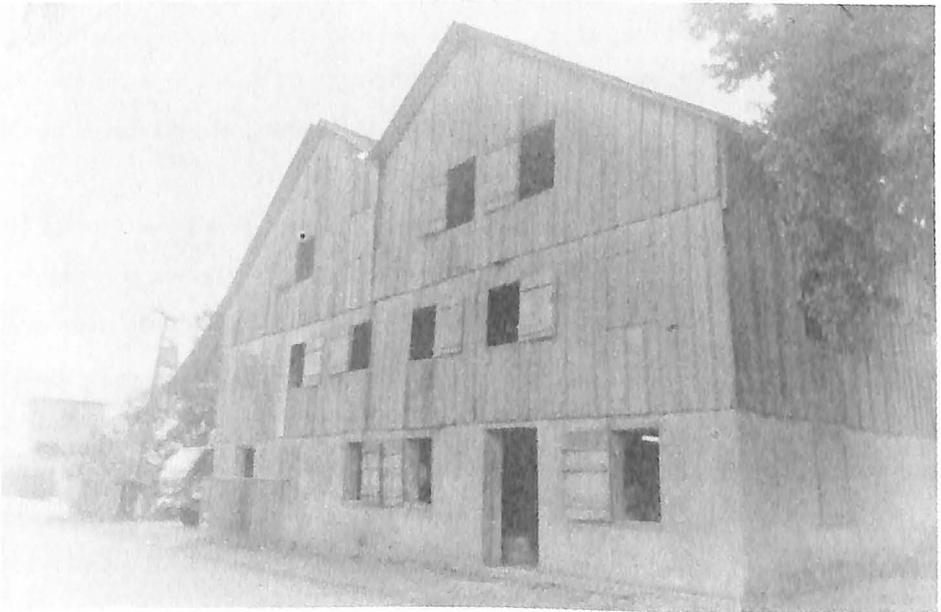
I coloni cedono i loro generi al negoziante, il quale gli corrisponde altri articoli manufatti; quelli spesso sono loro accreditati per prezzi irrisori, questi invece addebitati per prezzi carissimi.

Ma i commercianti italiani di solito limitano la loro sfera di azione alla zona coloniale; essi stessi alla lor volta fanno capo per l'importazione e per l'esportazione ai commercianti delle capitali, che sono in maggioranza tedeschi.

Por conta própria o Governo Federal, fazendo uma política excessivamente protecionista, aplica taxas que tornam impossível a importação do exterior, preços que giram em torno dos 40 a 50% do valor e para certos artigos, 100%. Isto explica porque custa muito caro, nas colônias, tudo aquilo que é produzido pela indústria manufatureira.

OS NEGOCIANTES NAS COLÔNIAS

O comércio nas colônias é feito geralmente pelos colonos italianos mais influentes ou por ex-colonos que nas comunidades ou nas encruzilhadas das estradas construíram uma venda ou um armazém. Quase sempre, quando há falta de dinheiro nas colônias, o comércio funciona de modo primitivo mediante permuta de produtos, chamada troca.



Casa de comércio na região italiana do Vale do Itajaí. Acervo A.H.J.F.S.

Sono questi che dominano il mercato coloniale, non i negozianti delle colonie. I negozianti delle colonie potranno in un lasso di tempo avvantaggiarsi discretamente, ma non arrivano a prendere dal commercio il frutto migliore; essi mandano un dato genero, della *banha*, del grano turco alla capitale, nel momento in cui le mercuriali segnano prezzi più alti, ma data la lunghezza del viaggio spesso questo arriva quando i prezzi già alti, ma data la lunghezza del viaggio spesso questo arriva quando i prezzi già hanno subito modificazione, talvolta per maneggi degli stessi commercianti della capitale. Ciò porta incertezze e rischi che se danneggiano i negozianti della colonia portano il danno maggiore al colono, che invariabilmente vende a poco e compra a caro prezzo.

Cooperative per la vendita dei prodotti coloniali e Cooperative di consumo.

Come abbiamo accennato in altre parti, la cooperazione si fa strada da qualche anno nelle colonie, anche per attenuare le deficienze del commercio, specialmente nei due stati di Rio Grande do Sul e Santa Catharina, nei quali più se ne sente il bisogno.

Nel Rio Grande le cooperative, impiantate su vasta scala ed aventi per scopo essenziale la valorizzazione dei prodotti della colonia per mezzo di una lavorazione razionale, si limitano per ora, come abbiamo visto, a curare la vendita dei medesimi sui mercati maggiori.

In Santa Catharina invece le cooperative, sorte per iniziativa privata dei coloni, non hanno scopo di produzione (eccetto una in Luiz Alves), ma solo di commerciare i generi di consumo, onde sottrarsi alla speculazione dei negozianti.

Queste pure hanno forma di Società anônima a capitale illimitato, le azioni sono di 50 *milreis* ciascuna. Esse importano dai mercati

Os colonos cedem seus produtos ao negociante, que os compensa com outros artigos manufaturados; aqueles são creditados aos colonos com preços irrisórios e esses, ao invés, debitados com preços caríssimos.

Mas os comerciantes italianos de costume limitam a sua esfera de ação à zona colonial; esses mesmos por sua vez promovem a importação e a exportação junto aos comerciantes das capitais, na sua maioria alemães.

São estes que dominam o mercado colonial, não os negociantes das colônias. Estes, num determinado tempo, poderão obter discretas vantagens, mas não conseguem a parte melhor do comércio; esses mandam um determinado produto, a banha, o milho para a capital no momento em que as cotações registram preços mais altos, mas, dada a demora da viagem por causa da distância, frequentemente estes produtos chegam quando os preços já sofreram modificações, às vezes manipulados pelos próprios comerciantes das capitais. Isto traz incertezas e riscos que se prejudicam os negociantes das colônias trazem danos matérias maiores ao colono, que invariavelmente vende barato e compra caro.

COOPERATIVAS PARA A VENDA DE PRODUTOS COLONIAIS E COOPERATIVAS DE CONSUMO

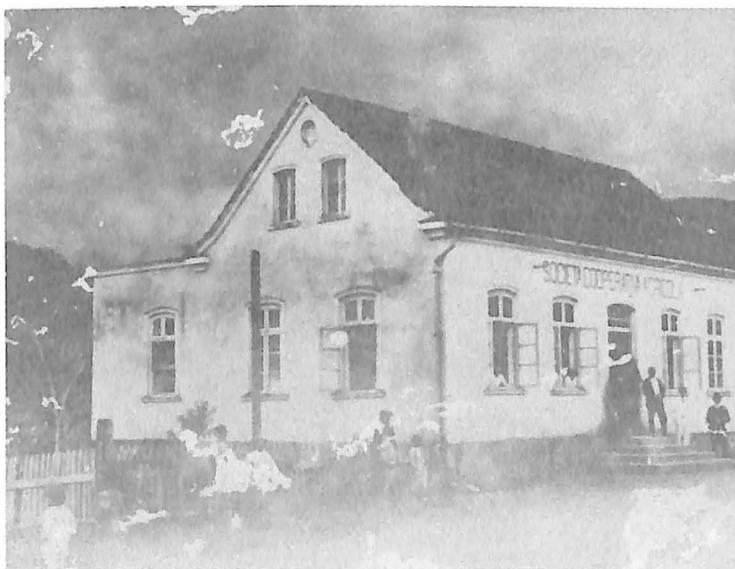
Como dissemos em outras partes, o sistema cooperativo cresce há alguns anos nas colônias, também para atenuar as deficiências do comércio, principalmente nos dois Estados do Rio Grande e Santa Catarina, onde se sente mais sua necessidade.

No Rio Grande as cooperativas, criadas em larga escala e tendo por finalidade essencial a valorização dos produtos coloniais através de um

delle capitali i prodotti manufatti come tessuti per abiti, attrezzi agricoli, ferramenta, ecc., e viceversa si occupano della vendita collettiva dei generi delle colonie. Nonostante la guerra dei negozianti, la maggior parte delle cooperative ha potuto prendere il sopravvento.

Si errerebbe peraltro pensando che solamente il sorgere delle cooperative possa bastare a risolvere la situazione commerciale di queste colonie. La cooperazione evita gli intermediari, ed agisce da calmiera e da elemento equilibratore nei prezzi, ma non può rimediare agli ostacoli maggiori del commercio che sono la deficienza di comunicazioni e di trasporti, ed il regime doganale.

Fino a che non siano eliminate quelle due difficoltà, la ricchezza delle colonie non potrà svilupparsi adeguatamente, il capitale non potrà formarsi in abbondanza e la produzione dovendosi svolgere in un mercato chiuso o pressapoco, sarà atrofizzata e languente.



Sociedade Cooperativa Agrícola na região de Rodeio. Acervo A.H.J.F.S.

procedimento racional, se limitam por ora, como vimos, a cuidar da venda dos mesmos junto aos mercados maiores.

Em Santa Catarina, ao invés, as cooperativas, graças à iniciativa privada dos colonos, não possuem objetivos de produção (exceto uma em Luiz Alves), apenas comercializam os produtos de consumo, ficando à margem da especulação dos negociantes.

Estas, no entanto, possuem forma de Sociedade Anônima de capital ilimitado, cada ação valendo 50 mil réis. Importam dos mercados das capitais os produtos manufaturados como tecido para vestidos, insumos agrícolas, ferramentas, etc... e vice-versa se ocupam da venda coletiva dos produtos da colônia. Não obstante a guerra dos negociantes, a maior parte das cooperativas conseguiu manter o predomínio.

Errar-se-ia por sua vez pensar que somente o surgir das cooperativas seja o suficiente para resolver a situação comercial destas colônias. O cooperativismo evita os intermediários e age como controlador de preços e elemento de equilíbrio nos preços, mas não consegue resolver os obstáculos maiores do comércio que são a deficiência de comunicações e de transportes e o regime alfandegário.

Até que não sejam eliminadas as duas dificuldades, a riqueza das colônias não poderá desenvolver-se adequadamente. O capital não se formará em abundância e a produção, desenvolvendo-se em mercado fechado ou lento, será atrofiada e decadente.



**“RAÍZES COMUNS” e
“IMIGRANTES INDESEJÁVEIS”**

**“RAÍZES COMUNS” E “IMIGRANTES
INDESEJÁVEIS”:
DISCURSO E PODER NAS ANALOGIAS ENTRE TEUTO-
BRASILEIROS E ESTADO-UNIDENSES NO SUL DO BRASIL.¹**

Roberto Marcelo Caresia²

Este artigo tem por objetivo analisar os discursos referentes à identidade social em Blumenau (SC) no período da Campanha de Nacionalização Brasileira (1937-1945) e compará-los com os discursos dito ‘oficiais’, seja de forma confluyente ou conflitiva. Tento, ainda, associar tais discussões a comparações feitas por Max Tavares do Amaral entre a colonização norte-americana e a colonização do Vale do Itajaí, bem como uma suposta imigração norte-americana ao Vale, promovida por volta de 1870.

O Estado de Santa Catarina, e mais especificamente a região do Vale do Itajaí, notabiliza-se por estar, em vários momentos da História do país, em descompasso ou discordância com os discursos correntes. Durante o período monárquico, a então colônia de Blumenau abarcava quase totalmente o Vale do Itajaí, hoje dividido em cerca de quinze municípios, apoiando em boa parte as decisões oriundas do Império. Enquanto em parte do Brasil incentivava-se a monocultura (café, cana-de-açúcar) e a pecuária extensiva como metas de desenvolvimento nacional, em Santa Catarina incentivava-se uma produção agrícola em pequenas propriedades e a indústria, principalmente têxtil. Enquanto elegia-se a fusão de índios,

1 O presente artigo faz algumas referências a outro que publiquei nesta mesma Revista, em mar/abr-2001, onde apenas comentei brevemente sobre o assunto, agora devidamente ampliado e melhor discutido .

2 Mestre em História Cultural (UFSC - Florianópolis), professor da UNINOVE - SP.

africanos e portugueses como a representação do 'brasileiro típico', Santa Catarina estava sendo povoada de imigrantes germânicos, italianos, austríacos, suíços, teuto-russos e outros. Ou seja, distante de um discurso nacional e/ou nacionalista que buscava uma identidade ao brasileiro e ao país.

Na proclamação da República, houve um princípio de revolta, logo abafada, mas incontida durante a Revolução Federalista em fins do século XIX, quando Blumenau chegou a ser capital do Estado catarinense em apoio a Floriano Peixoto. A partir desse período, passa a ser nítida a rivalidade política entre o Vale do Itajaí e o Litoral catarinense, bem como as exaltações étnicas e culturais entre ambos, com alteridades provocativas. O apoio ao governo federal por parte de um, ocasionava a oposição ao mesmo governo por parte do outro, com raras exceções.

As agitações intelectuais, culturais e políticas da década de 1920, ocorridas nas principais capitais do país, fizeram poucos ecos no Estado, menos ainda no Vale do Itajaí. Em 1930, no entanto, a política dividiu novamente o Litoral e o Vale. Blumenau dera apoio declarado a Júlio Prestes, enquanto Florianópolis apoiara Vargas. A chamada Revolução de 30 trouxe inquietações ao Vale do Itajaí. Durante essa década, o Brasil passou cada vez mais a inserir-se num contexto mundial, com as ideologias comunista, nazi-fascista e liberal, dividindo as atenções do eleitorado.

Novamente, Florianópolis apoiava Getúlio enquanto Blumenau dividia-se entre o liberalismo anti-varguista e o integralismo de Plínio Salgado (chegando inclusive a eleger um prefeito integralista em 1935), havendo ainda agremiações do Partido Nazista alemão na região. As ambiguidades e incongruências político-ideológicas do período são muito complexas para serem avaliadas neste artigo, mas basta mencionar que Plínio Salgado e Getúlio Vargas eram, a princípio, aliados até 1937, o que necessariamente não ocorria com os seus correligionários em Santa Catarina.

Como Vargas em alguns momentos declarava apoio ao nazi-fascismo europeu, conquistou a simpatia de parte da população blumenauense integralista, porém, após o golpe que deflagrou o Estado Novo em 1937 e a aproximação política e econômica cada vez maior do governo Vargas aos Estados Unidos – EUA, os ânimos se acirram. A instauração da Campanha de Nacionalização Brasileira, sob a responsabilidade do então Interventor Federal de Florianópolis, Nereu Ramos, provocou perseguições e prisões aos blumenauenses e demais habitantes do Vale do Itajaí (alguns com certa razão, já que apoiavam o nazismo), mas também arbitrariedades contra uma parte da população alheia às ideologias políticas³.

Através deste breve resumo, pode-se fazer certa analogia entre o Vale do Itajaí e outras regiões do país que, desde o século XIX, enfrentaram ou foram alvos do processo modernizador do Estado, tais como os movimentos messiânicos de Canudos ou a Revolta dos Quebra-Quilos (1874-75) no Nordeste, onde “o caráter moderno desses acontecimentos sobressai justamente do confronto abrupto de culturas”⁴. Em suas devidas proporções, também Blumenau, apesar de não enfrentar o Estado diretamente, mostrava um modelo de desenvolvimento econômico e cultural que não coadunava com o modelo de modernização e cultura proposto a partir da Revolução de 30, ou seja, não fazia parte do que Benedict Anderson chamou de uma “comunidade imaginada”, dentro do projeto nacionalizador no Brasil.⁵

Ao término da Guerra, não havia mais espaço para um discurso germânico como havia na década anterior.⁶ O país havia interiorizado o

3 Sobre o assunto, FAVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) Guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Ed. Univali; 2005.

4 HARDMAN; p.293.

5 Ver ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. Cia das Letras;

6 Até 1938, A maior parte da imprensa blumenauense era em língua alemã, bem como

caráter nacional de tal forma que, mesmo para os empresários e políticos blumenauenses, a única maneira de chegar ao poder era proferir e praticar o discurso do nacionalismo brasileiro. Tal ruptura foi também facilitada pela imagem negativa que o nazismo imprimiu à Alemanha nos anos finais da Guerra, especialmente em 1945, quando as notícias dos campos de concentração chegavam aos jornais. Se não era mais possível espelhar-se nos alemães da Europa, podia-se ao menos tomar os imigrantes e descendentes de alemães dos EUA como referência, país este que passava a ser o modelo político, econômico e cultural a ser seguido.⁷

SENTIDOS DA COLONIZAÇÃO NO VALE DO ITAJAÍ.

Sobre a presença de imigrantes norte-americanos em Santa Catarina, cabe aqui uma breve introdução. Os EUA penetraram de forma determinante na vida cotidiana de muitos povos através de sua indústria cultural, influenciando de maneira geral países em todos os continentes, desde a década de 1930 até a atualidade.

No Brasil, houve a influência de muitas imigrações, tais como a portuguesa, espanhola, italiana, alemã, japonesa, sírio-libaneses, árabes entre outras, as quais deram sua contribuição, seja a nível nacional ou regional, bem como de migrações internas. A partir de 1940, no entanto,

este era o idioma mais falado nas ruas e no comércio (salvo a documentação pública, onde era obrigatório o uso do português). Em algumas escolas, a língua portuguesa era inclusive ensinada como estrangeira. Os produtos importados vinham em sua maioria da Alemanha, assim como boa parte dos acordos comerciais e industriais.

7 Ver CARESIA, Roberto Marcelo. **Construção Cultural: influência germânica e Norte-Americana em Blumenau**. Dynamis – Revista Tecno-Científica, vol.7, nº 27, Universidade Regional de Blumenau; e **Ruptura com as formas do Passado: entre a modernidade e a tradição**. Revista Blumenau em Cadernos, nº 03-04, mar/abr-2001.

o país recebe a influência estado-unidense nos mais diversos setores, do econômico ao cultural. Gerson Moura afirma que o país, nesse período, foi “literalmente invadido por missões de boa vontade americanas”, geralmente compostas de professores universitários, jornalistas, publicitários, artistas, militares, cientistas, diplomatas, empresários etc., “todos empenhados em estreitar os laços de cooperação com brasileiros”.⁸

O Vale do Itajaí, que teve anteriormente a predominância de imigração germânica, não teve imigração inglesa ou norte-americana de grande vulto. No entanto, encontram-se na historiografia regional algumas comparações feitas por Max Tavares do Amaral entre as imigrações nos EUA e Brasil, “numa tentativa em assemelhar a imigração alemã no sul do Brasil com a inglesa e alemã nos EUA”, ou ao tão propalado “pioneirismo” dos colonizadores do norte.⁹

Para Amaral, os imigrantes vieram às colônias inglesas da América do Norte para não mais voltar à Europa e “para demonstrarem o quanto foi definitiva sua deliberação de abandonarem para sempre a Inglaterra, queimaram o navio que os trouxe para a liberdade”, enquanto que a imigração para o Vale do Itajaí, no Brasil, também teria obedecido ao impulso de construir uma nova pátria, ainda que em contexto diferente da imigração nos EUA, enfrentando “o desconhecido na esperança de uma existência melhor, numa pátria nova”.¹⁰

Esta nova pátria, no caso o Brasil, já estava constituída. Era uma monarquia, semelhante ao então Império Germânico, muito diferente do caso da imigração dos EUA, o qual sempre foi um país presidencialista desde sua Independência (1776), com suas instituições e aspirações democráticas, oferecendo ao imigrante, como condição para entrar no país,

8 MOURA; 1991, p.11.

9 CARESIA; Rev. Blumenau em Cadernos, mar/abr-2001, p.86.

10 AMARAL; 1950, p. 356.

a cidadania imediata, com os mesmos direitos de estabelecer-se e viver como se houvesse nascido no país, bem como o direito ao voto. Caso que não aconteceu no Brasil da época, onde a assimilação cultural dos imigrantes germânicos de SC e seus descendentes foi traumática.

Nos EUA, esta ocorreu mais facilmente devido à homogeneidade dos valores culturais encontrados pelos imigrantes na nova pátria, fazendo com que o sentido das várias imigrações ao país fosse um só. Se no Brasil, e especialmente em SC, ela encontrou obstáculos e dificuldades devido à falta de atenção que estes receberam do governo nacional — como já foi largamente confirmado através de várias teses — deixando-os sem escolas e sem vias de comunicação com o resto do país há que se levar em consideração que inclusive os imigrantes teutos não se permitiram a convivência com os imigrantes italianos; e ambos também não se permitiam conviver com os descendentes de portugueses, fazendo com que cada grupo se isolasse daqueles que migraram de outros países..¹¹

Marilu Antunes ilustra muito bem este tema ao traçar um histórico da intolerância em Blumenau, verificando que, desde o projeto da colônia, em 1848, Hermann Blumenau indicava os “colonos indesejáveis” que deveriam ficar de fora do território: a princípio, alemães católicos dos estados germânicos do sul e, num segundo momento, imigrantes de quaisquer outras nacionalidades. Tal conduta parece ter-se tornado parte de “jeito de ser” blumenauense, o qual vê com desconfiança os migrantes (paranaenses, lageanos, gaúchos, paulistas etc.) que passam a morar e trabalhar no Vale do Itajaí.¹²

Cabe aqui uma breve reflexão, a respeito da perspectiva do isolacionismo. Este, talvez, seja um dos aspectos mais criticados nos teuto-brasileiros, uma vez que a ordem discursiva na época estava voltada às representações de ‘integração’, ‘união’, ‘centralização’, ‘nacionalização’ e ‘Estado’. Tal isolacionismo, até hoje, é tratado tanto como um isolacionismo

11 CARESIA; Rev. Blumenau em Cadernos, mar/abr-2001, p.87.

12 ANTUNES; 2004.

‘governamental’ (abandonados na mata), um isolacionismo ‘político’ (por estar quase sempre em oposição à capital do Estado, Florianópolis), um isolacionismo ‘geográfico’ (pela falta de acessos através de pontes e estradas), e, por fim, um isolacionismo ‘étnico’ (pelos teuto-brasileiros e imigrantes não se mesclarem com outros grupos).

No entanto, durante a Campanha contra a Malária, em 1943, em jantar promovido em homenagem ao Tenente-Coronel Oscar Rosa Nepomuceno da Silva,¹³ este fez um eloquente pronunciamento, temperado com os dissabores próprios do contexto político pelo qual atravessava, onde justificava a Campanha de Nacionalização pelo fato dos imigrantes alemães ligaram-se ao Brasil

apenas pelos laços materiais de compra e venda, pelo comércio e pela indústria, e dele se isolara moralmente, repudiando-lhe a língua, rejeitando-lhe os costumes, desprezando-lhe as tradições e ignorando-lhe a história.¹⁴

Ou seja, ele desconsidera as demais noções de isolacionismo (governamental, político, geográfico ou étnico) e apresenta uma noção de isolacionismo ‘moral’ “junto com palavras duras, tais como repúdio, rejeição, desprezo e ignorância, para representar o que Blumenau demonstrava pela língua, costumes, tradições e história brasileiras”.¹⁵

É possível relacionar este isolacionismo ‘moral’ como uma característica intrínseca do ‘étnico’? Talvez nos faltem dados para certificar com maior clareza esta dúvida, porém, quando se lê os vários documentos a respeito de relatos de viajantes não-germânicos pelas antigas colônias alemãs do Vale e os relatos de imigrantes em relação aos brasileiros (índios, caboclos, habitantes do litoral etc) e outros imigrantes (italianos

13 Responsável pelo 32º Batalhão de Caçadores, ou seja, pela Campanha de Nacionalização e igualmente pela Campanha contra a Malária.

14 apud CARESIA, in BLUMENAU EM CADERNOS, mai/jun-2004, p.89.

15 Idem.

principalmente)¹⁶ não nos escapa a percepção do sentimento de uma certa ‘arrogância’, associada no senso comum tanto aos germânicos quanto aos ingleses, ao se verem como superiores aos demais grupos étnicos ao seu redor, não desejando com eles terem mais convivência do que as relações comerciais, empresariais e políticas permitissem, ou seja, uma noção totalmente oposta ao conceito do brasileiro como “homem cordial”, aquele que permite que a afetividade e a emotividade se imbriquem em suas relações públicas, tornando-as mais pessoais e informais, ao menos em aparência.¹⁷

Voltando a Max Tavares, este afirma que quanto mais heterogêneos os valores de cada grupo, tanto mais difícil sua assimilação: “é por esta razão que os alemães, por exemplo, se aculturam e assimilam mais facilmente nos Estados Unidos do que entre nós”.¹⁸ O que nos faz perceber que nos EUA, país de língua inglesa — idioma oriundo do mesmo tronco lingüístico que o alemão — e com grande parcela de protestantes (batistas, presbiterianos, metodistas, calvinistas, luteranos etc.) a assimilação cultural dos imigrantes teutos foi muito mais rápida e fácil. Enquanto que os imigrantes latinos e católicos (italianos, portugueses e espanhóis) assimilaram-se no Brasil com muito mais facilidade do que nos EUA, “embora”, continua argumentando Amaral, “muito influa no processo o comportamento do elemento nacional frente ao estrangeiro”.¹⁹

Há aqui uma perceptível tendência para aproximar os descendentes de alemães em Blumenau aos dos EUA, no sentido que se os imigrantes tivessem ido para aquele país, suas vidas estariam melhores e seriam mais bem aceitos, sem que precisassem cair no dito ‘isolacionismo’,

16 Alguns destes relatos foram analisados no trabalho de Marilu Antunes.

17 HOLANDA; 1971, p.101-112.

18 AMARAL; 1950, p.359.

19 Idem.

pois, se os sentidos da colonização são os mesmos, não se pode dizer a mesma coisa dos resultados.

À primeira vista, parece que Amaral apóia-se no ensaio clássico de Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, onde este último expõe, com algumas carências e suposições apressadas, um comparativo entre as ocupações territoriais no Brasil (por parte dos portugueses católicos) e nos Estados Unidos (ingleses protestantes), pouca coisa percebendo em comum em ambos sentidos de colonização, pintando inclusive com cores amargas um retrato da constituição da sociedade brasileira, novamente, de forma generalista e exagerada em alguns pontos.²⁰ No entanto, Amaral publicou este pequeno artigo em 1950, enquanto o ensaio de Moog só é publicado quatro anos depois (1954). É provável que Moog tenha publicado alguns artigos preliminares antes de 1950, mas não consta que Amaral tenha utilizado qualquer texto de Moog como fonte, e os sociólogos citados na Bibliografia de ambos não conferem.²¹

O fato é que Amaral publicou este artigo antes e, diferente de Moog, ele compara não a imigração portuguesa com a dos EUA, e sim esta com a alemã em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As semelhanças são inevitáveis, tanto que o próprio Moog as comete ao comentar sobre as analogias entre a imigração à Santa Catarina:

A analogia é quase perfeita: o sistema de imigração em casais e comunidades; a formação das aldeias, vilas e cidades com um sentido de cooperação e assistência

20 Apesar disto, seu ensaio torna-se clássico não somente pela aspereza com que apresenta temas, inclusive, comuns a autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, mas também por fugir dos determinismos geográficos, resvalando porém num determinismo cultural que procura explicar aspectos culturais em determinantes históricos. SILVA, Henrique Manoel. A Temática da Fronteira na Historiografia Brasileira. Texto em PDF, disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4211/2873>.

21 Com exceção de Gilberto Freyre, mas os livros não são os mesmos. Da mesma forma, Moog também não cita Amaral.

recíproca, o desdobramento dos recursos da iniciativa individual, a mulher temperando a autoridade patriarcal do marido; o artesanato, depois o crescimento industrial, a pequena propriedade, o espírito religioso e associativo. É tão pronunciada esta semelhança transnacional que, ao percorrer certos trechos do Meio-Oeste norte-americano, à vista dos campos divididos e cultivados, das cidades pontilhadas de chaminés, das tôrres e campanários surgindo a distância, tem-se por vêzes a estranha sensação de região colonial no sul do Brasil. As paisagens americanas desfilam aos olhos do observador como grandes ampliações das paisagens marginais dos vales do Jacuí e do Taquari, no Rio Grande do Sul, e do vale do Itajaí, em Santa Catarina. Os olhos do corpo ficam vendo paisagens americanas, mas os da alma insistem em ver o Jacuí, o rio dos Sinos, o Taquari, São Leopoldo, Santa Cruz, Blumenau, Joinville, Novo Hamburgo, Lajeado ou Estrêla. (...) Outras semelhanças: o espírito religioso, o isolacionismo, o avanço em conjunto de famílias para o Oeste e para o Norte.²²

Seria a comparação de Amaral uma representação do despertar de uma simpatia blumenauense aos EUA? Com a Alemanha derrotada na Segunda Guerra, os descendentes de alemães sofrendo perseguições e humilhações em Blumenau e a constante presença da cultura dos EUA na mídia, parte da elite blumenauense poderia sentir essa tendência de aproximar-se ao país do norte, principalmente sabendo que os EUA é o país com maior número de imigrantes e descendentes de alemães, e ainda com um detalhe muito sedutor: os imigrantes foram bem recebidos e respeitados por lá, mesmo durante a Guerra.²³

Max Tavares também concorda com os sociólogos estado-unidenses,²⁴ quando estes afirmam que “o uso da coerção para acelerar a assimilação está perto do fracasso”,²⁵ numa alusão evidente à repressão

22 MOOG; 1956, p.238.

23 Com alguma raras exceções, diga-se com justiça.

24 Amaral cita Maurice A. Davie (*World Immigration – New York, 1936*) e Donald R. Taft (*Human Immigration – New York, 1936*).

25 AMARAL, 1950, p.362.

cultural cometida pela Campanha de Nacionalização Brasileira. Porém, há que levar-se em consideração que o próprio Max Tavares trabalhou para tal Campanha, uma vez que tornou-se o redator do antigo jornal *Der Urwaldsbote*, quando este passou a ser redigido em português a partir de 1938, bem como assumiu a direção de indústrias têxteis importantes em Blumenau na época da Guerra, visto que seus diretores eram descendentes de alemães ou alemães natos.²⁶

Não é só na Campanha de Nacionalização que se comparam as imigrações destes dois países. Há também o relato do pastor estado-unidense J.C. Fletch, que esteve nas proximidades de Joinville em junho de 1855, e fez a seguinte descrição do que viu:

O lugar em que nos achávamos era, na verdade, o início de uma nova cidade no deserto. (...) A aparência geral de tudo, recordava-me uma colônia pioneira no Oeste. Era curioso ver homens do Reno e alguns moradores dos arredores de Berlim, plantados aqui entre as matas virgens, em cabanas da mais rude construção, cobertas com folhas de palmeiras.²⁷

O curioso é que uma das metas do *Birô Interamericano* era a fixação de temas que pudessem ser considerados valores comuns à civilização norte-americana, por um lado, e à civilização ibero-americana, por outro. Gerson Moura aponta para o fato de logo após o início desta aproximação cultural entre Brasil e EUA, ainda na década de 40, autores brasileiros estavam também procurando as raízes comuns das duas civilizações.²⁸ Porém, a dificuldade em encontrar tais raízes levaram

26 Amaral era casado com uma das filhas da família Hering, portanto, um 'membro acionista' da empresa. O simples fato de ser um brasileiro nato fez com que ficasse à frente desta grande empresa têxtil, assim como o já referido jornal. Amaral não era totalmente contrário ao discurso germânico mas, caso não fosse de inteira confiança dos nacionalistas brasileiros, sua gerência na empresa não teria sido 'aceita' pela Campanha de Nacionalização. Seu sogro, ao contrário, chegou a figurar na famigerada 'lista negra' dos EUA, como suspeito de colaborar com o nazismo.

27 SACHET; in JORNAL DE SANTA CATARINA; 29/03/1997, p. 05.

28 MOURA, 1991, p.24.

o *Birô* a fixar-se no discurso do pan-americanismo e nos programas de solidariedade hemisférica. Daí também a importância do ensaio de Moog para a época, mostrando como a ocupação e colonização dos dois países foram antagônicos, produzindo culturas e mentalidades diferentes. Já Max Tavares do Amaral, pela impossibilidade de aproximar culturalmente EUA e Brasil, não vê problemas em fazer tal analogia aos teuto-brasileiros, idéia esta que, inclusive, também não escapou a Moog.

Também é interessante perceber que, sendo os imigrantes germânicos do sul do Brasil na sua maioria luteranos, tendo, portanto, o hábito da leitura do evangelho, as Bíblias “tanto em versão portuguesa quanto em versão alemã, ambas eram publicadas em Nova York.”²⁹ Porém, a influência germânica na imigração dos EUA nem de longe pode ser comparada à que houve em Santa Catarina. Lá, a assimilação cultural foi muito mais rápida e efetiva, enquanto no Brasil, país onde os alemães eram vistos como estranhos no ninho, tal assimilação chegou a ser traumática.

Mas há aqui um detalhe interessante: quando houve a Campanha de Nacionalização, os discursos passaram a aproximar a imigração germânica a uma brasilidade, enaltecendo o caráter laborioso dos alemães, enquanto que no pós-guerra, a partir de 1945, houve uma relativa analogia à imigração germânica nos EUA. Estariam aí as “raízes comuns” às duas civilizações?

YES! NÓS TEMOS CHOPP!

Em Blumenau, muitos costumes germânicos estão ainda representados nas construções, nos hábitos populares, nos clubes e nos meios culturais e, em certos casos, num certo modo de pensar e de agir da

29 RENAUX, 1997, p.329.

chamada cultura teuto-brasileira. Estes momentos históricos refletem-se no atual e se confundem com o que alguns chamam de herança germânica, que geraria um *sentimento germânico*.³⁰

Durante a Primeira Guerra (1914-1918), os EUA já havia massificado, através do cinema e da literatura, a propaganda anti-germânica. A Alemanha, por sua vez, criou a *Deulig* (*Deutsche Lichtspiel-Gesellschaft*) e a *BUFA* (*Bil und Filmant*) que visavam através da produção e projeção de documentários uma publicidade positiva da Alemanha, interna e externamente, inclusive com propagandas militares.

Como Blumenau, até meados da década de 30, esteve em grande parte ligada aos investimentos alemães, tais filmes chegaram até os cinemas da cidade. Também através do comércio fez-se sentir essa influência, pois a América Latina vinha num promissor envolvimento com o comércio alemão, fato que causava perdas de mercado ao comércio estado-unidense. Porém, a Segunda Guerra fez com que as economias dos países latinos se ligassem aos EUA, e deste se tornassem dependentes. Só faltava a presença propriamente dita de estado-unidenses no Vale do Itajaí.

Ao pesquisar sobre o assunto, deparamos com uma breve efeméride relatando que, em novembro de 1958, o representante diplomático dos EUA, cônsul J. E. Wiedemeyer, esteve hospedado em Blumenau, sendo recebido pelo *Lions Clube* e pela “colônia norte-americana da cidade”.³¹ Esta informação impressionou, a princípio, por ser tão pouco comentada a presença de imigrantes dos EUA, chegando a parecer fantasiosa a idéia de alguma “colônia” de estado-unidenses em Santa Catarina.³² Porém, há registros de um projeto de colonização em

30 Maria Bernadete Flores coloca este “sentimento germânico” com uma espécie de romantismo, uma nostalgia, uma volta ao passado; passado este, porém, já perdido e irrecuperável (1997, p.32).

31 BLUMENAU EM CADERNOS; novembro de 1958, p.53.

32 ‘Fantasiosa’ porque, afinal, os EUA é um país formado por imigrantes em sua maioria,

1867, através de um Relatório do Ministro da Agricultura, Souza Dantas, apresentado à Assembléia Geral Legislativa, com a finalidade de apresentar meios para trazer imigrantes dos EUA para Santa Catarina.³³

Em tal Relatório, um contrato é firmado em junho de 1866, entre o Governo Imperial e a *Cia United States and Brazil Mail Steam Ships*, a qual se obrigava a transportar os imigrantes. No referido documento, consta a informação que desde os primeiros meses de 1865, habitantes de alguns estados do sul dos EUA, após a Guerra Civil, manifestaram interesse em imigrar para o Brasil, país que parece ter sido referência para refugiados de guerra em geral.

Viana Moog também comenta sobre o assunto, dizendo que após a Guerra da Secessão (1862-65), vários habitantes da derrotada Confederação não concordaram em continuar vivendo sob as condições estabelecidas pelos estados do norte. No sul dos EUA, até então, vigorava a escravidão³⁴ e o sistema de *plantations*, baseado no plantio extensivo de um único produto (algodão, milho, etc.) e na pecuária. Quadro um tanto semelhante ao do Brasil, uma monarquia escravagista e dedicada ao plantio extensivo da cana-de-açúcar, café e criação de gado. Houve várias levadas imigratórias dos EUA para a América do Sul, principalmente ao Brasil, através da *Southern Colonization Society*.³⁵

sendo aquele que mais recebeu e abriu suas portas para pessoas de todas as nacionalidades. A grande maioria de imigrantes que para lá foi, não teve motivos para voltar.

33 ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA. Cópias do Relatório do Ministro da Agricultura à Assembléia Geral Legislativa, relativo ao ano de 1867. PO2:28/284.

34 A abolição da escravidão, nos EUA, foi proclamada pelo presidente Lincoln em 01 de janeiro de 1863, durante a Guerra da Secessão. Com o término da Guerra e a derrota do sul em 11 de abril de 1865, Lincoln é assassinado por sulistas três dias depois.

35 MOOG; 1956, p. 53. Sobre o assunto, há também o texto *A Imigração de Confederados Norte-Americanos no Brasil*, de José Artur Rios (Revista de Imigração e Colonização, ano X, 1949) e o livro *Os Pioneiros Americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*, de Frank P. Goldman (1972).

Pelo texto de Moog, percebe-se que mais de uma Companhia estiveram na empreitada. Numa delas, a que parece relacionar-se com o Relatório encontrado nos Arquivos de Blumenau, o reverendo Ballard Smith Dunn comprou terras na comarca de Iguape, província de São Paulo³⁶, “obtendo a concessão de outras devolutas, situadas às margens dos rios São Lourenço e Juquiá”.³⁷ Além dele, o Relatório cita outros representantes de Sociedades e Companhias que estabeleceram-se no Pará (Santarém), Amazonas, Espírito Santo (margem do Rio Doce), Bahia, Pernambuco e São Paulo (Campinas e Santos). Em alguns casos, como o de Amazonas, Bahia e Pernambuco, o resultado foi lastimável, com o isolamento dos imigrantes, dificuldade em encontrar terras férteis e assistência médica precária.

Em 1940, ou seja, mais de setenta anos depois, um repórter do *The Saturday Evening Post*, James Edmonds, veio ao Brasil verificar o que ocorreu com tais famílias sulistas, mas não encontrou nada de expressivo, pelo menos para os padrões estado-unidenses de agricultura, exceto que estes trouxeram contribuições aos camponeses locais na prática de uma agricultura mecanizada, ainda que rudimentar. Mesmo encontrá-los através de seus sobrenomes parece ter sido difícil. O pão-de-milho também parece ser um traço cultural deixado em São Paulo. Já os imigrantes que foram ao Pará e Amazonas, praticamente desapareceram.³⁸

A trajetória destas mal-sucedidas colônias norte-americanas em terras brasileiras contrastam com a história de pioneirismo e sucesso, atribuído comumente como algo intrínseco aos estado-unidenses, como se a qualquer empreitada o resultado só pudesse ser a conquista da vitória. Por

36 Várias terras em Santa Catarina pertenciam à província de São Paulo, ainda em fins do século XIX.

37 ARQUIVO HISTÓRICO JFS. Op.cit.

38 MOOG, 1956, p.61-3.

outro lado, é perfeitamente comparável à trajetória de parte das colônias alemãs e italianas pelo Brasil que também malograram em Estados como AM, BA, PE, PA e outros. Mesmo algumas em SC, onde os grupos coloniais que não obtiveram sucesso foram integrados a municípios ou colônias vizinhas. Neste sentido, o ensaio de Moog faz coro com obras como a de Euclides da Cunha e Paulo Prado, mostrando a quase impotência do processo civilizatório diante da aspereza e das agruras da vida em meio a mata ou ao sertão, sentindo, em alguns momentos, a presença de um Estado que exigia a modernização do ambiente e das pessoas, as quais ainda procuravam uma forma em que pudesse haver uma interação entre natureza e sociedade.³⁹

Moog estima que cerca de dois a três mil pessoas vieram para Santa Catarina. No Relatório de 1867, constam aproximadamente 2030, mas é provável que os dados estejam incompletos. O curioso é que uma das cláusulas do Contrato estabelece que uma das condições é que venham somente imigrantes agricultores “de moralidade segura”, como esclarece o seguinte trecho.

As primeiras expedições de imigrantes que chegaram a esta côrte não corresponderam completamente a este pensamento. Não obstante as diligências empregadas pelo agente do govêrno, os individuos transportados nos vapores da companhia não estavam, em sua maioria, nas condições de satisfazer o fim a que vinham, destinados, porque, tendo-se entregado às artes fabris e mecânicas, não eram, por sua profissão, os mais próprios para a lavoura.⁴⁰

Parece que os imigrantes estado-unidenses eram por demais instruídos para se estabelecerem no Brasil. No Relatório, contudo, o Ministro aponta, sem meias palavras, que o Brasil não oferecia estabelecimentos em grande escala senão na lavoura, visto que a indústria fabril era ínfima e em pequena escala.

39 HARDMAN; p.297.

40 ARQUIVO HISTÓRICO JFS, op.cit.

Fazendo um retrospecto de cada colônia existente na época, julgou que a colônia de Dona Francisca (Joinville) já estava por demais ocupada, prestes a decair. Blumenau tinha excelentes condições, mas havia o inconveniente das enchentes periódicas e a configuração montanhosa de algumas regiões ainda não ocupadas, além de ainda não ter uma Igreja em seu centro. As colônias de Terezópolis (Rio dos Cedros) e Santa Isabel (próxima a São José) eram exemplos de erros crassos: má localização e administração péssima. A colônia de Itajaí (atual município de Brusque, sem confundir com o porto da Villa de Itajaí) apresentava ótimas condições, dificultada apenas pelo acesso (somente por via fluvial). Por fim, a recém fundada colônia Príncipe D.Pedro (atual região de Águas Claras Central, fazendo parte dos municípios de Brusque, Nova Trento, Botuverá e São João Batista) a qual já contava com 117 imigrantes irlandeses de Nova York, esperando a distribuição das terras. Porém, dezesseis imigrantes dentre eles tiveram que ser expulsos por não se adequarem, restando 101 pessoas.⁴¹ Em seu primeiro ano, conseguiu contar com 467 imigrantes.⁴² Parece que a colônia possuía boas terras, mas não em grandes quantidades, o que resultou no desativamento da colônia em pouco tempo, já em 1868, sendo que estes imigrantes estado-unidenses⁴³ dispersaram-se pela região, absorvida pela colônia de Itajaí, atual Brusque, a qual tinha o parecer mais favorável de todas as colônias descritas pelo Ministro.

Não deixa de ser curioso que, justamente em Brusque, encontra-se atualmente a *Loja Havan*, cuja fachada é uma cópia da *Casa Branca* de Washington, símbolo do poder político e democrático, tendo ainda uma

41 Idem.

42 JORNAL DE SANTA CATARINA; 10/03/93, p.03

43 Por estranho que pareça, o Relatório indicava que eram do norte (NY) e não do sul, como previa o contrato. É possível que tais imigrantes tenha apenas embarcado em Nova York rumo ao Brasil.

réplica em proporções reduzidas da *Estátua da Liberdade*, ícone não só dos EUA, mas também da cidade de Nova York.⁴⁴



A Estátua da Liberdade e a Casa Branca em Brusque-SC.

Fonte: www.havan.com.br/empresa/linhadotempo

Há também vários registros esparsos, como o de três irmãos estado-unidenses, os Leslie, que estiveram na localidade de Cristalina, em Brusque, em 1840, à procura de ouro. Um deles, Leweson Leslie, ficou e morreu em 1909, como um abastado agricultor em Ilhota, conhecido como “velho Lessa”.⁴⁵ Os outros dois voltaram aos EUA. Na década de

44 A Havan teve sua origem em 1986, em Brusque, como uma loja modesta. Durante a década de 90, ampliou suas instalações, construindo a chamada Casa Branca Brasileira, incluindo em seu pátio central a réplica da Estátua da Liberdade. A Havan possui filiais em várias cidades de SC, inclusive em Curitiba-PR. Em Blumenau, sua loja ocupa um espaço considerável no *Shopping Center Neumarket*, desde 2005. Em 2008, reformou e passou a ocupar o outrora Castelinho da Moellmann no centro da cidade, um dos locais mais fotografados do sul do país.

45 JORNAL DE SANTA CATARINA; 10/03/1993, p.03.

1860 há uma nova entrada de imigrantes, como publicado no *Jornal de Santa Catarina*, dizendo que “a partir de 1867, nada menos do que 1.147 imigrantes norte-americanos, irlandeses e ingleses se instalaram próximo à foz do Ribeirão Cristalina”,⁴⁶ no que parece ter sido uma pequena corrida do ouro, na mesma época em que o referido Relatório foi produzido. É provável que este tenha sido o destino de grande parte dos irlandeses da colônia Príncipe D.Pedro.

Mesmo durante a Segunda Guerra, do final da década de trinta a meados da década de quarenta, o Vale do Itajaí foi palco de uma outra corrida do ouro, transformando-se num dos principais pontos de garimpo do sul do Brasil, onde

nas corredeiras dos ribeirões que nasciam nos morros da Gorita e do Baú, na região já conhecida como Arraial do Ouro, se formava um acampamento com mais de 500 homens para a exploração do precioso metal.⁴⁷

Há ainda que se levar em conta o caso da construção da ferrovia São Paulo/Rio Grande, que, com a falta de capitais para terminar a ferrovia, Lauro Müller — então Ministro da Viação e Obras Públicas — em 1904 traz para SC a empresa estado-unidense *Grand Trust Farquhar*, junto com a *Brazil Railway Company*. A partir de 1906, com a concessão feita a esta última, a construção se acelera. Porém, houve a desapropriação dos colonos que viviam nos 18km de largura ao longo de toda a estrada, os quais o investidor estado-unidense Percival Farquhar recebe, em doação para exploração, pela construção da ferrovia. Em 1909/1910 Farquhar organiza a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, para trabalhar exatamente na área em litígio, entre o Paraná e Santa Catarina.

Terminada a construção da Estrada ao longo do Rio do Peixe, os operários ficaram sem trabalho, ocupando, então, as terras que Farquhar

46 SANTOS, in JORNAL DE SANTA CATARINA; 20/05/1998, p. 04.

47 LIBERATO JÚNIOR, in Idem

recebera em doação, tornando-se posseiros e sendo violentamente expulsos, sem ter para onde ir. Tem início então o grande ciclo de revoltas, greves, ocupações de terras e mortes que, somados a outros fatores sociais, políticos e religiosos, culminaram na Guerra do Contestado.

O que se quer frisar ao abordar o tema é que a *Lumber* trouxe profundas alterações para a economia madeireira e para a sociedade do oeste catarinense. Instalada em Três Barras (SC) como a maior companhia madeireira da América do Sul, formou-se uma pequena cidade, onde seus 800 operários acabaram por assimilar o *american way of life*, quando “todos os anos, a 4 de julho, tremulava festiva por toda a parte a bandeira estrelada dos Estados Unidos”.⁴⁸ Até pouco tempo, em Três Barras, soltavam-se foguetes em homenagem à Independência dos EUA.

Numa série de fotos publicadas sobre a *Lumber*,⁴⁹ há uma em especial que mostra um grupo de seis *cowboys* jogando *pôquer* numa mesa de bar. Típica cena de um filme de *farwest* norte-americano. Um quadro ao fundo, fazendo propaganda de papel para cigarros, denuncia que a cena passa-se em Três Barras, onde os estado-unidenses da *Lumber* influenciavam — e expulsavam — os habitantes da região.

48 REVISTA PRESENÇA. 1978, n.º. 08, p.13.

49 Idem.



● Não é o velho oeste americano, não. É em Três Barras (SC). É o cartaz anunciando papel para cigarros, no fundo confirma isso. Os americanos da “Lumber” jogavam uma partida de “pocker”, devidamente armados e guardados por um nativo da região.

Cena de Cinema: os capatazes da Lumber no oeste Barriga Verde.

Fonte: REVISTA PRESENÇA. 1978, nº. 08, p.13

Voltando à notícia de que o cônsul dos EUA foi recebido pela “colônia norte-americana da cidade”, em Blumenau, pode-se, portanto, supor que estes seriam os descendentes dos imigrantes que vieram a Brusque, bem como gerentes de empresas locais, como John L. Freshel e sua *Casa do Americano S/A*, a qual vendia automóveis da *Ford* e da *Opel*, e seus componentes e peças, além de rádios da *RCA-Victor*, e de *Fred W. Stingelin*, diretor da *Cia Comercial Schrader*, o qual nasceu nos EUA, vivendo lá apenas três anos, mudando-se em seguida para o Brasil, fixando residência em Blumenau com sua família. Estes, contudo, não constituíram uma “colônia” propriamente dita e, sendo bem sucedidos comercialmente, poderíamos cair na tentação de taxá-los de *self made man*, denominação usada nos EUA para os homens de negócios que começaram do quase nada

e conquistaram quase tudo. Porém, vários empresários blumenauenses têm uma história parecida. Estaria aí outro elo para as ‘raízes comuns’ entre estado-unidenses e blumenauenses? Ambos os sobrenomes, Freshel e Stingelin, parecem de origem germânica. Sendo os EUA o país que recebeu cerca de 90% da imigração alemã no mundo, não é de se estranhar que o sejam.

Percebe-se que a presença de imigrantes norte-americanos em Santa Catarina é incontestável, ainda que não seja de grande vulto. Já as analogias feitas por Max Tavares do Amaral entre teuto-brasileiros e estado-unidenses, podem ser vistas de forma ambígua, uma vez que tal artigo foi publicado em livro comemorativo ao Centenário de Blumenau, marcado ainda pelas perseguições tácitas e desconfianças por parte dos remanescentes da Campanha de Nacionalização Brasileira.

Arriscar-se a adentrar pelos caminhos do ufanismo ou da exaltação da cultura germânica em 1950, poderia incorrer na denúncia de “desnacionalização”, na possibilidade de voltar-se ao discurso germânico e reacender os ideais nazi-fascistas da região. Pisando em ovos, o elogio à cultura alemã é feito comparando-a ao pioneirismo estado-unidense, novo modelo político-ideológico (e cultural), por sinal de oposição ao governo de Getúlio Vargas.⁵⁰ A palavra de ordem era democracia.

Por outro lado, a dicotomia entre rural e urbano, marca das relações de poder nas capitais de vários Estados brasileiros, nunca foi muito sentida em Blumenau até a década de 1940, quando então vários projetos de reurbanização do centro da cidade e várias melhorias na infra-estrutura, (rede de água encanada, sistema de esgotos, distribuição

50 Apesar de ter sido deposto em 1945, o presidente seguinte, Gaspar Dutra era do partido de Vargas, dando uma continuidade mais *light* ao seu governo e preparando sua volta ao poder justamente em 1950, ano do Centenário de Blumenau. Talvez não seja desnecessário mencionar que, nas eleições de 1950, Blumenau apoiou o candidato da UDN, de oposição ferrenha a Vargas.

de energia elétrica etc.) apresentaram as distinções entre campo e cidade, inaugurando estereótipos que até então não eram levados em conta.⁵¹

Tal distinção tomou força discursiva a partir da Campanha contra a Malária, em 1940, quando seus agentes foram os mesmos da Campanha de Nacionalização Brasileira. Vários malariologistas insistiam no ponto em que a área urbanizada da cidade precisava “desruralizar-se”, desvincular-se da mata que envolvia os morros tão próximos ao centro e, sobretudo, que os cidadãos deixassem de cultivar tantas plantas em seu jardim, hábito este trazido da Europa. Muitos visitantes e agentes que passaram pela região na época, não entendiam como uma cidade com o parque industrial do porte de Blumenau pudesse “ser tão atrasada higienicamente”⁵²

O processo de urbanização, partindo do centro da cidade, eliminou vários prédios e casarões antigos, muitos com uma arquitetura peculiar, a tal ponto que, em 1950, muitos moradores pediam para que a Prefeitura botasse abaixo alguns prédios antigos, para que os mesmos não estragassem paisagística e visualmente as comemorações do Centenário da cidade.⁵³

Cinco anos depois, durante a campanha para eleições municipais, uma *charge* ainda fazia apelos à junção entre o rural e o urbano, pedindo que o eleitor *vote pelo progresso de Blumenau, votando em Busch*,⁵⁴

onde mostra-se o candidato com uma cabeça desproporcional ao corpo, sentado sob a dianteira de um trator que rasga impiedosamente o solo, formando uma sinuosa estrada. Atrás de si há um comboio de tratores e caminhões com a inscrição da Prefeitura Municipal de Blumenau – PMB, os quais constroem a estrada que leva ao município, sendo esta adornada com pés de palmito,

51 CARESIA, in FERREIRA e FROTSCHER; 2000, ps.169-84;

52 CARESIA, REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS, n° 07-08, jul/ago-2003.

53 CARESIA; 2000.

54 CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; ano XXXI, n° 92, 11/03/1955.

um símbolo da mata regional tendo grande significação para os descendentes de imigrantes, visto as primeiras moradias destes nas primeiras décadas da colônia serem feitas com material desta árvore, além do alimento fornecido pela mesma. A cidade pode ser vista ao longe, com altos edifícios e elevadas chaminés de fábricas que não condiziam com a paisagem urbana do centro da cidade, mas que representam muito bem o ideal de progresso almejado: modernizar a área urbana, sendo que a estrada que ligará a cidade a outros pontos do Estado e do país é a metáfora deste progresso, ou seja, a metáfora da integração.⁵⁵

Ao lado da estrada em construção, pode-se ver duas pessoas, que tanto podem ser operários da obra como também a representação de “dois colonos com enxadas nas mãos — outra simbologia regional que alude ao pioneirismo dos imigrantes”⁵⁶, acenando para o candidato a prefeito e aceitando sua visão de progresso.



Busch Jr. e a estrada como símbolo do progresso e metáfora da integração nacional.

Fonte: Jornal Cidade de Blumenau, 11/03/1955.

Nas primeiras décadas da indústria têxtil na região, a partir de

55 CARESIA, 2002, p. 131.

56 CARESIA, Idem.

1880, muitos agricultores faziam dupla jornada, trabalhando parte do dia nas fábricas e outra parte em sua lavoura, referência esta que um político-empresário, como Busch Jr. não podia abrir mão se quisesse eleger-se, como de fato o foi. Também é perceptível a semelhança que o cartunista imprimiu entre Busch Jr e o ex-presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt. Neste discurso que devia seguir a integração nacional, o rural parecia mesclar-se ao urbano, tendo o colono agricultor como peça chave, enquanto o empresário agia como elemento organizador da sociedade, indicando que rumos deveriam ser seguidos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Max Tavares do. *Assimilação e Aculturação dos Estrangeiros e seus Descendentes no Vale do Itajaí. Centenário de Blumenau*. Blumenau: Prefeitura Municipal de Blumenau; 1950, ps. 355-68.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras; 2008.

ANTUNES, Marilu. *O Olhar do Migrante sobre Blumenau: e as formas como Blumenau viu o migrante ao longo de sua história*. Monografia: TCC – História; FURB-Universidade Regional de Blumenau; 2004.

ARQUIVO HISTÓRICO JOSÉ FERREIRA DA SILVA. Cópias do Relatório do Ministro da Agricultura à Assembléia Geral Legislativa, relativo ao ano de 1867. PO2:28/284.

BLUMENAU EM CADERNOS. *Efemérides*. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau; tomo I, nº 11, nov/1958.

CAREZIA, Roberto Marcelo. *Blumenau e a Modernização Urbana: alterando costumes (1940-1960)*. in FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri. *Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes*. Blumenau: Nova Letra; 2000, p.169-83.

CAREZIA, Roberto Marcelo. *Ruptura com as Formas do Passado: entre a modernidade e a tradição*. BLUMENAU EM CADERNOS. Blumenau: Cultura em Movimento; tomo XLII, nº 03/04, mar/abr-2001, p. 70-101.

CAREZIA, Roberto Marcelo. *Ícones da Vida Moderna: tecnologia e saúde nos anúncios publicitários veiculados em Blumenau (1935-1955)*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Mestrado em História Cultural. Florianópolis; 2002.

CARESIA, Roberto Marcelo. **Nacionalização e Malária: dois discursos profiláticos.** BLUMENAU EM CADERNOS. Blumenau: Cultura em Movimento; tomo XLV, nº 05/06, mai/jun-2004.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do chopp.** Coleção Teses. Florianópolis: Letras Contemporâneas; 1997

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In NOVAES, Adauto (org). **Tempo e História.** São Paulo: Cia das Letras; 1992, ps. 289-305.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 6^a Ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 1971.

LIBERATO JÚNIOR, Guarim. Durante a Guerra, o Ouro era Febre. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau; O Eldorado do Vale (final), 20/05/1998, cad. A, p. 04.

MOOG, Viana. **Bandeirantes e Pioneiros:** paralelo entre duas culturas. 3ª.edição. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo; 1956.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil:** a penetração cultural americana. 7ª ed. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense; 1991.

RENAUX, Maria Luiza. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau: caderno A, 30/11/1996.

SACHET, Sérgio. Homens do Reno em Cabanas. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau; Santa Catarina 100 Anos de História. Edição Especial, 29/03/1997, ed. 04, p. 05.

SANTOS, Sidnei dos. Até Norte-Americanos vieram Garimpar. JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau; O Eldorado do Vale (final), 20/05/1998, cad. A, p. 04.

SILVA, Henrique Manoel. A Temática da Fronteira na Historiografia Brasileira. Texto em PDF, disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/4211/2873>.

ESPAÇOS PÚBLICOS



ESPAÇOS PÚBLICOS: PALCO DAS POTENCIALIDADES JUVENIS

Queli Flach Anschau¹

Este estudo se concretiza a partir de um arcabouço sociológico e de um levantamento de dados quando bolsista do CNPq no Núcleo de Estudos da Juventude Contemporânea/Programa de Pós Graduação em Sociologia Política/ UFSC.

Tomamos como referência contextual para nossa pesquisa, a cidade Blumenau, no Estado de Santa Catarina, dadas às características da sua formação urbana, ao longo das últimas décadas.



As praças contemplativas com a modernização vão adquirindo novos hábitos e questionamentos dos costumes. Praça Hercílio Luz. Acerto A.H.J.F.S.

1 Assistente Social/FURB, Especialista em Educação Popular e Movimentos Sociais/ISULPAR, Mestre em Sociologia Política/UFSC e professora Substituta do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. E-mail: qanschau@gmail.com Fone; 47. 91020326

Esta, como muitas outras cidades brasileiras, se constituiu por meio de um processo de modernização que demarcou a introdução de novos hábitos e questionamento dos costumes. No entanto, se diferencia à medida que insiste na manutenção de uma lógica pautada na idéia de mito fundador, que reafirma a germanidade como sinônimo de ordem e trabalho. Partimos da hipótese que esta lógica, na mesma medida que é assimilada por uma geração, sutilmente é questionada por outra, através de suas expressões nos espaços públicos dessa cidade.

Como método de observação/ação participante (HAGUETTE, 2002) mantivemos contato com os jovens nos espaços públicos, tendo por objetivo identificar tais espaços, verificar o que faziam ali e porque os haviam escolhido, na perspectiva de fundamentar o reconhecimento de como os jovens interagem com a cidade e identificar a existência de formas de contestação e juvenilização social em suas ações. Objetivava-se fazer uma reflexão acerca da ocupação dos espaços públicos, especificamente da rua, da cidade de Blumenau realizada pela população jovem como alternativa ao envolvimento nos programas sociais oferecidos, e, que corrobora na criação de uma cultura juvenil determinada. Tratava-se portanto, de uma reflexão de sentido não-isolado, porque absorvida pela imagem construída de juvenilização da cidade. Temos que explicitar as potencialidades destes jovens, de seus atos nesses espaços, para analisar se são ações que contribuem, ou não, para sua socialização e para a juvenilização da sociedade e se, de fato, corroboram para o desenvolvimento de uma sociabilidade juvenil por meio da apropriação do espaço urbano.

As incursões de campo compreenderam o período de um ano, por desconsiderarmos as apropriações dos espaços públicos no período da *Oktoberfest* e outros eventos relevantes da cidade. Em todos os grupos a aproximação foi objetiva, até porque não havia a intenção de estabelecer uma convivência com os mesmos. A reincidência de sujeitos encontrados

nos espaços possibilitou uma identidade comum em alguns momentos da pesquisa, inclusive indicações para outras abordagens. Esse fato nos deu entrada em alguns espaços ou junto a sujeitos com os quais talvez não tivéssemos possibilidades de interagir. Em todos os momentos iniciamos a conversa a partir de elementos comuns da realidade espacial onde se encontravam, conduzindo para o sentido que nos interessava e solicitando autorização para gravar depoimentos individuais.

Para compreender melhor esse cenário, vamos descrever o perfil das juventudes localizadas. Em seguida, com auxílio de um mapa, apresentaremos a localização espacial dos grupos e um resgate histórico de cada local, seu significado para a cidade e para esses jovens. Feito a devida localização do leitor sobre os espaços e do perfil geral dos jovens entrevistados, partiremos para a caracterização e expressão de cada grupo no momento da interação e significação com os referidos espaços, para depois apresentar um montagem, que chamamos de cartografia dos circuitos juvenis, para por fim, tecermos algumas análises sobre o elementos relevantes que o trabalho possibilitou.

Blumenau tem sua extensão territorial verticalizada. Sua apropriação ocorreu às margens do rio Itajaí-açu, que permeia literalmente de forma horizontalizada a parte central dessa extensão, fragmentando ainda mais os espaços dessa pequena largura geográfica. Sendo a região composta por vales, o não-alcance da vista já se torna elemento para fundamentar e denominar um novo espaço ou bairro.

Por conta de sua geografia, pode-se afirmar que Blumenau tem vários centros, ou várias cidades dentro de uma mesma cidade, fenômeno comum às cidades contemporâneas, segundo Negt (1999). No entanto, é no centro principal da cidade e em seus entornos que se constitui o palco escolhido pelos jovens para estarem nos espaços públicos. Saindo de suas comunidades ou bairros, deslocam-se de ônibus, de bicicleta, de *skate* e a

pé para a região central, onde permanecem em praças, *shoppings*, calçadas e/ou parques, conversando, às vezes bebendo e fumando. Portanto, todos os entrevistados não estavam nos seus lugares de origem no momento das entrevistas, o que nos remete a interpretar que estes estão em busca do anonimato, do não censuramento e não-disciplinamento de suas atitudes.

Nas falas e atitudes dos jovens pesquisados, se fazia presente a busca pela possibilidade de livre expressão sem que ficasse claro o que isso implicaria. Manifestavam o desejo de sair do controle dos adultos, mas não conseguiam especificar que tipo de controle seria e que expressão diferenciada queriam assumir. Muitas vezes, ocupavam os espaços sem nada nele ou dele fazerem concretamente.

Para os jovens, a região central é uma referência, não pelos serviços e espaços que apresenta -pois nas comunidades e bairros, muitas vezes, estes são melhores- mas pela possibilidade do anonimato frente às instituições que eles consideram controladoras: família, escola e até comunidade. Além disso, ela é mantenedora do cartão postal da cidade a partir de espaços históricos, administrativos e de mercado, tornando-se atrativa ao mesmo passo que, de forma indireta, é mais reguladora que os demais espaços em virtude de sua manutenção. Isso porque, nesse contexto não se encontra a família, a escola, a comunidade, mas a segurança pública, instrumento utilizado para mostrar que a cidade e suas referências são prioridade para o bem mercadológico, não comportando, ou apenas tolerando, a permanência de quem não queira consumir ou apreciar o “belo”.

Nessas ocupações aparece como pano de fundo um recorte classista, na medida em que os jovens que ocupam os espaços públicos o fazem na maioria das vezes para consumir bebidas, o que poderia ser perfeitamente feito em qualquer bar da cidade. No entanto, nessa circunstância, mesmo os preços populares se tornam elementos cerceadores de acesso para alguns dos jovens que encontramos. Dentre os grupos

pesquisados, apenas um deles consumia uísque nos espaços públicos e argumentava estar ali por “escolha”, pela tranqüilidade do lugar, e não pelo fator econômico.

Apesar desses indicadores, estava presente nas atitudes desses jovens a necessidade de anonimato. Ao mesmo tempo em que transgrediam a normalidade e chamavam a atenção com isso, tentavam não ser reconhecidos pelas pessoas em comum de outras faixas etárias. Deste modo, uma via de mão dupla os caracteriza: ao mesmo tempo que fugiam da repressão institucional da família e da comunidade, permaneciam em espaços importantes e visíveis da cidade. Sem práticas políticas contestatórias, permaneciam nesses espaços “chamando atenção” com gestos, com o visual diferenciado e pelo consumo de bebidas alcoólicas fora dos lugares “pré-estabelecidos” socialmente.

Considerando esses elementos, poderíamos indicar que a apropriação que os jovens fazem dos espaços da cidade - sem que haja uma consciência de que o estejam fazendo² - é uma estratégia de visibilidade. Isso explica a contradição entre a prática e o discurso do anonimato. No fundo, eles estão lidando com dois mundos: o mundo do concreto, do dia-a-dia dos bairros e das famílias e etc., do qual querem fugir, e o mundo “do imaginário”, o centro, o público, o que foi construído para os turistas, para “a sociedade”, a “estética”, o “ordeiro”, no qual querem circular por serem espaços estratégicos para a visibilidade.

Com estas características acreditamos se tratar de grupos informais ou espontâneos de jovens em busca de uma afirmação identitária ou de transição. Groppo (2000), fazendo referência à discussão de

2 Referimo-nos ao “saber não sabido” referenciado por Certau (1994). Para ele, entre a prática e a teoria há uma terceira posição: o saber não sabido. Trata-se de saberes sobre os quais os sujeitos não refletem. Tais saberes são, às vezes, reconhecidos por outro, mas não por seu proprietário.

Eisenstadt, afirma que, dada a complexidade da sociedade moderna, os grupos etários recebem uma tarefa mais difícil, de transição da vida familiar para a vida social mais ampla. Este processo conduz ao surgimento de vários grupos e agências dirigidos à juventude³, dentre eles, os grupos juvenis espontâneos, os quais não servem para obtenção plena de um *status* adulto, no entanto, não são ambivalentes a este. Para o autor, ao mesmo tempo em que esses grupos espontâneos procuram acentuar suas diferenças em relação aos adultos e opor-se a papéis parciais oferecidos, esforçam-se por se comunicarem e serem reconhecidos pela sociedade ampla. Apesar das diferentes orientações de valor e dos espaços ocupados não serem espaços de transição para um *status*, os grupos juvenis espontâneos constituem um processo de maturação social no qual os próprios jovens têm papéis relevantes ao criarem as primeiras disposições para identificação com a sociedade e por serem receptáculos de solidariedade (EISENSTADT *apud* GROppo, 2000, p.49).

Apesar de considerarmos que esses espaços são de maturação e reconhecimento juvenil, percebeu-se na prática de alguns dos jovens pesquisados algumas contestações, sendo, talvez, a mais acirrada delas a “contestação” das condições econômicas. Os jovens em questão não acessam estabelecimentos oficiais por não terem recursos econômicos suficientes para pagar a diferença da prestação de serviços – garçon, *couvert* e outros – a que os supermercados, por exemplo, não estão condicionados. No entanto, permanecem geralmente em lugares que fazem frente ou lateral a espaços que prestam serviços de bar, lanchonete e similares. Acreditamos que devido à falta de clareza ou amadurecimento demandados por vários fatores da sociedade moderna, essas expressões, pautadas em fatos históricos de desenvolvimento urbano e principalmente na negação

3 Ele menciona três: sistema escolar educacional, agências juvenis mantidas por adultos e grupos juvenis espontâneos (GROppo, 2000, p.43).

de uma moratória social aos jovens, não são potencializadas e acabam constituindo uma rebeldia sem causa para a sociedade.

Segundo Groppo:

A multiplicidade das juventudes não se funda num vazio social ou num nada cultural, não emerge de uma realidade meramente diversa, ininteligível e esvaecida. Tem como base experiências sócio-culturais anteriores, paralelas ou posteriores que criam e recriam as faixas etárias e institucionalizaram o curso da vida individual (GROPPO, 2000, p.43).

Portanto, quando afirmamos que se explicitam no cenário público questões do social e não só do exercício político, estamos afirmando que a juventude, apesar de institucionalizada em seu curso da vida a partir do projeto civilizador da modernidade, manifesta as desigualdades a ela impostas historicamente, como gênero, pobreza e localização territorial. Como não há um exercício reflexivo por parte dos jovens, a sua prática não se caracteriza como contestação política, mas se apresenta latente nos espaços como possibilidade de novos formatos de fazer o cotidiano.

Nesse contexto, entra em cena um outro elemento que alcança as juventudes nos espaços públicos: a segurança pública, ou o braço do Estado – a grande vilã das defesas institucionais contra as expressões juvenis. Com relação a esta questão, constatamos que nem sempre a polícia e a guarda de trânsito – no caso de Blumenau – referendam visivelmente a segurança para lados ou gerações distintas. Tanto para a sociedade, que reclama uma atitude frente à permanência dos jovens nos espaços públicos, quanto para os jovens as ações relativas à segurança pública constituem o âmbito das representações. Para os jovens blumenauenses, a polícia é vista como truculenta e agressiva. Para sociedade blumenauense, a polícia “não faz nada”, pois não tira os jovens de determinados espaços.

Já nos dados da Polícia Militar, os jovens que estão nos

espaços públicos são tidos apenas como elementos suspeitos, pois os laudos das ocorrências envolvendo o público juvenil afirmam se tratar de “averiguação de elemento suspeito” e a medida tomada pelos policiais é de orientar os “elementos” sobre o quanto suas atitudes se enquadram na contravenção penal: perturbação do sossego alheio. Em geral, o fechamento dessas averiguações/ocorrências implicam em fazer com que os jovens se “comportem” ou “sigam destino”, saiam do local, circulem, o que quase sempre fazem, indignados, mas sem enfrentamentos diretos.

A linha que permeia a resistência juvenil se rompe no lado mais fraco, neste caso o dos jovens pelo fato de que, até o momento, grande parte deles não teve nenhuma experiência igualitária, mas apenas de sujeição aos pais, aos mais velhos, à igreja, à escola, etc. É justamente na fase da juventude que eles começam a “dar os primeiros passos” para quebrar as hierarquias e ascender a algum patamar identitário. No espaço público, se “subiu alguns degraus” - se assim podemos dizer no que se refere aos segmentos (pais, igreja, escola) que a juventude já desconsiderou sobre vigilância - que já se “eliminou” dele a comunidade, escola e família, mas a Polícia ainda não. O fato de saírem dos bairros e ficarem “entre iguais” na rua, mostra que eles estão fazendo experiências de novas formações sociais. No entanto, as representações acerca da Polícia e de sua truculência aumentam e ganham ênfase em seus discursos por ser ela o Institucional que ainda os enfrenta no espaços públicos. Dessa forma, repudiam a polícia, mas não agem contra a regulação que acontece, já que valorizam as câmeras de vigilância e limpam os espaços onde permanecem para poderem ali voltar - como foi a característica de um dos grupos - sem apresentar nas ocorrências policiais motivo de ação efetiva contra si, mas apenas de diagnóstico e advertência.

Mellucci (1996) ao discutir elementos dessa natureza afirma:
que sociedade não é mais a tradução monolítica de um

poder dominante e de regras culturais na vida das pessoas, ela lembra um campo interdependente constituído por conflitos e continuamente preenchido por significados culturais opostos (MELLUCI, 1996, p.48).

Por isso, a aparência da regulação institucional é de agregação e tolerância, fato que, de certa forma, desmobiliza qualquer ação mais contundente por parte dos jovens mais críticos e determina a “obediência” dos demais. Estamos frente a outra estratégia de disciplinamento quando os jovens que estão nesses espaços, de certa forma, corroboram com esse “contrato”. A truculência está no imaginário dessa população uma vez que o disciplinamento acontece “naturalmente”, salvo raras exceções. Quando este “acordo” não apresenta resultado efetivo, a prática do revestimento e do “paredão” são usadas para reafirmar o estabelecido simbolicamente, ação que sempre culmina na obrigação de mudar de espaço por parte dos jovens.

Apesar desse cenário de não-enfrentamentos diretos, segundo Melluci (1996, p.23)⁴, esses conflitos se desenvolvem nas áreas do sistema que estão expostas aos maiores investimentos simbólicos e, por isso, de maior sujeição às pressões por conformidade, ainda que as ações dos atores desses conflitos sirvam como indicadores. Ou seja, ocorrem como numa espécie de mensagem enviada à sociedade justificando a necessidade da ocupação dos espaços estratégicos e visíveis da cidade, por isso essas ações se constituem em desafios simbólicos, mesmo quando não alcançam um perfil político organizado.

A confirmação desse simbólico se caracteriza quando o grande diferencial dessa população se manifesta como sua aparência visual e não necessariamente suas ações. Encontramos na rua *Skatistas, Rappers, Heavy Metals, EMOs* ou simplesmente adeptos do *Rock and Roll* e aqueles sem referencial específico, mas que acabam por se enquadrar no

4 Lembramos que Melluci trata de movimentos sociais, mas são suas considerações sobre os espaços utilizados por tais movimentos é o que nos interessa.

padrão consumista de marcas. Todos fazem jus ao visual requerido por suas respectivas ideologias. Com exceção dos *EMOs*, todos se consideram segregados no contexto da cidade devido às suas aparências. Trata-se de uma segregação que aparenta incomodá-los significativamente, no entanto não o suficiente para alterarem suas práticas ou as próprias aparências. Isso nos leva a concordar com Groppo (2000) quem afirma que é na segregação, também, que os jovens podem atingir gradualmente, e com mais segurança, uma orientação ainda coletivista com seus iguais do grupo juvenil. Segundo este autor,

estes grupos acabam tendo “sucesso” como institucionalização secundária do jovem na sociedade moderna, porque são um segundo estágio de maturação psicológica e mantêm a capacidade de escolha entre alternativas segundo valores morais gerais, além de criarem uma estabilidade de comportamento e de vida emocional (GROPPO, 2000, p.49).

Esse “sucesso” a que faz referência Groppo (2000) ao falar da institucionalização secundária desses jovens como possibilidade de maturação, de estabilidade de comportamento adquirida entre os iguais, se apresenta nos grupos entrevistados uma vez que todos (com exceção dos que estão na faixa etária inferior aos 16 anos) trabalham em empregos formais (como empresas têxteis, agências de publicidade, comércio, etc.) e moram com os pais. Além disso, a grande maioria concluiu o ensino fundamental ou continua a estudar pelo compromisso de “se dar bem” e se mostrar como “exemplo aos seus pais”.

Percebemos também, a partir desses elementos, haver uma tolerância para com a perpetuação da estaticidade urbana. Na medida em que a diferença apresentada por esta geração não é questionada contundentemente pela sociedade, os jovens não perdem o motivo de acentuá-la, porém, não alteram significativamente os espaços que ocupam, mas apenas o ocupam. A identidade assimilada com relação à cidade é pré-estabelecida, os planos para com o futuro são uma imitação dos valores do mundo adulto, que em

Blumenau estão pautados num tradicionalismo afirmado através do slogan “ordem e trabalho”, mensagem presente nas atitudes juvenis com relação ao futuro. Ora as falas desses jovens são conservadoras e suas práticas contestadoras, ora suas falas são contestadoras e suas práticas conservadoras; prática e consciência não se mostram andar juntas, de modo que a práxis não existe e nos deparamos com a rebeldia sem causa.

Os jovens entrevistados formam o que Mannheim (1982) definiu como unidade de geração, considerando que partilham de experiências que não são comuns aos demais integrantes da mesma geração blumenauense, pois são um percentual pequeno do total da juventude dessa cidade. Para o autor, unidades de geração se caracterizam:

pelo fato de que não envolvem apenas acontecimentos partilhados igualmente por todos [...], mas também uma identidade de reações, uma certa afinidade no modo pelo qual todos se relacionam com suas experiências comuns e são formados por elas (MANNHEIM, 1982, p.89).

Os jovens em questão estão nos espaços partilhando questões comuns à faixa etária na qual se encontram, mas principalmente as vivências possíveis à moratória vital de cada um. Coletivamente, estão nos espaços públicos sem muita propriedade acerca destes. O perfil geral desses jovens requer uma ampliação da análise, o que será feito a seguir na medida em que adentrarmos ao reconhecimento das especificidades de cada espaço e cada grupo.

Foram reconhecidos e analisados oito grupos e quatro subgrupos. Dois grupos se definiram como *Rappers*⁵, dois como *Heavy Metals*

5 Repper: Quem curte ou pratica RAP ou Hip Hop. Hip-hop: é um movimento cultural iniciado no final da década de 1960 nos Estados Unidos como forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. É uma espécie de cultura das ruas, um movimento de reivindicação de espaço e voz das periferias, traduzido nas letras questionadoras e agressivas, no ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas pelos muros das cidades. O hip hop como movimento cultural é composto por quatro manifestações artísticas principais: o canto do rap (sigla

ou amantes do *rock and roll*⁶ (conjuntamente com um subgrupo de *EMOs*⁷), um como *Ciclistas* e outros três que não se definiram⁸. Esses grupos foram abordados em sete espaços distintos, em diferentes contextos da cidade os quais, numa perspectiva histórica não apresentam correlação, pois, todos datam fatos e momentos diferentes da cidade. No entanto, na perspectiva juvenil eles ganham outra dimensão, formando o que Magnani (2007) denominou de *circuitos*⁹ como pode ver no mapa a seguir:

para *rythm-and-poetry*), a instrumentação dos DJs, a dança do break dance e a pintura do grafite. O termo música hip hop refere-se aos elementos rap e DJ, sendo hip hop também usado como sinônimo de rap.

- 6 Também escrito rock 'n' roll, é um gênero de música que emergiu e se definiu no sul dos Estados Unidos durante a década de 50, rapidamente se espalhando pelo resto do mundo. Evoluiu mais tarde para diversos sub-gêneros no que hoje é definido simplesmente como "rock". Atualmente, o termo "rock and roll" tem diversos significados, seja para definir o rock tradicional ao estilo dos anos 50, ou para definir o rock surgido posteriormente, e até mesmo certas vertentes da música pop.
- 7 Abreviação do inglês emotional, é um gênero de música derivado do Hardcore. O termo foi originalmente dado às bandas do cenário punk de Washington, DC que compunham num lirismo mais emotivo que o habitual.
- 8 Por estarem caracterizados com estilos/roupas da moda atual, os denominamos de "jovens padronizados pelo consumo" para diferenciá-los dos demais.
- 9 Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou oferta de determinado serviço por meio de estabelecimento, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido por seus usuários habituais. Ou designa um uso dos espaços e de equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros.



MAPA DO MUNICÍPIO DE BLUMENAU / SC

Rua Antonio da Veiga: Condições de acesso e espaços relevantes da cidade, centro dos encontros de jovens estudantes. Aqui, se formam em subgrupos a partir de pontos que apresenta como principal característica o estilo visual e a cidadania social.

Praca do Estudante: Se constitui a parte da Universidade Regional de Blumenau, e uma estação de acesso a vários lugares, inclusive a Rua Alberto Strick, corredor principal que liga aos pavilhões da universidade. Aqui, se reúnem para beber, conversar e pausar longe das obrigações acadêmicas da faculdade e convivência em grupo composta por jovens de diferentes regiões da cidade, que apresentam um contato a favor ético.

Parque Ramiro Rodrigues: Revitalizado e ampliado na década de 90, é um complexo popular para a prática de esporte. Cenário de diversidade social sem o uso de álcool. Grupos de estudantes, de praticantes de esportes no *top-top*.

Shopping Neumarkt: Principal ponto de encontro e convívio da sociedade blumenense, e único espaço cultural para acesso a cinemas. Reune uma diversidade social que se apresenta em pequenos grupos com origens territoriais em comum cuja função ab é o trânsito, a observação, o ser visto, a paquera, principalmente com os/as descobridores/as.

XX de Novembro: Aberto de centro histórico atrevida o centro principal e se constitui como principal corredor comercial da cidade. Espaço de passagem de vários grupos cuja particularidade foi e não abstrata territorial de ocupação e pela necessidade de *transgredir* de dentro a cidade.

Praca do Bergarten: Primeira entrada da cidade, antigo ponto fluvial, considerado espaço de cultura e lazer. Subgrupo da turma de preto, se caracterizam pelo estilo diferenciado de vestir e apresentam e constroem o ponto pela música.

Pranha: Revitalizada na década de 80 como área de lazer e prática de esportes agrupada e espaço gastronômico e cultural. Espaço plural, com vários grupos e diferentes práticas.

Apesar de nas cidades modernas os espaços públicos estarem concomitantes ao mercado e, por conta disso, se apresentarem poroso à força expressiva, não apenas dos argumentos mas também das *performances* e das formas não-verbais de comunicação, ocupá-los, ainda consiste diretamente em destacar a importância desses, como necessários às atividades sociais em comum para a condição humana. Pois, os espaços públicos das

idades, apesar dessa metamorfose, ainda têm um grande papel na criação dos fomentos que conduzem à ampliação do grau de consciência dos sujeitos, eles são considerados historicamente como espaço de revelação, e se assim não for reconhecida e defendida pode se prestar indefinidamente à reprodução do poder daqueles que historicamente dominaram o processo de produção principalmente do discurso verbal (COSTA, 1994).

Para Costa (1994), a esfera pública contemporânea, principalmente nas democracias maduras, se apresenta como um fórum comunicativo aberto e dinâmico, no qual, novas questões são permanentemente introduzidas na ordem do dia. Para ele, não há uma distinção apriorística das fronteiras do público e do privado que defina de saída os temas passíveis de tratamento político. Nessa perspectiva, “a esfera pública apresenta-se, como órbita porosa e ubíqua que perpassa todos os níveis da sociedade e incorpora o conjunto dos discursos, visões de mundo e interpretações que adquirem visibilidade e expressão pública” (COSTA, 1994, p.33).

Portanto, para esse autor, o que existe é uma variedade de fóruns e arenas comunicativas que, na medida em que reivindicam algum sentido político, convergem para a esfera pública maior ou nacional, que por sua vez, pode ser compartilhada por estar mais acessível ao conjunto dos cidadãos. Em suma, nesse contexto, a esfera pública/espaço público constitui uma arena viva e dinâmica, na qual tem lugar um permanente processo de construção, desconstrução e reconstrução discursiva e simbólica dos cidadãos.

Observando isso, procuramos abordar o segmento social da juventude na sua relação com o desenvolvimento da vida urbana nos espaços públicos. Considerando-os –os jovens- não só nas definições biológicas, mas também como um segmento social em estado de transitoriedade e/ou situado numa dada historicidade que constrói suas formas de organização nos espaços públicos.

Segundo Groppo (2000), juventude é uma categoria social

estruturante e gerada pela modernidade. É originada da cultura e da sociedade ocidental, capitalista, burguesa e liberal do século XIX. Por conta disso, a concepção de juventude ainda é marcada por caracteres definidores e legitimadores de científicidades, apenas baseadas em uma noção evolucionista do ser humano. Porquanto, a história da modernidade tem sido a da criação de uma estrutura de faixas etárias, entre as quais, aquela que define a condição juvenil, sob os princípios universalistas e *naturais*, fundados principalmente na cronologização do curso da vida.

Apesar disso, devido à complexidade das sociedades modernas, múltiplas práticas, discursos e concepções foram criados, possibilitando desmistificar o caráter natural das faixas etárias, encaminhando a compreensão acerca da juventude como categoria social - não deixando, porém, de afirmar o cuidado que a determinação de estágio da vida bem circunscrita também responde aos inúmeros projetos sociais disciplinadores que pretendem guiar os indivíduos.

Para Groppo (2000), desde a origem instala-se uma condição análoga as das demais categorias sociais geradas pela modernidade, tais como os projetos oficiais, concepções institucionais e ideológicas, as construções jurídico-legais e as políticas públicas que constroem, recriam ou reorganizam grupos e/ou coletividades sociais. Análogas porque, desde então, os “objetos” - de quem se esperava passividade - passam a elaborar, propor ou criar práticas de sociabilidade e valoração alternativas e ambíguas em relação às respostas oficiais resistentes, tornando-se deste modo, também sujeitos de ação social. Vemos isso nos movimentos de 1968, dentre outros enfrentamentos políticos inscritos na história mundial de revoltas que são, também, de uma geração juvenil (GROPPO, 2005).

Para Abad (2002) a proposta do capitalismo é anular a condição juvenil, como tantas outras já foram em prol da absorção capitalista ao mercado de trabalho, reduzindo-a a condições meramente reprodutivas de trabalho e consumo. Anulando completamente as potencialidades

progressistas apontadas por Mannheim (1978), que poderiam ser desenvolvidas na juventude. São abandonadas em prol da reprodução e conservação da estrutura capitalista, sendo preciso apenas a virilidade jovem para reproduzi-la.

Os espaços públicos possibilitam fugir a essa regra, apesar de que as ações juvenis nestes nem sempre tenham sido contestatórias e nem sempre terem assumido caráter político de ação, temos que considerar que a rua –espaço público- como categoria de relação, sempre foi depositária, sempre permitiu a realização cidadã. Possibilitou a potencialização de espaço concreto e simbólico da sociabilidade a partir do exercício profundo e sem regras às potencialidades juvenis. A priori, caracteriza-se como espaço de sociabilidade, de ação e construção identitária. Portanto, a negação ou repressão desse exercício é suprimir a juvenialidade desses espaços e o experienciar de uma geração.

Nesse processo dialético de sociabilidade que se dá entre as gerações, o caráter da experiência é fundamental para os indivíduos jovens, pois orienta o processo de socialização dos jovens e da própria sociedade. A experiência juvenil, segundo Mannheim (1982), advém do *contato original*, sob o qual se estrutura o aprendizado da vida social. Para ele:

O contato original é um acontecimento na biografia individual [...] no caso das gerações podemos falar de “contatos originais” no sentido da adição de novas unidades psicofísicas que estão, literalmente começando uma “nova vida” [...] o contato original com a herança social e cultural é determinado, não através da mera mudança social, mas por fatores biológicos fundamentais (MANNHEIM, 1982, p.75).

São os elementos alavancadores ou motivadores desses contatos, que demandaram historicamente que a relação dos jovens com as demais categorias se apresente análogo. Ora como protagonistas, ora

como regulados, ora como instrumentos nas mãos de outras gerações¹⁰.

Nos movimentos dos jovens encontrados na cidade de Blumenau¹¹ as expressões coletivas observadas foram diversas. Consistiram em um misto de vontade própria e potencialidade juvenil, onde ao mesmo tempo havia o reconhecimento e respeito às normas urbanas e sociais, havia um transgressão simbólica presente no visual, gestos e posturas. Eles, apropriavam-se dos espaços públicos para garantirem a sociabilidade coletiva e a formação de identidades, porém, mantinham a individualidade do privado como elemento fundante da moral, ou seja, suas expressões estavam permeadas por duplo valor: aquele pautado na lógica de mito fundador (CHAUÍ, 2000), povo ordeiro e trabalhador e outro, que se constitui em afrontar o contrário do que está estabelecido.

No entanto, a medida em que se verifica o quanto essa transitoriedade de cidadãos jovens está imbricada em práticas reveladoras de potencialidades e sociabilidades, as quais, legitimam identidades próprias aos jovens e seus movimentos, a sociabilidade aparecerá como categoria determinante de novas identidades no cenário Blumenauense. Pois, quando esses jovens são questionados sobre a germanidade de Blumenau, negam-na, dizendo que não se sentem alemães, apesar de serem naturais da cidade. Ao falar em futuro, afirmam a necessidade de uma formação para ascender a um bom trabalho e constituir família. Quando foi abordado a questão familiar, assumem que apesar de todos morarem com suas famílias, a maioria omite delas essas práticas nos espaços públicos, pois de certa forma as condenam também.

10 Groppo (2005) referencia o jovem como instrumento, citando o exemplo das guerras, principalmente o movimento Hitlerista, onde o jovem assumia uma causa adulta como sua. Hoje um bom exemplo são os dos jovens moldados para o consumo.

11 Encontramos nas ruas de Blumenau *Skatistas*, *Rappers*, *Heavy Metals*, *EMOs* ou simplesmente adeptos do *Rock and Roll* e aqueles sem referencial específico, mas que acabam por se enquadrar no padrão consumista de marcas.

Mesmo assim, a partir das ocupações dos jovens, a cidade ganha novos entorno, pois novos espaços são criados e renovados, novos bares e parques são reformados ou pensados nas proximidades das ocupações. Então, apesar de não romperem na totalidade com a lógica do mito fundador, podemos inferir que a juventude blumenauense provoca juvenilização dos espaços desta cidade, o que vem sendo constatado ao longo dos anos na sua formatação urbana, onde novas estruturas de sociabilidade foram ampliadas.

Segundo Canclini (2005), o patrimônio simbólico imaginário de um povo se constrói na interação com o urbano, por isso acreditamos que o invisível de Blumenau não é alemão, mas que a identidade do seu público que interage com o espaço urbano é a multicultural. Pois, encontramos nas ruas de Blumenau dois grupos que se definiram como *Rappers*, dois como *Heavy Metals* ou amantes do *rock and roll* (conjuntamente com um subgrupo de *EMOs*), um como *Ciclistas* e outros três que não se definiram. Estes últimos consideramos como “jovens padronizados pelo consumo” pelo fato de não assumirem nenhum referencial e estarem caracterizados com estilos/roupas da moda atual.

O que se verificou nesse contexto, é que Blumenau, como qualquer outra cidade sofre as transformações urbanas e não sabe lidar com as potencialidades juvenis. Reproduz a lógica adulta em todos os seus serviços e eventos. O seu diferencial se constitui em usar a “germanidade” para reprimir e privatizar os espaços públicos. Com essas práticas de apropriação da cidade, de vitalidade, os jovens não são reconhecidos, estão em detrimento da cidade ordeira. Nega-se aos jovens a possibilidade de romper com essa estrutura cultural, porém, não se nega à cidade um rejuvenescimento. Não obstante, a cidade ganha nova composição quando essa população específica está nas ruas, recebe novos ares a partir dessa afronta simbólica juvenil - assim como os espaços públicos historicamente

ganharam. Sabemos que reconhecer isso, implica em desmistificar estereótipos determinados socialmente, o que não acontece sem estruturar conflitos, portanto, se já há conflito geracional, podemos reconhecer que concomitantemente já existe essa desmistificação na prática, resta reconhecê-la socialmente.

No caso dos jovens, à medida que estes negam-se, conscientemente ou não em assumir determinados estereótipos atribuídos a sua geração, automaticamente constroem uma desordem social, pois “questionam o modelo”. Esse conflito segundo Heller (In Telles, 2006), nada mais é que “(...) rebelião das sadias aspirações humanas contra o conformismo: é uma insurreição moral consciente ou inconsciente”. Nessa direção, a negação mesmo que sem ser percebida, se constitui em outro caminho para a construção da identidade deste público, uma vez que escolha ou aceitação do papel é ideal e só será internalizada ou assumida à medida que se viver esse papel em sua condição cotidiana.

Essa negação juvenil enviesada, mesmo que não efetivada em prática política contestatória -racionalidade- reconhecemos como uma reivindicação por parte dos jovens, pois, segundo Heller (In Telles, 2006) as necessidades podem ser expressas simplesmente por gestos, com palavras ou com ações, sem necessariamente ter motivos para justificá-la. O que importa, é que a partir disso, elas já existem e, se essas mesmas necessidades se generalizarem, podem ser justificadas por valores e traduzidas na linguagem das reivindicações. Talvez esse generalizar esteja na necessidade de coletivização dos jovens efetivada nos espaços da cidade, se considerarmos que sozinhos declaram sofrer menos preconceitos ou até passarem despercebidos em suas diferenças, as quais se acentuam quando estão juntos.

Mas, o fato dessas novas necessidades às vezes parecerem irracionais é motivo suficiente para concluirmos que se deve reconhecer

como reais todas as necessidades irracionais e não apenas as racionais. Pois, segundo Heller (1970), tentar entender o mundo, fazer julgamentos sobre os atores, analisar, criticar, aceitar ou rejeitar as instituições políticas fora do raio de ação da pessoa, também são aspectos do “enfrentamento do contexto”.

A observação dos jovens no cotidiano blumenauense permitiu descobrir a diversidade de comportamento entre as diferentes juventudes dentro de um mesmo contexto. Permitiu reconhecer, que se movem diferentemente em busca de identidade e vivências, se vestem de maneira diferente para serem vistos e reconhecidos, mas nem sempre se comportam de maneira diferente às gerações mais velhas. O que fazem é utilizar a moratória vital¹² para expressar suas maneiras de pensar, de sentir e de agir, que nada mais são do que diferentes mapas de significação que orientam suas condutas.

O desafio desse movimento intergeracional de sociabilidade e juvenilização, segundo Della Flora (1997, p.22), consiste em superar os elementos que inibem os jovens de participarem do contato original com a cultura. Por isso, hoje, juventude e pleno status social não são mais, na sociedade contemporânea, termos tão contraditórios, pelo contrário, tendem até a coincidir, com importante ressalva de que a “juventude” foi totalmente deturpada e alienada em relação a valores de autonomia e inconformismos, suas relações interindividuais e por fim suas trajetórias e entrada na vida adulta.

Neste sentido, afirmamos a necessidade de uma cultura pública democrática para o reconhecimento e estimulação das potencialidades juvenis, nem que sejam estas apenas para elaborações subjetivas de uma

¹² Diz respeito à sensação de imortalidade própria dos jovens. O gosto pelo perigo e pelo desafio, a audácia de tomar determinadas atitudes e praticar determinados atos, muitas vezes é confundida com a irresponsabilidade (MARGULIS, 2000).

dada geração. Se isso não ocorrer espontaneamente ou de forma provocada, acreditamos que será reivindicada como necessidade para um processo de transição. Acontecendo assim, de forma enviesada, será, por conseguinte mais labutada do que o necessário, acarretando prejuízos sociais para ambas gerações, adulta e juvenil.

BIBLIOGRAFIA

- CANCLINE, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. SP. UNESP. 2005.
- CAREZIA, Roberto Marcelo. In. FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Meri (org). Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes. - Blumenau : Nova Letra, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. A nação como semióforo. In: Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Albano, 2000.
- COSTA, S. (1994), “Esfera Pública, Redescoberta da Sociedade Civil e Movimentos Sociais no Brasil. Uma Abordagem Tentativa”. *Novos Estudos CEBRAP*, no 38, pp. 38-52
- FLORES, Maria Bernadete Ramos; WOLFF, Cristina Scheibe. Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis : Letras Contemporâneas, 1997.
- GROPPO, Luis Antonio. Juventude– ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- GROPPO, Luis Antonio. Uma onda mundial de revoltas. Movimentos Estudantis de 1968. Piracicaba. Editora UNESP, 2005.
- HELLER, A. O cotidiano e a história. São Paulo: Paz e Terra. 1970.
- MACHADO, Ricardo. De Colônia a Cidade: propriedade, mobilidade e ordem pública em Blumenau em fins do século XIX. Dissertação de Mestrado/História/UFSC. (2006).
- MAGNANI, J.G.C. “Circuito de Jovens”. In: MAGNANI, J.G.C & SOUZA, B.M. (org). Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo; Ed. Terceiro Nome, 2007.
- MANNHEIM, Karl. *Sociologia*. Coleção Os Grandes Cientistas Sociais (organizadora Foracchi, M.M.). São Paulo: Ática, 1982.
- MARGULIS, Mario & Urresti, Marcelo La juventud es más que una palabra. In: _____: La juventud es más que una palabra-Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires, Edit. Biblos, 2000.
- MELLUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Revista Brasileira de Educação- ANPED – Juventude e Contemporaneidade. n. 5 e 6 , 1997.
- SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. As insurgências e as novas narrativas políticas contra o instituído. Cadernos de Pesquisa Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFSC, Florianópolis n. 32, 2002.



Os “CLOCHARDS”
de Blumenau

OS “CLOCHARDS” DE BLUMENAU

Dr. Walmor Erwin Belz¹

Blumenau é uma cidade caracterizada, muitas vezes, pelo pioneirismo. Sua originalidade reside já pela colonização alemã. Os alemães procuravam novas terras em busca de liberdade econômica, política, religiosa e filosófica. Não eram degredados, náufragos ou traficantes. Vieram juntos com seus familiares e com profissões definidas. Buscavam o sonho da esperança. Na época não permitiam escravidão do negro e do índio. E até limitavam o latifúndio, que poderia gerar riqueza mas não equilíbrio social. Estas individualidades tiveram grande influência no “*modus vivendi*” dos blumenauenses.

Os “clochards”, duas criaturas que apareceram nos anos 30, habitavam a Rua XV de Novembro, dormindo nas calçadas com suas vestimentas, rostos velhos, imundos. Barbas grandes, sapatos furados, assumiam sua pobreza sem esmolar ou importunar os transeuntes. Quando passavam pelo Hotel São José do meu avô Michels, nós, garotos, que os tínhamos apelidado de “Alah Lá Oh” e “Vento levou”, fazíamos deles chacota e atirávamos pedras. Eles, no entanto, não revidavam. Apenas iam. Viviam com a dignidade dos “clochards”.

Desapareceram como que por encanto. Que Deus os tenha no seu regaço.

1 Emérito da Sociedade Catarinense de Medicina.

ENTREVISTA

Ramiro Ruediger



Esta entrevista foi realizada no ano de 1982 com o senhor Ramiro Ruediger, na época ocupando o cargo de vice-prefeito de Blumenau. Foram seus entrevistadores os jornalistas Luiz Antônio Soares (L.A.S.) e Danilo Gomes (D.G.).

O entrevistado ao fazer o seu depoimento no programa “Censura Livre” narra suas vivências como administrador municipal (1982 a 1983), sua dedicação ao esporte amador, bem como sua atuação na presidência da Comissão Municipal de Esportes.

A transcrição deste documento foi realizada pelo Laboratório de História Oral da FURB - CEMOP.

L.A.S. - O vice-prefeito Ramiro Ruediger tem marcado a sua atuação frente ao cargo que exerce, como um administrador popular. Ligado diretamente aos setores mais atuantes do governo municipal, rígido e ao mesmo tempo simples, Ramiro é acima de tudo um homem prático e objetivo nas tomadas de decisões, contribuindo dessa forma para solucionar ao chamado varejo da administração Municipal, onde se evidencia como um homem popular e muito bem quisto. Herdando essa sua maneira de ser, de uma origem vinculada ao trabalho, dedicou grande parte da sua vida ao esporte. Ele foi dirigente do Clube Náutico América, do ex-Palmeiras Esporte Clube, no qual foi tesoureiro por três gestões consecutivas, chegando a exercer interinamente a presidência. Este ano, mais uma vez, Ramiro Ruediger assumiu a presidência da Comissão Municipal de Esportes, na qual já se encontra há 12 anos. E é no esporte amador que se tem destacado com grande ênfase a sua atuação. Fato que nos leva, ao mesmo tempo em que nós cumprimos por mais essa grande vitória do esporte amador de Blumenau nesses últimos Jogos Abertos, a trazê-lo

ao programa Censura Livre para conversar a respeito dos mais variados assuntos da administração municipal, e também do nosso esporte amador. Danilo Gomes.

D.G. - Senhor Ramiro Ruediger, é uma prazer tê-lo neste programa. Quais são as atividades específicas do Vice-Prefeito de Blumenau?

R.R. - Bom, normalmente o Vice-Prefeito de Blumenau não tinha atuação. Quando da nossa candidatura e eleição, nos comprometemos a ajudar na administração municipal. Então foram criados diversos serviços, digamos assim, para o Vice-prefeito. O Dr Renato deixou a encargo do vice-prefeito todas as comissões que atuam na prefeitura. Cito aqui algumas: Comissão do Desenvolvimento Econômico, Comissão de Turismo, que existia até bem pouco tempo que era vinculada ao gabinete do prefeito, as Comissões de Esporte. Todos os órgãos que recebem ajuda direta da prefeitura estão vinculados e prestam contas ao gabinete do prefeito: a FURB, a Fundação casa Dr. Blumenau, a PROEB, o Hospital Santo Antônio. Independente disso, temos atuação em todas as áreas, nós tratamos de assuntos com a Secretaria de Obras, Finanças. Enfim, nós nos metemos em tudo, vamos dizer assim.

D.G. - O senhor falou nessa Comissão de Desenvolvimento Econômico do Município. Ela faz exatamente o quê? E é integrada por quem?

R.R. - A Comissão de Desenvolvimento Econômico, como todas as comissões, é composta por membros da sociedade de Blumenau, e são indicados pelo seu sindicato e órgãos representativos da cidade. A Comissão de Desenvolvimento Econômico tem por

norma examinar pedidos de incentivo às indústrias de Blumenau que queiram se expandir, ou para as instalações de novas indústrias em Blumenau. Então é feito um processo de pedido, essa comissão analisa. Temos diversos itens estudados nessa comissão, como sejam, o Capital que essa firma irá empregar, o número de empregos que vai gerar, o faturamento, a expansão. Então, baseados nesses valores e nos números é que a comissão concede incentivos. Normalmente doando áreas de terra, ou a infraestrutura, isenção de impostos, por aí a fora.

L.A.S. - Seu Ramiro, a propósito da Comissão Municipal do Desenvolvimento Econômico, uma empresa saiu daqui se queixando que recebeu um terreno, mas não pôde se instalar porque o governo do Estado não teria dado recurso. Como é que foi essa história?

R.R. - A gente solicitou ajuda para instalação de uma indústria em Blumenau. Fez o pedido, a Comissão de Desenvolvimento Econômico aprovou. Fomos ver a área. Concordaram com a área, e depois, por problemas, não sei se financeiros ou o que, com o Governo Federal, que dificuldades foram postas, a empresa não se instalou em Blumenau. Tanto assim que ela pediu duas vezes o protelamento do início das obras. A comissão quando concede esse incentivo, estabelece um prazo de no máximo dois anos para o início das obras, se não todos aqueles favores e bem feitorias que a prefeitura concederia, reverterá em favor da prefeitura novamente. Eles não puderam se instalar, infelizmente. Há questão de uns seis meses nos comunicaram, desistindo oficialmente da implantação da indústria aqui em Santa Catarina.

D.G. - Vice-prefeito Ramiro Ruediger, o Secretário do Planejamento, o blumenauense Ingo Zadrozny reascendeu ontem em Blumenau a polêmica em torno da construção, da implantação do esgoto sanitário de Blumenau, atribuindo ainda a não implantação à intransigência da administração municipal. Como o senhor vê esse impasse?

R.R. – Essa implantação da rede de esgotos de Blumenau está dando uma polêmica que não deveria ter, até porque eles condicionaram a implantação da rede de esgoto com a entrega da SAMAE ao governo do Estado. Ora, se o SAMAE é um órgão que está cumprindo com suas obrigações, está atendendo perfeitamente a população de Blumenau, por que vamos nos desfazer de um órgão que está funcionando bem, e é talvez um modelo em Santa Catarina? Em outras tantas cidades de Santa Catarina o SAMAE não funciona. A própria rede de esgoto! Foi feito um convênio com Joinville, foi feito um projeto e até hoje não foi implantado essa rede de esgoto em Joinville, nem iniciado. E outro fator que eu acho dessa rede de esgoto, da maneira que querem fazer, na minha opinião vai onerar sobremaneira o contribuinte. Porque você veja, em Florianópolis o valor de consumo de água é cobrado igual ao uso da rede de esgoto. Então se nosso cidadão gasta Cr\$1.000 de água, ele vai pagar Cr\$ 1.000 da rede de esgoto. Acho muito fácil fazer uma rede de esgoto dessa maneira, cobrando. Então, eu acho que o Estado pode fazer a rede de esgoto, porque ele vai cobrar o mesmo valor que o SAMAE vai arrecadar.

D.G. - Mas o SAMAE não é difícil de administrar? Não causa transtorno, problemas de ordem social?

R.R. - Não. Nesses cinco anos que estamos à frente da prefeitura, pelo contrário. O SAMAE é um dos órgãos que menos preocupação tem dado, e digo aqui a vocês que o que o SAMAE instalou nesses últimos cinco anos é tanto quanto Blumenau instalou em 40 anos que existe a rede de água. Porque, só nessa atual administração, o SAMAE instalou aproximadamente 280 Km de rede de água em Blumenau.

L.A.S. - Seu Ramiro, eu posso falar com o senhor nessa base que eu vou falar agora, porque sei que o senhor, acima de tudo, é muito correto e muito honesto nas suas manifestações. O que está ocorrendo nessa faixa de administração municipal em relação aos vínculos com o governo do Estado, essa eterna briga, acho que só prejudica a nossa cidade. Porque, quanto mais se atíça, quanto mais se provoca, mais se gera a antipatia e a má vontade por parte das cúpulas decisórias do governo do Estado, que tem nas mãos o poder de repassar os recursos do Governo Federal. Com relação a dois aspectos eu gostaria de posicionar a verdade para os nossos ouvintes. Eu, hoje de manhã, escutei no nosso programa “Comandos da Notícia” uma entrevista do Sr. Prefeito Municipal, e ele dizia o seguinte:

“Não, o esgoto de Blumenau, nós vamos implantá-lo por conta do governo do Estado, quando o vereador Jaison Barreto for governador, quando ele assumir o governo do Estado, nós vamos ter o esgoto em Blumenau, sem tributar o povo de Blumenau, sem exigir que o povo de Blumenau tenha que pagar por isso.” Ora, nós sabemos que isso aí não dá para endossar, nem validar, porque se o governo do Estado for fazer o esgoto em todas as cidades de Santa Catarina, com seus próprios recursos, ele não terá meios de fazer

isso. Eu acho que, politicamente, isso aí não está muito correto. E se nós dependermos do governo do Estado para implantar o esgoto em Blumenau, sem a participação do povo, nós estamos desgraçados. Esse esgoto não vem mesmo. Então o que ocorre em relação ao SAMAE, seu Ramiro, é um problema de ordem jurídico legal. O Governo Federal só repassa recursos para a implantação de esgotos, desde que o serviço de água esteja vinculado ao serviço de esgoto. Confere isso? O senhor tem conhecimento disso?

R.R. - A maior preocupação da administração de Blumenau é que, depois do SAMAE passar de uma vez para o Governo do Estado ou para a CASAN, essas ligações ou projetos que nós temos de ampliação não serão mais feitos. Temos diversas áreas a serem atingidas na cidade. E acredito que o objetivo maior é de atender toda a população de Blumenau. Porque Blumenau, hoje, é uma das cidades que atingem um maior percentual de habitantes de uma cidade com abastecimento de água. E cidades que firmaram o convênio e passaram para a CASAN, estão esperando há 4 anos, 5 anos o início dessa rede de esgoto. Eu acho que primeiro deveria mostrar o serviço, vamos dizer assim, implantar a rede de esgotos nessas cidades que fizeram convênio, para depois pedir para fazerem outra. Se não pode começar em cidades que já há quatro ou cinco anos fizeram o convênio, como é que querem começar em Blumenau? Eu acredito que vão pegar Blumenau, vão ficar arrecadando aí durante 4 anos, 5 anos o dinheiro de dentro do SAMAE. Porque se o SAMAE não aplicar e estender a rede de água, como está sendo feita, procurando já instalar, localizando e pensando para daqui a 20 anos, 10 anos como vai ser, determinando áreas, mananciais de água para a população de Blumenau, poderá ter problemas com

água. Hoje, eu acho que é uma das poucas cidades que se dá o luxo de se ter uma estação de tratamento de água praticamente desativada, que só é ativada em épocas de enchentes, que é a estação de água do Morro da Banana, como nós chamamos o da Boa Vista. É a primeira estação de água, que está sempre parada, com exceção na época de enchentes quando ela entra em funcionamento. Então, são poucas as cidades que podem se dar o luxo. Agora, se nós vamos entregar o SAMAE, durante 5 anos, se não aplicarem, não aperfeiçoarem o sistema, eles vão arrecadar um dinheiro bastante alto e depois com esse dinheiro vão querer implantar a rede de esgoto, aí não é válido.

L.A.S. – Eu só gostaria de me posicionar. Primeiro: acho o SAMAE um órgão que funciona, pode ter suas deficiências, aqui ou ali, mas de modo geral ouço poucas críticas em relação ao SAMAE. E eu conheço, porque morei dois anos em Florianópolis onde o serviço da CASAN me parece pior, bem pior. Florianópolis, na época em que eu morei lá, era uma cidade que estava crescendo vertiginosamente. A CASAN não dava conta de atender a demanda, mas na verdade é que como consumidor, prefiro a SAMAE. Agora, gostaria de lembrar aqui, e o Danilo é testemunha disso, que tivemos ontem uma conversa com o secretário de Planejamento, e ele se queixava. Você se lembra, Danilo, que o secretário disse: “Olha, se alguém perguntasse, a mim blumenauense, se eu quero que entregue o SAMAE ao governo do Estado, sem me dizer mais nada, simplesmente me fizesse esse tipo de pergunta, diante de uma pergunta dessa a minha resposta seria tranquilamente não, de maneira nenhuma. Eu quero que o SAMAE fique aqui.” É que a pergunta estava incompleta, segundo nos disse o secretário Ingo

Zadrozny e segundo a gente sabe. Porque quem financia o esgoto é o PLANASA, e o PLANASA só financia o esgoto desde que o serviço de água esteja vinculado ao serviço de implantação de esgoto. Então, não é que eu diga que a prefeitura de Blumenau deveria entregar o SAMAE ao controle do Governo do Estado. O que acho que deveria haver era um diálogo. Sentarmos em torno de uma mesa, temos um problema grave para resolver. O problema de esgoto de Blumenau é um problema grave. Governo do Estado, governo do município. Não fazer um acordo, muito bem. Se juridicamente existe a necessidade de transferir o SAMAE, o serviço de água para a CASAN, nós vamos transferir, mas o controle fica com a administração de Blumenau. Põe-se uma cláusula no contrato, que o controle de serviço de água do município continua sob a gestão do município. Quer dizer, deve haver alguma forma, alguma saída que evite essa moratória que vem sendo dada. Porque, seu Ramiro, o senhor que é tão blumenauense como a gente, ou muito mais que a gente, nós vamos levar anos nessa agonia e não vai ser resolvido. O governo do Estado não vai ter recursos para isso. E o outro problema é a tal da TIP. Quem é que tem a obrigação de implantar a iluminação pública no município?

R.R. - Pelo contrato que foi firmado, a implantação da rede elétrica fica a cargo da CELESC, com recursos e dinheiro arrecadado pela TIP. Agora o que tem acontecido aqui em Blumenau, é que muita gente reclama que a sua rua ainda não está iluminada, e que está pagando TIP, e não tem luz na sua rua. Agora, esses contribuintes normalmente não analisam que usam 10, ou meia dúzia de ruas, onde eles passam diariamente com iluminação pública. Então, isso para o cidadão não conta. Eles querem que se implante a iluminação

pública de uma só vez, em toda a cidade, que é totalmente impossível. Inclusive, eu estou pagando o TIP em outras cidades, vamos dizer assim. Em Balneário, onde eu tenho a minha casa não há iluminação pública nenhuma, mas a gente sabe que eles estão implantando dentro do possível, dentro dos recursos. A taxa que é arrecada, na minha opinião, é pequena para o investimento dessa ordem. Porque, um contribuinte que paga o de menor consumo de energia elétrica, que deve estar pagando atualmente em torno de Cr\$ 20 ou Cr\$ 17, eu acho que não representa muito, e esse benefício virá, poderá levar mais um tempo, mas esse benefício virá. Então a pessoa não pode ficar sempre dizendo, “minha rua não tem iluminação pública”, mas ela passa por muitas ruas que tem, e ela é beneficiada, direta ou indiretamente com isso aí. É uma questão de tempo e um pouco de paciência.

L.A.S. - Seu Ramiro Ruediger, quinze anos consecutivos de vitória nos Jogos Abertos. Isso aí aumenta a responsabilidade da Comissão Municipal de Esportes de Blumenau. Eu pergunto ao senhor, o que está sendo feito para manter essa hegemonia?

R.R. - De fato, quanto mais você ganha em uma competição, principalmente no esporte amador, maior é a responsabilidade e maior é a vontade dos outros municípios de vencerem essa equipe, que há tantos anos mantém a hegemonia no esporte amador. Então, nós temos que nos preparar para continuar vencendo, e também nos preparar que um dia iremos perder. Porque, na minha opinião, ninguém é invencível. Teremos que perder um dia, e o dia em que nós perdemos, nós vamos perder de cabeça erguida, sabendo que perdemos para equipes que estão melhor preparadas que a de Blumenau e vamos

aceitar e tentar reconquistar essa hegemonia. Agora estamos trabalhando muito. Quando voltamos dos Jogos Abertos já nos reunimos por diversas vezes. Todas as segundas-feiras temos uma reunião na SME. Independente disso, tenho feito reuniões quase que diárias com diversos setores, traçando os planos para o ano que vem. Sabemos que no próximo ano, os Jogos Abertos na cidade de Itajaí serão mais difíceis ainda, porque todo o ano os jogos são mais difíceis. Muitas cidades agora estão começando a cair na realidade e não partindo para a quantidade de modalidade de competir, então eles vêm com menos modalidades, mas mais bem preparados. Porque, antes, muitas cidades vinham dizendo que iam participar de 10,15 modalidades e não conseguiam nada. Hoje, elas participam de 3, 4, 5 modalidades e vêm participar bem. Então aumenta a nossa responsabilidade e vamos tentar manter essa hegemonia.

Vinheta do Programa: Censura Livre. “O ouvinte participa fazendo a sua pergunta pelos telefones: 22-7812 e 22-7377”.

L.A.S. - Seu Ramiro, o senhor falou em Jogos Abertos. O senhor não acha que essas seguidas vitórias de Blumenau nos Jogos Abertos não vão desestimulando as outras cidades, porque Blumenau leva uma certa vantagem. Blumenau, Joinville, Florianópolis, cidades com mais recursos econômicos, com maior receita, com melhor orçamento, têm melhores condições de poder preparar suas equipes, e por consequência os municípios pequenos que participam, eles não veem a menor perspectiva de chegar lá. O senhor não acha que isso com o tempo acabará esvaziando o fenomenal resultado desses Jogos Abertos?



Sr. Ramiro Ruediger faz a entrega de troféu. Acervo A.H.J.F.S.

R.R. - Não, eu discordo, Luiz, pelo seguinte. Toda cidade, por exemplo, que consegue ganhar de Blumenau especificamente em uma modalidade, com uma vitória, apesar de não ser a conquista naquela modalidade, mas consegue derrotar Blumenau, eles fazem uma festa como se tivessem ganhado os jogos abertos. O número de participantes tem aumentado todo o ano e cito aqui exemplos de cidades que nós consideramos de porte menor. Por exemplo: Pomerode fez um trabalho de base com uma equipe de ciclismo, um serviço fora de série. Conquistou dois anos seguidos, ou três, o vice campeonato em ciclismo. Indaial, Timbó. Então essas cidades estão no caminho

certo. Elas se dedicam a poucas modalidades, mas vão muito bem nessas modalidades. Timbó, por exemplo, vai muito bem no tiro carabina, em bolão. Indaial a mesma coisa. Então é esse o objetivo dessas cidades. Elas vão participar em poucas modalidades, mas se classificam sempre entre os dois ou três primeiros colocados. Esse que é, na minha opinião, o objetivo, estão vencendo essas modalidades, estruturadas, elas vão passar para mais uma ou duas modalidades. Vão levar um determinado tempo, lógico, mas elas um dia irão chegar onde Blumenau está atualmente.

L.A.S. - Pois é, seu Ramiro, eles marcam um dos gols e não levam o campeonato nunca.

R.R. - Não, mas isso não é questão de campeonato. Você veja que nós abolimos o título de Campeão dos Jogos Abertos, justamente porque a cidade que vai participar em 5 modalidades não pode concorrer com uma que vai participar com 25,28. Isso é óbvio que não pode. Então para os Jogos Abertos, foi assim eliminado o título de campeão. Inclusive, ontem à noite nós tivemos uma reunião com os municípios da região do Alto, Médio do Vale do Itajaí e da Região Litorânea em que se fizeram presentes 16 municípios. E os municípios pequenos como o de Taió, Pomerode pediram que fosse novamente instituído a classificação geral dos Jogos Abertos, porque eles alegam o seguinte: Como são municípios pequenos, não chegam a ter uma classificação como Blumenau campeão, Joinville vice-campeão e fica por aí. E aí o prefeito das cidades deles chega e perguntam em que lugar ficou a cidade na colocação geral. 20º lugar, 30º lugar? Porque nos Jogos Abertos participam aproximadamente 60 municípios, que se classificam. Então, nesses

municípios menores o prefeito quer saber a colocação da sua cidade. Se valeu a pena o investimento que eles fizeram. Então foi um pedido que foi feito ontem à noite e vamos apresentar nesse Congresso que será realizado em Itajaí, agora dia 3,4 e 5, para ver se volta a instituição desse troféu de Campeão e a colocação de todas as cidades nos Jogos Abertos.

D.G. - Seu Ramiro Ruediger, qual é a dotação orçamentária da Comissão Municipal de Esportes de Blumenau para 1982?

R.R. - A dotação da CME vem da Secretaria de Educação, e como nós temos tido todo o apoio, todos os anos eu nem me preocupei de ver qual seria a dotação orçamentária da CME, para o ano de 1982. Não me preocupei, porque sei que toda a vida foi feito dentro do possível e razoável. A Comissão de Esportes tem sido atendida pela Prefeitura Municipal de Blumenau e está, vamos dizer, um pouco em aberto, porque normalmente toda a ajuda que é repassada aos clubes e entidades de Blumenau, sempre passa via CME, o que se torna muito difícil. Se eu tenho uma dotação de 5.000.000 ou 7.000.000 por ano, eu não posso ficar repassando, ajudando os clubes aí. Então, esse recurso é passado também pela prefeitura, para ajudar esses clubes, mas via CME.

D.G. - Eu faço uma pergunta para o senhor: O senhor como Vice-Prefeito e como um dos elementos-chaves na administração municipal de Blumenau, como o senhor vê a ação dos vereadores, da Câmara de Vereadores? Embora o partido do governo tenha a minoria, o senhor acha que a administração municipal encontra facilidades no legislativo, ou isso aí tem trazido algumas dificuldades.

R.R. - Eu acredito que um entrosamento, assim no todo, seja perfeito. Tanto da parte dos vereadores como do executivo. Mas, vamos falar mais especificamente da minha pessoa. Eu não tenho nada, me dou muito bem com todos os vereadores. Os pedidos encaminhados à Câmara e vice-versa, têm sido atendidos, dentro do possível. Às vezes vem pedido de vereadores a serem atendidos que a prefeitura não dispõe de recurso, não pode executar. E de outras vezes tem pedido do próprio prefeito que a Câmara acha, às vezes, que não deva ser atendido. Mas isso acho que é normal, em uma administração e todos devem estar trabalhando com um mesmo intuito, em benefício da sua cidade.

L.A.S. - Seu Ramiro, o senhor foi um dos homens chaves na implantação da nossa rodoviária de Blumenau e o sistema de rodoviário urbano, que por sinal, satisfaz plenamente às nossas necessidades. É um terminal bonito, confortável, dá plena condição aos passageiros de se locomover com facilidade lá. Mas a gente tem recebido uma série de, não é bem queixa, é até solicitação na área de jornalismo, no sentido de que critique a impossibilidade do passageiro “saltar” mais próximo ao centro. Isso eu não sei se foi resolvido, parece que sim, nas cidades próximas já está ocorrendo. Mas se diz que as pessoas que vêm de Florianópolis para cá, são obrigadas a ir até a rodoviária, lá são obrigadas a gastar dinheiro ou com ônibus, ou com táxi, para poder se locomover até o centro da cidade. Outra das queixas que eu tenho ouvido, é dos comerciantes de lá. É que parece que não tem movimento nenhum. O povo não sobe para aquelas lojas e estabelecimentos que estão lá implantados. Como é que o senhor vê esses dois problemas.

R.R. - Bom, quanto ao desembarque, quando foi implantada a rodoviária, foi estipulado um ponto de desembarque de toda e qualquer linha, em um trecho, vamos dizer, próximo ao SESI. Posteriormente foi liberado para as linhas próximas a Blumenau, de Itajaí, Brusque, desde que o passageiro não tivesse bagagem, o desembarque aqui na Ponta Aguda, próximo a feira livre. Depois, foi pedido para estudantes, e pessoas que viessem a trabalho. O que se notou foi que, a rodoviária se esvaziava, e o pessoal começava a estacionar seus ônibus aqui na Rua Sete. No fim, nós tínhamos 14, 15 ônibus estacionados ali. Então ficou estabelecido agora que fora da rodoviária somente os ônibus de linha, ou de características urbanas, ou seja: de Indaial, Timbó, Gaspar, essas redondezas não precisariam utilizar a rodoviária, poderiam parar no centro, na Rua Sete, e os demais iriam cruzar a rodoviária. Porque eu acho inconcebível você construir uma rodoviária e no fim não obrigar ninguém a usar essa rodoviária. Acredito que depois da implantação de Blumenau a Navegantes, esse problema deixará de ser discutido, porque todos os ônibus aí vão cair direto na rodoviária, não irão passar pelo centro como está sendo feito atualmente. Porque esses aí virão pelo lado da Fortaleza e vão direto para a rodoviária. A mesma coisa são as pessoas, as firmas que adquiriram o direito de explorar o complexo da rodoviária. Então com esse esvaziamento de passageiros, eles se sentem prejudicados, como os próprios taxistas. Então eu quero que você veja que é uma coisa muito difícil agradar a todos.

LADO B

R.R. - Ficou estabelecido, semana passada que, os ônibus que vierem de fora, Ibirama, Presidente Getúlio, Rio do Sul, esses poderiam fazer uma parada na FURB, no caso de trazer estudantes às 06h20min, às 06h40min, no período da manhã. À noite, quando termina a faculdade, às 10h20min para pegar alunos tanto do Santa Antonio, como Pedro II e da FURB para levar as suas cidades de origem. Estão liberados também, se não me engano, os horários de 12h20min e 22h20min novamente, para levar esses passageiros de volta.

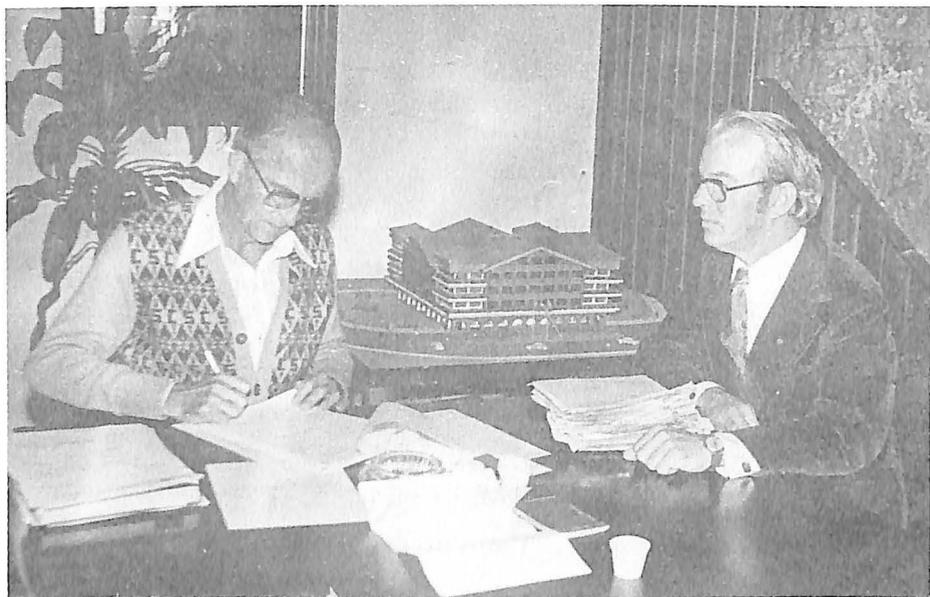
L.A.S. - A rodoviária é rentável, seu Ramiro. Ela cobre pelo menos as despesas?

R.R. - Ela cobre as despesas. Ela foi feita não para dar lucro e deve se manter por si própria. Tanto assim, que a partir de fevereiro o SETERB começará a receber os aluguéis, aí então ele será auto-suficiente.

D.G. - Seu Ramiro Ruediger, agora em fevereiro, ou maio, o mais tardar, o prefeito deverá entrar naquele período de desincompatibilização com vistas ao próximo pleito eleitoral. Se for 6 meses, é maio; se for 8, é em fevereiro. Então, o senhor, como vice-prefeito, deverá assumir as funções, o que naturalmente vai tolher a possibilidade de concorrer a prefeitura de Blumenau conforme pretendem alguns pares seus. Nós sabemos disso.

L.A.S. - Aliás, Danilo, você vai me permitir que eu complemente a sua pergunta. O nosso esquema de reportagem aqui tem feito várias enquetes, e na consulta popular o nome do seu Ramiro Ruediger

tem aparecido com muito frequência, como preferência do público como um bom candidato à Prefeitura na sucessão municipal.



Ramiro Ruediger despachando em seu gabinete. Acervo A.H.J.F.S.

D.G. - E então, seu Ramiro?

R.R. - Bem, de fato, só não sei a data certa ainda que devo assumir a prefeitura, se dia 15 de fevereiro ou 15 de maio. Acredito que deva ser 15 de maio. Vamos tentar dar continuidade... (interrompido)

D.G. - Quer dizer que o senhor já se definiu, vai assumir a prefeitura, não vai aceitar a candidatura.

R.R. - Não, em hipótese nenhuma, e nem poderia. Porque se eu fosse sair candidato eu vou ser bem sincero...

D.G. - Teriam que entregar a rapadura....

R.R. - Teríamos que entregar a prefeitura, e isso jamais. Mas mesmo se não fosse o caso, eu não tenho pretensões políticas, sempre disse e continuo afirmando. E terminado esse mandato acho que temos muita gente nova aí que poderá dar muito de si. Vamos apoiá-los e vamos tentar manter a prefeitura de Blumenau e ganhar as eleições com nossos candidatos.

D.G. - O senhor não tem em mente nenhum plano especial para administrar?

R.R. - Não, não. Há umas obras pequenas que têm que ser feitas, e dentro da disponibilidade e da possibilidade a gente vai tentar fazer.

L.A.S. - Como o senhor vai conciliar essa sua rigidez, que a gente conhece, com aquela elasticidade que é comum em época eleitoral?

R.R. - Tenho mais ou menos a minha programação feita. Porque, a maioria de vocês já conhece o meu sistema de trabalhar, e não sei e nem sempre concordo com esse tipo de elasticidade que você diz aí e vamos ver como é que se tem feito isso aí. Porque eu tenho um feitio, e Dr. Renato tem outro, e são bem diferentes de ser. Então vamos ter que tentar definir, delinear para que não haja problemas com ninguém e ver se conseguimos sair a contento do nosso trabalho.

D.G. - Seu Ramiro, afastada a sua candidatura, quem sobra no partido como candidato a prefeito na sua maneira de entender?

R.R. - Eu não sei se vai ter um candidato, ou dois, se é permitida a sublegenda para prefeito ou não, isso tudo está em dúvida. Pode ser

que saiam dois e até três candidatos a prefeito até. Não posso dizer que eu apoio esse hoje, e amanhã saia outro nome.

L.A.S. - Tem uma pergunta do ouvinte João Rosa, da Velha. Ele quer saber da sua opinião a respeito da transferência do controle do sistema de trânsito de Blumenau à área do Governo do Estado, à Polícia Militar do Estado.

R.R.- Sim, o controle da guarda de trânsito. Bom já foi objeto de estudo, já obtivemos contato com a Secretaria de Segurança e está sendo firmado um convênio para passar a guarda de trânsito de Blumenau à Secretaria de Segurança do Estado. Isso que dizer, para o Estado absorver. A princípio, a idéia é Blumenau manter alguns guardas que seriam para o atendimento de festas, funerais, essas coisas. Uma guarda mais de elite, para atender a essas coisas. A fiscalização de trânsito passaria ao governo de Estado. Está em estudo, já foi levada a Florianópolis, está sendo assinado o convênio e vamos ver se acertamos. Então, uma vez por todas ficaria uma coisa regularizada e legal. Porque a nossa guarda de trânsito, infelizmente, não pode ser considerada, nesse ponto, legal. Ela tem atuado dentro do possível, o seu efetivo é pequeno, não tem condições de atender como deveria ser.

L.A.S. - Seu Ramiro, como é que está o Hospital Santo Antônio? Acho que está subordinado também a sua área de atuação.

R.R.- O Hospital Santo Antônio também é ligado ao meu gabinete. E como todo o Hospital, ele está passando por uma série de crise. Problemas que existem do INPS. Ele paga uma diária bastante pequena para

internamentos, além disso, tem o convênio com o FUNRURAL para atender. Mas os outros hospitais que mantêm convênio com INPS não atendem o FUNRURAL e jogam tudo para o Hospital Santo Antônio. Então o Hospital Santo Antônio está atravessando um momento de crise bastante acentuada e tentando também ampliar. O governo municipal, dentro das possibilidades, está passando recursos para manter mais ou menos em dia a folha de pagamento do pessoal do Hospital Santo Antônio. Para o próximo ano, já tem destinado uma verba de 23 ou 24.000.000, se não me falhe a memória, para o Hospital Santo Antônio.

L.A.S. - Seu Ramiro, o senhor que é sofredor como eu, como todos nós de Blumenau, em relação ao desempenho de Blumenau Esporte Clube. A gente vê sempre o senhor no campo. Como é que o senhor analisa, como experiente na área de direção de clubes. O senhor foi diretor do Palmeiras por muito tempo, bota fé no Blumenau?

R.R. - Eu acho que botar fé, não é bem o termo, porque o campeonato terminou e estamos aí sofrendo e torcendo para que consigamos entrar, ou ao menos ficar na divisão especial e não na segunda divisão como alegam aí. Infelizmente, assistimos a diversas partidas, inclusive sentamos juntos muitas vezes, em um lugarzinho todo especial, e a equipe de Blumenau, infelizmente, não sei por que não agradava. Agora. Eu tenho a minha opinião, acho que a diretoria fez o possível. Mas, acho que contrataram os jogadores, às vezes, só por informação, sem conhecer os atletas, sem fazer um teste. Tivemos diversos jogadores que foram contratados, chegaram aqui, e só jogaram uma partida pela equipe. Então contratar elementos, trazer de fora, participar de uma equipe para ser reserva do reserva,

eu acho que está errado. Temos que trazer gente que venha a ser titular absoluto. E o que nós temos aqui é que deve ser reserva daqueles que vêm.

D.G. - Seu Ramiro Ruediger, o pacote eleitoral aterrisou ontem no Congresso. Como é que o senhor vê essa reforma eleitoral proposta pelo governo?

R.R. - Para mim esse pacote é uma barbaridade. É um embrulho, não é mais um pacote. Agora, acredito que, no final, os partidos todos devem se ajeitar e vão se acertar. Em minha opinião, o grande prejudicado desse pacote é o eleitor. Porque nós temos muitas pessoas que não são vinculadas a partidos, que não são partidários e que votam na pessoa, e com esse pacote você está impondo voto a um determinado candidato. Quer dizer: ou vota nesse, ou vota em ninguém. Então esse tipo de eleição não é mais uma eleição livre, é uma eleição imposta, em minha opinião, para o eleitor. Porque os partidos hoje não podem fazer coligação, não podem fazer isso, quando no fim dão aquele jeitinho brasileiro e vão se ajeitar. E o eleitor é que fica depois atrapalhado, e vai ter que votar em gente que não gostaria de votar.

L.A.S. - Seu Ramiro, uma curiosidade pessoal. O senhor nunca foi um político atuante. Como conseguiram fazer o senhor se meter nessa, de se candidatar, de participar de campanha política partidária?

R.R. - É uma história bastante interessante. Nunca pensei em política. Há 5 ou 6 anos, não sei a data, veio um dia no meu estabelecimento comercial o falecido Nelson Buzzarelo, técnico de basquete,

perguntar se eu ia ser candidato. Disse que não. Ele disse que na Velha se estava fazendo uma enquete, tirando informações e falando a respeito do meu nome. Eu estranhei bastante isso, e não liguei. Passou mais um tempo, um dia, indo ao fórum, encontrei, o Dr. Renato Mello Vianna. Ele só me disse: “ Oh! Meu candidato.” Eu disse: “- Como?” Ele disse: “ -Tu vais ser meu candidato.” Foi só o que foi dito. Depois fui procurado pelo Félix Theiss , pelo José Gonçalves, tentando me convencer a ser candidato junto com o Dr. Renato.

L.A.S. - A sua mulher já era a favor?

R.R. - A família sempre foi a favor, e ainda é a favor, pois eu continuo na política, mas é que não me dou muito bem com a política. E posteriormente, foi à minha casa o senador Evilásio Vieira que veio de Brasília para um banquete aqui no Tabajara, em sua homenagem. O banquete era às 08h horas e às 10h30min estávamos lá em casa discutindo os problemas para eu concordar e aceitar. E eu como vi que nós não chegávamos a um denominador, lá pelas tantas, às 10h da noite , e para me ver livre do negócio e o senador poder ir ao bendito banquete, eu impus algumas condições que eu achei que não iriam aceitar. E para surpresa minha aceitaram. Eu propus que não faria campanha política, que eu não investiria em política, que não faria discurso e comícios essas coisas, porque eu não gostava disso. Então como é que eu iria fazer uma coisa de que não gostava? E me propunha se ganhasse as eleições, a trabalhar e tudo. Aceitaram, e eu tive que me inscrever, me filiar, e deu no que deu, estou metido na política. Eu disse que aceitaria se fosse nesse sistema, e eles aceitaram. Especifiquei, inclusive o Dr. Renato

hoje sempre ainda fala, que sábado e domingo eu não abria mão, que esse era da minha família, e às quartas-feiras à noite eram a noite que eu tinha para os meus amigos antigos. Porque a política absorve de tal maneira, que você no fim, vai relaxar e vai deixar os seus amigos de lado. A família é relegada a segundo plano, então não abro mão desses dias: quarta-feira para os amigos, e final de semana para minha família.

L.A.S. - O que o senhor faz nas quartas-feiras, seu Ramiro?

R.R. - Nós nos reunimos na casa de um amigo, de outro amigo, vamos conversar, vamos jogar...

L.A.S. - Jogam canastra?

R.R. - O que tiver. O que aqueles amigos que a gente vai visitar ou aqueles que vem visitar quiserem. Esse círculo de amizade não é tão grande assim, mas sempre fazemos alguma coisa.

D.G. - Seu Ramiro, a nova prefeitura, qual é a previsão de conclusão da obra, ou a inauguração está prevista para quando?

R.R. - A prefeitura nova tem duas datas previstas. O Dr. Renato entende que deva ser uma data histórica, ou que marque. Primeiro de maio ou dia dois de setembro. Se ela por um acaso não puder está concluída em primeiro de maio, será inaugurada dia 2 de setembro.

L.A.S. - Eu vou informar ao senhor oficialmente que vai ser no dia 2 de setembro. Porque dia 15 de novembro é a eleição, e evidentemente que o prefeito não deixaria passar a oportunidade de inaugurar

uma obra, que é monumental, em uma data que fica bem próxima à eleição e que marcará, certamente muitos pontos para administração municipal. Seu Ramiro, a nossa última pergunta. Depois de exercer quase cinco anos a função de vice-prefeito, o senhor está às vésperas do quinto ano de mandato, quatro por força da eleição e um por força da prorrogação. Já dá para dizer da sua experiência como é que o senhor se sente hoje, passados esses anos, se foi uma boa experiência. O senhor achou válida essa participação, tem muita mágoa? É uma pergunta que deixamos, inclusive as suas despedidas para o programa de hoje.

R.R. - Eu achei que, como experiência, foi espetacular. Foi uma coisa nova e posso dizer aqui, com toda a sinceridade, que não há nenhuma mágoa de nada. Sempre fui muito bem compreendido e deixo aqui inclusive ressaltado o apoio que eu tenho recebido, tanto do Dr. Renato como de todos os secretários. Que apesar de dentro do grupo todo, a maior preocupação, vamos dizer assim, era o fator idade. Eu era uma pessoa mais idosa em comparação ao prefeito e aos secretários. Mas o prefeito, desde o primeiro dia, me deu carta branca para tudo o que eu fizesse, ele nunca contestou uma coisa. Ele sempre diz “o que o Ramiro fez está feito”, e ele concorda plenamente. Os próprios secretários têm me procurado seguido para conselhos e orientações, e a gente tem trabalhado juntos e espero que vá assim até o final desse mandato.

L.A.S. - Nós vamos encerrando o Programa Censura Livre de hoje, agradecemos a presença do nosso vice-prefeito Ramiro Ruediger.



Os loucos na
CADEIA LOCAL

OS LOUCOS NA CADEIA LOCAL¹

Não é mais segredo para ninguém que a cadeia de Blumenau há muito tempo está transformada em manicômio. Nos seis pequenos cubículos em que a prisão se acha dividida, estão encerrados nada menos que 16 loucos.

Justificariam essa simples circunstância os comentários desairosos que se vêm tecendo em torno de fatos que se sucedem de contínuo no feio casebre, vizinho à Prefeitura, fatos que são muito deprimentes aos nossos foros de cidade das mais adiantadas do Estado, de município dos mais bem organizados do Brasil. A imprensa de Joinville tratou, há dias, do caso e a da capital do Estado secundou o pedido de providências ao Governo.



Vista geral da cadeia pública que ficava anexa ao prédio da Prefeitura Municipal nas primeiras décadas do Século XX. Acervo AHJFS.

1 CORREIO DE BLUMENAU. 25/05/1932. Ano I. n.º2.p.01

Há necessidade, e necessidade urgente, de pôr a freguesia a salvo de tão dolorosa anomalia.

A cidade de Blumenau, por si só, servindo apenas aos fins a que se destina, já é uma flagrante aberração das normas que a escola penitenciária quer observadas na reclusão de delinquentes; são células sem higiene, sem luz, sem ar; viveiros de insetos e parasitas de todo o gênero. Imagine-se agora, além de toda essa tortura que se inflige aos pobres detentos, mais este horror, a que se sujeita, da convivência, diurna e noturna, com loucos de toda sorte, homens e mulheres, irrequietos e desbocados a praticarem toda a espécie de desatinos e imundícies. Infelizmente, porém, parece que o governo não está fazendo ouvidos aos constantes protestos que nesse sentido lhe chegam.

A prefeitura local, segundo estamos informados, tem procurado ao governo do Estado para conseguir o auxílio pecuniário indispensável à solução do caso. E a interventoria, na impossibilidade material de realizar, desde já, uma obra, se não completa, ao menos que preencha as necessidades do momento, procura resolver o assunto da melhor forma possível.

O “Correio de Blumenau”, falando nesse sentido, com o excelentíssimo senhor Dr. Nery Kurtz, por ocasião da sua visita a esta cidade, no último domingo, o ilustre Chefe de Polícia do Estado, mostrou-se disposto a tomar providências urgentes e disse-nos o mesmo que esse era até um dos objetivos de sua estadia em Blumenau.

E tanto era isso, afirmou-nos sua excelência que, de passagem por Joinville iria fazer o que pudesse para procurar acolhida para os infelizes dementes presos na cadeia daqui, no Hospício Oscar Schneider, de Joinville.

Ficariam, assim, ao menos atenuados os males enormes por que passam os desgraçados que têm a desventura de ir parar na cadeia deste município.

SEGUIRAM PARA JOINVILE OS LOUCOS QUE ESTAVAM NA CADELA DESTA CIDADE²

Finalmente, depois de vários apelos que a Prefeitura Municipal, o Juízo de Direito, a Promotoria Pública, a Delegacia de Polícia e a Imprensa fizeram ao governo do Estado, os loucos que se achavam indigentemente enclausurados na cadeia pública desta cidade, seguiram ontem para Joinvile, a fim de serem internados no Hospício Oscar Schneider.

Aqueles 10 desgraçados infelizes, que choram e riem inconscientemente, merecerão ali o tratamento indispensável para que a vida não lhes seja roubada tão desapiedadamente como foi o juízo.

Ao sr. Candido de Figueiredo, M.D. Prefeito Municipal, ao atual delegado, Roberto Grossenbacher e ao Dr. Nery Kurtz, diligente Chefe de Polícia, cabem os melhores aplausos pela vitória dessa iniciativa inadiável.

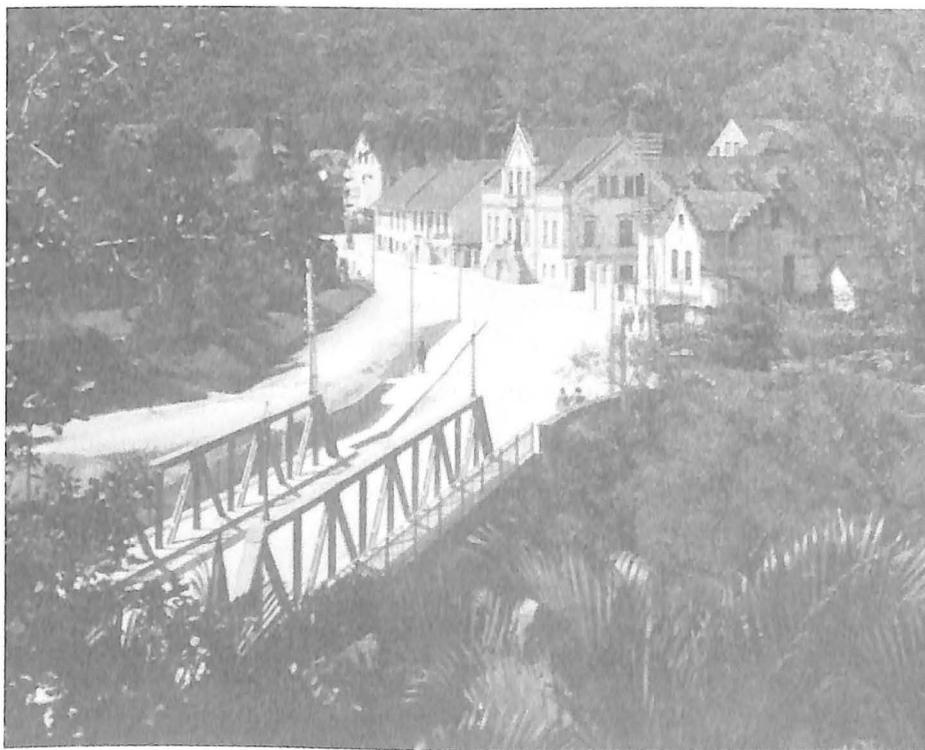
O "Correio", na edição de quarta-feira passada publicou as palavras que, nesse sentido, trocou com o Dr. Chefe de Polícia. S.S declarou que sobre o assunto iria tomar providências urgentes, em Joinvile. E já ontem, o que no domingo ainda era promessa, fez-se realidade: os loucos seguiram para o Município vizinho e ali foram internados. Daqui não partiram andrajosos, pois a Prefeitura Municipal a todos agasalhou, a todos vestiu, antes da partida. Eles foram conduzidos em caminhões especiais. Que encontrem naquela casa hospitalar, o bálsamo indispensável para o corpo e para a alma, são os votos do "Correio".

2 CORREIO DE BLUMENAU. 28/05/1932. Ano I. n°3,p.01

A CADEIA LOCAL SERÁ REFORMADA

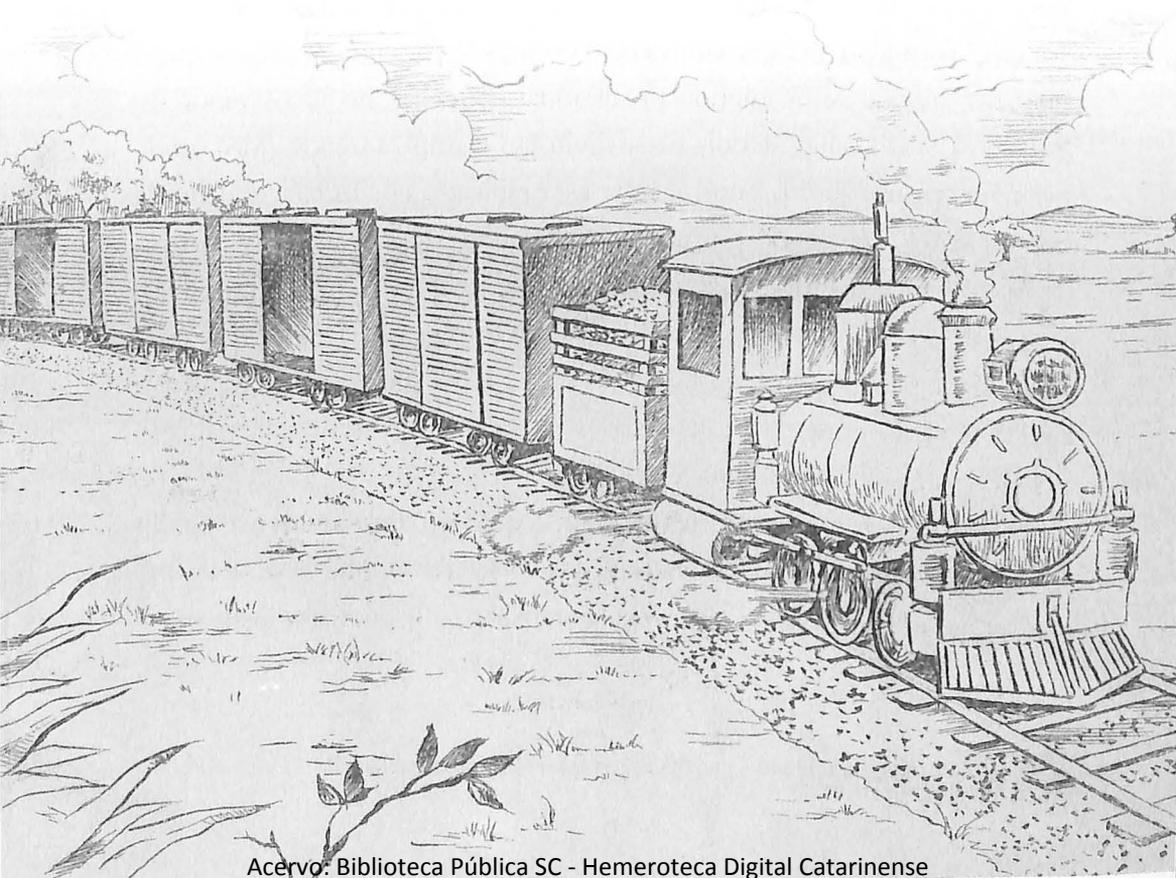
Estamos seguramente informados de que a cadeia pública desta cidade, será, dentro de brevíssimos dias, inteiramente remodelada.

As obras serão feitas às expensas da Prefeitura, que, para tal, já está tomando as primeiras providências. Solucionado o caso dos loucos e fracassado, por falta de numerário, o projeto da Penitenciária, era a melhor providência que podia ser tomada no momento



Vista da Cadeia Pública de Blumenau, localizada ao lado da antiga sede da Prefeitura Municipal na Rua 15 de Novembro 161. Década dos anos 20. Acervo A.H.J.F.S.

CRÔNICAS MEMORIALISTAS



CRÔNICAS MEMORIALISTAS

Enéas Athanázio¹

Em seu mais recente livro, Adair José de Aguiar reuniu um punhado de crônicas que abordam, na sua maioria, situações por ele vividas e que deixaram marcas em sua caminhada terrena. Refiro-me a “Lembranças que ficaram”, publicado em Edição do Autor (Indaial – 2008), em cujas páginas fui, bondosamente, lembrado em dois textos (pp. 88 e 112).

Escrito em linguagem clássica e elegante, como tudo que sai da pena do autor, o livro é o registro das impressões de um cidadão experiente, dotado de intensa cultura e com um passado pontilhado de realizações em variados campos de atividade. Graduado em Filosofia, Teologia, Letras e Direito, tem exercido a advocacia e o magistério por longos anos. Poeta, ficcionista e crítico literário, é considerado mestre do soneto, “forma poética que cultiva com esmero” – para repetir suas próprias palavras. Iniciou-se no mundo profissional e literário no Rio Grande do Sul, seu Estado natal, depois prosseguiu em Campo Grande (MS), onde permaneceu por vários anos, e hoje está radicado em Indaial, cidade de que é cidadão honorário por ato do Legislativo Municipal. Foi secretário de Estado, proprietário e mestre em colégios, recebeu inúmeros prêmios e dignidades. Tem vários livros publicados, em prosa e poesia, e escreve com assiduidade para jornais e outras publicações. Esses elementos biográficos, aqui debuxados em largos traços, dão a medida de um escritor de passado rico de vivências inspiradoras.

A crônica, para ele, não tem segredos, tanto a tem exercitado ao longo dos anos. Atento ao que se passa ao seu redor, observador arguto, sabe captar no ar o assunto cronicável e transformá-lo em texto instigante e

¹ Escritor e advogado.

de leitura agradável. Alguns textos reunidos no volume vão além da crônica e assumem o caráter de contos ou novelas, a exemplo de “O Perfume” (p. 134). Nada escapa à sua observação e vai, passo a passo, registrando no papel os temas que ferem sua sensibilidade. Cidades que o agradam ou impressionam, livros que tocaram sua alma, momentos fugazes que permaneceram na memória, a saudade dos que partiram, as placas das estradas e sua linguagem, a fiandeira, a poetisa (ele se recusa a usar o termo poeta para as mulheres), a liberdade, a democracia, personalidades de sua admiração, ruas, árvores, secas e enchentes, assuntos do momento e mil outros fatos acontecidos, anotados ou imaginados. Trata com seriedade as coisas graves sem se tornar pesado, mas sabe também esgrimir o humor quando a situação o requer. É, enfim, um cronista e tanto, ainda que em seu texto se revele com freqüência o poeta.

Numerosas passagens registram a beleza que sabe colocar em palavras. “Venho das distâncias do tempo e da saudade. Sou um peregrino percorrendo, irrequieto, variados rumos, à procura de mim mesmo”... “Descobri, entretanto, agora, já quase no fim do caminho, que de joelhos também ajuda a caminhar!” (p. 36). “O dia amanheceu com a geada alvorejando a grama, o telhado do casario e as ameixeiras em flor. Havia em tudo um silêncio de paz branca e de coisas boas que um sol de ouro começava a envolver e acalentar” (p. 63). “Sinto-me novo e um arrepio de patriotismo eriça-me o corpo, sou um colegial em baixo-relevo ou ao negativo” (p. 79). “O dia amanheceu limpo como uma consciência bem formada e em paz. O mar, uma estupenda safira liquefeita se desmanchando em ondas beijando as areias da praia” (p. 105). “Pode-se, acaso, dizer que certos sentimentos, certas horas vividas, dias e anos mesmo, morreram? Passam, vão longe, como que nos abandonam, no entanto, estão cravados como punhais na alma da gente, são partes do nosso corpo, pedaços do nosso espírito, identificam-se conosco. Levamos o passado para onde quer que vamos” (p. 135).

Com essas poucas amostras, fecho este breve comentário, desejando que o novo livro de Adair José de Aguiar tenha o sucesso que merece.

Meu velho e estimado amigo Desembargador Edson Ubaldo, companheiro de tantas batalhas forenses, está publicando novo livro jurídico. Trata-se de “Recuperação judicial e extrajudicial de empresas” (Conceito Editorial – Florianópolis – 2008), tema deveras árduo mas que ele enfrentou com grande segurança e conhecimento, esmiuçando os detalhes e interpretando de forma clara todas as nuances da lei que regula o assunto. Trabalho esmerado, como tudo que ele faz, tanto na área jurídica como literária, doravante este livro será companheiro indispensável dos que labutam no foro. Ubaldo também é excelente contista e poeta, assim reconhecido pela melhor crítica.

Faleceu em Blumenau, no último dia 20 de outubro, o veterano jornalista Carlos de Freitas. Nascido em 1918, era radicado na cidade há longos anos.

Quando repórter da “Folha de S. Paulo”, cabia-lhe realizar as entrevistas e reportagens com escritores brasileiros e estrangeiros que visitavam a Paulicéia. Entre estes últimos estava ninguém menos que o norte-americano William Faulkner, Prêmio Nobel de Literatura, em cuja companhia permaneceu durante toda sua estadia, acompanhando-o a todos os lugares que conheceu. Daí resultou memorável reportagem que o jornal publicou com destaque. Segundo me confidenciou, ele pretendia reunir em livro esses trabalhos, projeto que não se concretizou.

Em Santa Catarina, Freitas trabalhou em todos os grandes jornais. Foi assessor de imprensa, por algum tempo, na Assembléia

Legislativa e na Fundação Catarinense de Cultura. Bom conhecedor da literatura, nesta última entidade fazia as resenhas de livros de nossos autores para suas publicações, tendo inclusive escrito excelente ensaio sobre meus contos.

Caros de Freitas foi membro do Conselho Editorial da “Editora Cultura em Movimento”, pertencente à Fundação Cultural de Blumenau, e até seu falecimento integrava o Conselho Consultivo da mesma entidade, junto com a Profa. Sueli Petry e comigo.

Com seu desaparecimento, perde o jornalismo catarinense um de seus mais competentes, cultos e experientes profissionais.

O COMBATE DO IRANI

Muitos aspectos da chamada Guerra do Contestado (1912/1916) ainda são desconhecidos ou obscuros. Embora a bibliografia sobre o tema venha crescendo sem cessar, revelando o interesse que desperta, muitos fatos e personagens ainda precisam ser pesquisados, respondendo, inclusive, a algumas perguntas básicas até hoje sem resposta convincente. Creio que o tabu em que foi transformada a Guerra na região durante tantos anos contribuiu para dificultar as pesquisas em face do desaparecimento de muitas fontes. Havia um certo pudor de tocar no assunto, como se fosse algo vergonhoso ou feio, tanto que nos colégios onde estudei sempre reinou completo silêncio a respeito. Mas hoje, graças ao esforço de dedicados pesquisadores, a situação começa a mudar e o panorama completo daqueles acontecimentos vai se formando, permitindo uma visão confiável do que de fato aconteceu e seus verdadeiros motivos.

Entre os personagens pouco conhecidos está José Francisco das Neves (1880/85(?)-1925), que teve participação ativa no chamado

Combate do Irani, em 22 de outubro de 1912, e depois se entregou a outras atividades, sempre na região, e, no entanto, é quase ignorado pela historiografia catarinense. Graças a um livro recente, de autoria de Celso Martins, essa figura reaparece e tem sua existência descrita com base em fontes confiáveis, recuperando um espaço de que fora alijado pelo esquecimento. Trata-se de “O mato do tigre e o campo do gato – José Fabrício das Neves e o combate do Irani”, publicado pela Editora Insular (Florianópolis – 2007), em que o autor, depois de muita pesquisa bibliográfica, entrevistas, andanças em diversos lugares e inumeráveis indagações, conseguiu rastrear com segurança os passos desse controvertido “coronel”, homem dos mais conhecidos, temido por uns e admirado por outros, ora elevado à condição de herói, ora alcunhado de sanguinário bandido. Ao final, bem pesados os fatos e as circunstâncias, ressalta a influência que exerceu e as conseqüências graves de sua ausência, vítima de traiçoeira emboscada, em 1925.

Parece fora de dúvida que Fabrício participou do célebre Combate do Irani, nas cercanias do Banhado Grande, onde aconteceu o entrevero das tropas legais com os caboclos, falecendo na ocasião o coronel João Gualberto e o “monge” José Maria, líderes de ambas as facções. Segundo alguns, a participação de Fabrício teria sido decisiva na morte do comandante militar, acusação que o perseguiu pela vida toda e teve graves conseqüências. Pelo sim pelo não, o fato é que a partir dali ele não exerceu atividades guerreiras, limitando-se a cuidar de seus negócios e defender os posseiros espoliados pelas colonizadoras, além de se manter em permanente vigilância para continuar vivo. Após seu desaparecimento precoce, aos 40 ou 45 anos, ficaram os posseiros sem proteção e teve início sua dispersão, forçados a abandonar terras que ocupavam de forma pacífica há muitos anos, às vezes por gerações. Foi uma diáspora nem sempre registrada pela história regional. No fundo, conclui o autor, a Guerra do Contestado e as constantes ondas de violência tiveram como motivo a questão fundiária,

o uso da terra. E Fabrício, -segundo disse alguém-, foi enterrado como bandido e ressuscitou como herói graças a este livro.

O TREM

Criado em Porto União, mais importante entroncamento ferroviário do Estado, na época, o trem faz parte de minha vida. Desde criança sovei os bancos da velha RVPSC (Rede Viação Paraná-Santa Catarina), que os maldosos traduziam como “restaurante vagabundo pastéis sem carne” ou “Rosa viu Pedro sem calças”, tanto em percursos longos como curtos. Fui diversas vezes a São Paulo, martelando por três dias e três noites os velhos trilhos, Curitiba e Joinville, esta última na época em que estudava em Florianópolis. Com mais frequência, porém, para ir a Joaçaba e dali a Campos Novos, nos velhos ônibus do Tessaro, e para Calmon, onde meu padrasto foi funcionário da célebre Companhia Lumber, uma das causadoras da guerra do Contestado, e por longos anos. Calmon dista cerca de sessenta quilômetros de Porto União, percurso que o trem misto levava quatro horas para percorrer, quando não atrasava, na vertiginosa velocidade média de quinze quilômetros por hora! Em compensação, a paisagem é linda, revelando-se em campinas, matos, rios e montanhas, e o trecho tinha vários túneis, pontes e serras íngremes nas quais as velhas marias-fumaças resfolegavam muito para subir. Havia ainda os célebres bolinhos do ponto de café, em Matos Costa, a velha São João dos Pobres, onde o capitão Matos Costa foi trucidado pelos jagunços. Essa cidade, outrora reduto de negros, só muito mais tarde recebeu outras etnias. Suspeito de que fosse, em tempos recuados, um quilombo em terras catarinenses, hipótese que é também aceita por outros. Durante a guerra, a velha São João dos Pobres foi incendiada, restando pouca coisa. Em Calmon, a serraria da Lumber foi

incendiada e as chamas arderam por dias e noites seguidas, iluminando o sertão em derredor.

Além dos trens mistos, únicas ligações possíveis entre as localidades à margem da ferrovia, que foram o transporte normal do comum dos mortais, havia os trens diretos, ligando Porto Alegre a São Paulo, que na verdade nada tinham de diretos. Havia ainda o internacional, trem de luxo que só parava em cidades maiores, desprezando as pequenas, pelas quais passava exibindo pose e circunstância. Seus vagões de aço, blindados e reluzentes, continham cabines, sala de fumar (os mais sofisticados diziam **fumoir**), restaurante (ou **buffet**), bar e jornaleiro. Ligava Buenos Aires a São Paulo, percorrendo os trilhos hoje abandonados e entregues ao vandalismo. Nas pequenas vilas, em especial à noite, sua passagem constituía um espetáculo que muita gente não perdia, dirigindo-se à estação para contemplar por fugazes instantes o monstro negro que passava roncando, num rolo de fumaça, para desaparecer no primeiro corte, deixando atrás de si o matraquear das rodas e o apito oitavado da grande locomotiva. Tudo isso, porém, é coisa do passado, restam poucas ferrovias e o Brasil optou pelo estradismo e a conseqüente dependência do petróleo. Mas essa é outra história.

Escrevi isso tudo por uma simples razão. É que recordei que o trem completou dois séculos de existência em 2004, fato muito comentado na imprensa. Foi em 1804, portanto há duzentos anos, que o inglês Richard Trevilthick testou com sucesso a primeira locomotiva movida pela alta pressão do vapor e puxou um vagão com nove toneladas de peso. Desde então o trem não cessou de evoluir, surgindo locomotivas a lenha, carvão, elétricas e a diesel. Surgiram trens-bala, suspensos e subterrâneos. Em 30 de abril de 1854 é inaugurada a primeira linha ferroviária brasileira, a Estrada de Ferro de Petrópolis, da qual disse um repórter: “Mais veloz que uma flecha, do que o vôo de uma andorinha...” Exageros à parte, o

trem começava a circular no Brasil pelas mãos do Barão de Mauá, ainda que sem grande futuro.

A revista “Terra” publicou excelente reportagem sobre trens, trilhos, obras de arte ferroviária e muita história, não faltando o saudosismo de muitos e o abandono desse patrimônio construído a tão duras penas.

MEMÓRIA POLÍTICA

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) publicou nova edição do livro “Memória Política sobre a Capitania de Santa Catarina”, de autoria de Paulo Joze Miguel de Brito (Florianópolis – 2008). O Autor fora ajudante de ordens da mesma Capitania, onde residiu, e escreveu o livro no Rio de Janeiro, em 1816, embora só fosse publicado em primeira edição, em Lisboa, em 1829. Segundo historiadores, essa obra assinala o início da historiografia catarinense, juntamente com os trabalhos de Miranda Ribeiro, fato que evidencia a importância da sua publicação. Pelo que me parece, o livro vai além de seu título, contendo muito mais do que ele possa indicar.

A novel edição é apresentada por Valter Manoel Gomes em autêntico ensaio introdutório e está dividida em três partes, além da introdução. Nesta o Autor faz um resumo dos descobrimentos portugueses e espanhóis, muito preciso e esclarecedor, situando o leitor no contexto do que irá abordar em relação à Capitania catarinense. “Durante os anos que nela residi, - escreveu – confesso que a examinei com desvelo, não me poupando também a exame algum que pudesse ilustrar-me sobre o seu estado político atual, assim como sobre o modo de promover o seu melhoramento” (p. 41). E com esse estado de ânimo, envereda pela História (Parte I), pela Estatística (Parte II) e estuda a importância da Capitania e os melhoramentos que julga necessários (Parte III). Confirmando suas próprias

palavras, o desenvolvimento dos temas revela um emérito conhecedor da realidade catarinense de então. Para facilitar o entendimento, o livro contém uma planta parcial da Capitania traçada pelo próprio Autor.

Mergulhando em nossa História, descreve a seguir o descobrimento da Ilha de Santa Catarina por João Dias de Solis, “navegante hábil daqueles tempos e então piloto-mor da Espanha”, de onde “se colige claramente que a baía onde ele fundeou, e que nomeou – dos Perdidos – é aquela mesma compreendida pela Ilha de Santa Catarina e pela terra firme adjacente” (p. 48). Prosseguindo, descreve os indígenas que habitavam a terra, seu primeiro donatário, Pedro Lopes de Sousa, e o primeiro povoador, Francisco Dias Velho Monteiro, e seu trágico destino. Ele “fundou o primeiro estabelecimento no lugar em que hoje (está) edificada a Vila Capital” (p. 59). Nesse local, em 26 de março de 1726, foi criada a Vila “com invocação do Desterro, que ainda hoje conserva” (p. 64). Aborda a seguir a criação da Capitania e sua colonização.

Na segunda parte, faz minuciosa descrição física e política da Capitania, seu governo e administração pública, população, produção nos três reinos da natureza, finanças, força militar, educação, caráter e costumes dos habitantes, além de vários outros aspectos. Salientando a importância da Capitania, não obstante o seu atraso em alguns setores e as dificuldades naturais, tece longos elogios ao seu povo, enaltecendo suas qualidades, inclusive das mulheres, desejando que “ela nunca (seja) cedida a alguma nação estrangeira, nem ocupada temporariamente pelas suas tropas” (p. 173). É, portanto, um livro ilustrativo e otimista sobre o futuro de nosso Estado, vaticínio que, acredito, seu povo soube concretizar.

“Memória Política” mereceria circular em todo o território do Estado e, mais ainda, fora dele, onde nossas coisas em geral são mal conhecidas. Sua leitura levaria informações importantes, mostrando facetas que vão muito além das praias, do turismo e das tão divulgadas festas.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma Revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de materiais da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

O periódico, registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

É formada por um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias devem estar preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); As notas de conteúdo devem constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto; Os artigos devem ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando preferencialmente resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Comentários e críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Publicação de documentos oficiais que sejam de interesse à História regional.

Crônicas do cotidiano

Contempla autores que narram sob a forma de crônicas e aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngüe, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para português.

Entrevistas

Trata-se de depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas além de vir no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. O Conselho Editorial se reserva ao direito de publicar ou não os textos encaminhados a sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da Revista, referente ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores;

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Exemplares avulsos: R\$ 12,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação R\$ 100,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo). De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2009 (Tomo 50).

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 5203-5. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - - Fone: (47) 3326-6990 - Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br



Arquivo Histórico
José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial
museudafamiliacolonial@fcblu.com.br

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Escola Nº 1

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte
de Blumenau
mab@fcblu.com.br

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação
Documentação e
Referência em Leitura
editora@fcblu.com.br

www.fcblu.com.br



ESPAÇOS PÚBLICOS: Palco das Potencialidades Juvenis

[...] quando afirmamos que se explicitam no cenário público questões do social e não só do exercício político, estamos afirmando que a juventude, apesar de institucionalizada em seu curso da vida a partir do projeto civilizador da modernidade, manifesta as desigualdades a ela impostas historicamente, como gênero, pobreza e localização territorial. Como não há um exercício reflexivo por parte dos jovens, a sua prática não se caracteriza como contestação política, mas se apresenta latente nos espaços como possibilidade de novos formatos de fazer o cotidiano [...]

Extraído do texto homônimo
de Queli Flach Anschau. Página 61